E. M. DE MELO E CASTRO: «DA LITERATURA EXPERIMENTAL» (SUPLEMENTO LITERÁRIO)

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 1970 N.º 16 990 ANO 50.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

SANDIE filma calçada

Começou a ser rodado, em Londres, um filme musical («Gypsy Eyes») que apresenta como vedeta a famosa cançonetista Sandie Shaw.

O insólito está, exactamente, no novo ar da intérprete de «Puppet on a string»: aparece sempre calçada, sem óculos e de longos cabelos negros. O papel que interpreta possibilita-lhe cantar seis melodias: todas da autoria de Chris Andrews, de quem se diz estar enamorada. **(Ler na segunda página).**

FRUTA: MUITOS EXPORTAM POUCO

Criado em 4 de Julho de 1933, o Grémio do Comércio de Exportação de Frutas tinha o ano passado 252 agremiados. Mesmo não contando com as admissões em 1969, pode concluir-se, portanto, que havia em Portugal 252 exportadores de frutas.

Acontece, porém que tudo isto é demasiado teórico para ser posto nestes termos, porque, dos inscritos no Grémio, apenas cerca de meia centena se dedicam à exportação de frutas (verdes e secas), enquanto os restantes canalizam a sua actividade de preferência para o comércio de produtos hortícolas.

Segundo um exportador, esta situação é um tanto contraditória E explica não se compreende que inscritos num Grémio do Comércio de Exportação de Frutas se dedi.quem exclusivamente a exportar produtos horticolas, derivados e concentrados de tomate, etc

Estará certo? Bem, deve dizer-se que no ambito do Grémio cabe toda esta gama de actividades, de modo que se pode concluir que tudo está certo do ponto de vista legal No entanto, o Grémio vem, desde há anos, a insistir na urgência em reformar a sua legislação, e ainda no relatório de 1968, publicado o ano passado, se acentuava essa necessidade depois de recordar que *«é este o 36.º ano de existência do Grémio, sempre gerido pelos mesmos estatutos, apesar da constante e permanente evolução dos sistemas de exportação e das exigências cada vez maiores dos mercados importadores»*

Efectivamente os estatutos actuais permitem uma situação que o Gremio denuncia, no mesmo relatório nos seguintes termos. *«Não se entende que para se exportarem 5 milhões de quilos de fruta verde, 2 milhões de quilos de frutas secas e 15 milhões de quilos de produtos horticolas, existam inscritos no Grémio, em 1968, 252 exportadores. Em face de numero tão exagerado de exportadores, a maior parte dos quais sem estar devidamente apetrechados para a exportação verifica-se que, na exportação total de 167 mil contos, efectuada em 1968 houve 68 firmas que nada exportaram, 72 que exportaram menos de 100 contos, 36 que exportaram menos de 500 contos e apenas 58 que exportaram mais de 500 contos»*

(Continua na página seguinte)

36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Os exportadores de frutas (alguns, pelo menos) sabem que os mercados internacionais são cada vez mais exigentes. Mas também é verdade que essas exigências (melhores embalagens, selecção cuidada, etc.) começam a dominar os mercados internos. Estarão os responsáveis pelo comércio de frutas, preparados para responder a todas as exigências?

Represálias contra Israel

—pedem os egípcios após alegado bombardeamento de uma escola em que morreram 30 crianças

CAIRO, 9 — (R.) — O presidente Nasser encontra-se perante pressões cada vez maiores no sentido de ordenar ataques aéreos de represália contra Israel, em consequência da vaga de indignação popular provocada no Egipto pelo bombardeamento de uma escola primária em que morreram trinta crianças.

A Imprensa egipcia acusa Israel de barbarismo devido ao ataque com bombas e foguetões feito ontem por aviões israelitas a uma escola no delta do Nilo. As aulas do dia tinham começado há pouco, quando a aviação atacou reduzindo a escombros o edifício de um só piso e provocando o mais elevado numero de crianças mortas desde a guerra dos seis dias.

Um professor também morreu e mais 40 crianças e 30 adultos ficaram feridos durante o ataque aéreo a Bahr El Bakr, uma aldeia situada a 30 quilómetros a oeste do Canal de Suez.

Jornalistas que visitaram o hospital de Huselnda, perto da aldeia bombardeada, viram os corpos mutilados de crianças dos 8 aos 14 anos que os pais procuravam identificar na morgue.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

(LER NA 2.ª PÁGINA)

«Só os Governos incapazes se não acautelam»

—disse Marcello Caetano na sua comunicação ao País (Pág. 13)

FRUTA PORTUGUESA NOS MERCADOS EXTERNOS

(Continuação da pág. anterior)

Posta nestes termos a situação é grave a que se dedicam as 86 firmas que nada exportaram? Mais para que existem firmas com um movimento que não chega aos 100 contos anuais? É certo que tudo se refere a 1968, mas também é verdade que a situação se mantem

É e opinião generalizada entre os exportadores a necessidade de resolver este problema de base, numa altura em que muitos outros problemas põem á prova a capacidade dos exportadores portugueses Veremos alguns

Num artigo sobre «Embalagem e expedição de fruta», publicado no n.º 328 do «Serviço Informativo da J. N F.» e reproduzido recentemente no boletim do Grémio da Lavoura do Cadaval, o eng.º A. J Costa Pires acentuava: «*As Estações Fruteiras, devidamente enquadradas no sector da comercialização, podem constituir valiosos pontos de apoio á melhoria das técnicas de venda. Embora sejam influenciadas pelas solicitações externas, têm possibilidades de contribuir para a alteração real do panorama vigente, mas podem também, acompanhar o estado de coisas numa situação deprimente e de verdadeiro atraso fruticola A sua quota-parte de responsabilidade na economia de uma nação, valorizando produtos da terra, é, pois, da maior importancia*»

E SE NÃO FOSSEM AS CASTANHAS?

No relatório do Grémio referente a 1968 pode ler-se: «Foram as castanhas, com menos dum milhão de quilos que no ano anterior, largamente contribuiram para a redução da exportação das frutas verdes Na realidade, exportaram-se menos 1 575 636 quilos que no ano de 1967 É de lastimar que nem a exportação de melões nem a de uvas possa trazer qualquer compensação, uma vez que há anos a esta parte, mercê da ausência de transportes adequados, a exportação desta fruta não regista qualquer evolução»

Na verdade — e o Grémio reconhece-o lamentando — a exportação de fruta verde depende «*do binómio produção-exportação de castanhas*», ao qua, coube mais de metade do volume exportado em 1968 (nada menos que 3 983 740 quilos de um total de 5 276 954)

Quanto á exportação de frutas secas, registou-se no mesmo ano um pequeno acréscimo de 273 toneladas, devido essencialmente ao aumento de exportação de avelãs No grupo dos produtos horticolas verificou-se um aumento de cerca de duas mil toneladas em relação ao ano anterior graças ao impulso na exportação de batata

Mas interessa realçar que as castanhas nos aparecem á frente de todos os outros produtos Alguns exemplos tirados do relatório do Grémio de 1968, respeitantes a frutas verdes e referidos a quilogramas: alperces — 415; ameixas — 57 194; cerejas — 50 956; laranjas — 18 542; limões — 3548; maçãs — 129 812; melões — 488 363; peras — 113 565; peros — 10 964; pêssegos — 17 486; tangerinas — 784; e uvas — 395 028 Na exportação de frutas secas, os valores mais elevados referem-se ao miolo de amêndoa (834 133 quilos), aos pinhões (339 000 quilos) e ás avelãs (242 845 quilos) No grupo «produtos horticolas» que abrange tambem a exportação de azeitonas e pimentão, salientam-se: batatas — 9 823 663 quilos; azeitona preta — 2 856$70; cebolas — 2 424 743; e azeitona recheada — 1 066 152

Os mercados importadores situam-se em mais de três dezenas de paises A maior parte, no entanto, tem uma importancia reduzida e só o Brasil merece referência especial: 2 992 825 quilos de frutas verdes (só de castanhas foram 2 728 200) 324 786 de frutas secas e 1 681 520 de produtos horticolas Também o Ultramar constitui mercado importante 1 206 156 quilos de frutas verdes (predominio das maçãs com 355 843 quilos) 182 966 quilos de frutas secas e 9 657 944 quilos de produtos horticolas Este ultimo numero representa um aumento de cerca de três mil toneladas em relação a 1967 e nos ultimos anos só em 1964 foi ultrapassado, tendo atingido mais de 15 mil toneladas

AS EXIGÊNCIAS DOS MERCADOS AGUARDAM RESPOSTA

Os números apontados são suficientes para concluir que é (ainda) escassa a exportação portuguesa de frutas Esta vem a ser, aliás, a opinião do Grémio, que no seu último relatório acentua o pequeno volume de exportações perante «um numero tão exagerado de exportadores, a maior parte dos quais sem estar devidamente apetrechado para a exportação

Por outro lado, deve notar-se que o Grémio, desde a sua criação, tem sido sempre gerido pelos mesmos estatutos, «apesar da constante e permanente evolução dos sistemas de exportação e das exigências cada vez maiores dos mercados importadores onde a competição por ser cada vez mais forte, exige dos exportadores grande capacidade técnica e financeira, só possiveis em regime de concentração de empresas».

É certo que as modernas técnicas de comercialização das frutas não interessam apenas aos mercados estrangeiros, e é sem dúvida a pensar nos mercados internos que o eng Costa Pires escreve no já citado artigo: «Está praticamente banida a apresentação da fruta em canicos e cabazes, tendo como material de protecção as ervas crescidas no proprio pomar. É quase regra geral encontrar-se a fruta calibrada e mesmo separada em lotes de mesma qualidade, em nitido caminhar para a sua classificação nas categorias fixadas internacionalmente

Mesmo em relação a nós é o minimo que se pode pedir, mas os exportadores têm uma infinidade de exigências a respeitar No mesmo artigo, o eng Costa Pires recorda algumas: os ingleses preferem o pêssego rijo e bem colorido; os alemães dão preferência à maçã «*Golden Delicious*» de cor verde polpa estaladiça, mesmo pouco adocicada; os franceses do norte aceitam melhor as maçãs «*Golden*» de cor amarela pálida e de polpa firme, enquanto os do sul as preferem amarelas, mesmo de polpa pouco rija Também no que respeita ao tamanho dos frutos e ao tipo de embalagem e modo de acondicionamento as exigências variam de região para região Assim por exemplo o mercado inglês pretende as maçãs em caixas telescopicas de cartão, com os frutos dispostos em placas alveolares moldadas (*traypack*) e que garantem um peso liquido de 18.5 quilogramas, enquanto os comerciantes alemães que ainda há pouco preferiam as embalagens de madeira passaram a interessar-se pelas de cartão.

Seja como for, não é possivel fugir às exigências dos mercados internacionais nem adianta desconhecê-los Poderão os exportadores portugueses dar a resposta adequada?

Os problemas são complexos e tendem a complicar-se cada vez mais Não se trata apenas de corresponder às exigências de escolha dos frutos, sua calibragem e embalagem A concorrência (sobretudo por parte da Espanha, Itália e França) nos mercados europeus é cada dia mais apertada e a resposta que os nossos exportadores têm para lhes dar em 1970 é a mesma de há trinta anos atrás, processos antiquados de carga e descarga, dificuldades de manuseamento das cargas nos cais de embarque, falta de pessoal, poucos navios de transporte impossibilidade de alargar os mercados actuais (muito reduzidos) e de conquistar novos mercados

Dentro de pouco tempo, o Grémio vai submeter à apreciação dos associados o relatório de 1969 de acordo com os respectivos estatutos Insiste-se os estatutos estão há muito ultrapassados e enquanto o tempo corre os exportadores de frutas continuam a esperar a solução adequada para os seus problemas. «Através de novos estatutos do Grémio cujo projecto, depois de actualizado por diversas vezes, foi em 2 de Abril de 1968 entregue na Corporação do Comércio»

Sandie Shaw: 1400 contos para filmar (calçada)

Sandie Shaw e o seu «galã» (John Heathmore) numa cena de «Gypsie Eyes»

«Gypsy Eyes», marca o aproveitamento cinematográfico da enorme popularidade da cançonetista inglesa Sandie Shaw, a intérprete que no Eurofestival efectuado em Viena de Austria conquistou o juri com «Puppet on a string», com uma atrevida mini-saia... e com os pés descalços.

Pois Sandie Shaw está agora nos estudios da Pinewood a viver um apaixonante romance de amor com o autor de grande numero das suas criações (Chris Andrews) e a desempenhar, na tela, o papel de uma caixeirinha de grandes armazéns que se toma de amores pelo empregado da secção de sapataria.

Os acompanhamentos musicais pertencem a uma orquestra dirigida por Ken Wordman e, segundo afirma «manager» de Sandie (a esperta Evelyn Taylor), «Gypsy Eyes», deve render á ex-cançonetista descalça, cerca de duzentas mil libras (1400 contos).

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

PAULO VI RECLAMA A JUSTA APLICAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO

CIDADE DO VATICANO, 9 — (F. P.) — Paulo VI recebeu os dirigentes do Movimento Mundial dos Trabalhadores Cristãos, presidido por Tibor Sulik, que agrupa centenas de milhares de filiados em movimentos operários cristãos. «Este mundo é duro para muitos trabalhadores», disse o Papa, «e em primeiro lugar para todos aqueles — e muitos são — que não conseguem empregar-se utilmente, ser admitidos num oficio que corresponda ás suas aspirações e utilize as suas capacidades e para todos os que são vitimas das mutações que hoje abalam a civilização industrial e vêem desaparecer o seu emprego. Enfim para todos aqueles que são obrigados a deslocar-se e a emigrar, com a sua familia, sem que lhes sejam garantidos um mínimo de estabilidade e uma justa aplicação da legislação do trabalho. Fizemo-nos, como sabeis, perante a Organização Internacional do Trabalho, em Genebra, no dia 10 de Junho o porta-voz deste grito que continua a soltar a humanidade sofredora.»

«Mas quem poderá descrever também o desespero moral e espiritual desses milhões de homens que têm a noção de que estão presos a um sistema que não compreendem, cuja finalidade não atingem, e que não entrevêem, para além dos anseios humanos demasiado frequentemente vãos, nenhuma esperança libertadora?

«Quem não verá então, queridos filhos, a amplitude da tarefa que cabe a todos os trabalhadores cristãos? Dar resposta ás interrogações fundamentais do homem; vencer a hostilidade e a desconfiança que o afastam ainda, frequentemente, da Igreja; dar ao mesmo tempo com humildade e audácia, provas de amor desinteressado aliado ao fervor de uma fé inabalável em Cristo redentor — tal é a mensagem libertadora de esperança cristã que vos compete dar hoje aos vossos irmãos.»

PRESO EM ELVAS O ASSALTANTE DUMA «BOUTIQUE»

Augusto Martins das Neves, um dos assaltantes que, por arrombamento, penetrou, há dias, numa «boutique» da Rua Serpa Pinto, foi preso em Elvas.

Confessou que fez parte do assalto àquele estabelecimento, de onde roubou um cofre portátil com cerca de 20 mil escudos e um cheque de 900$00.

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Interior

O ministro do Interior reuniu-se hoje de manhã no salão nobre do Ministério com os governadores civis do continente e dos distritos autónomos das Ilhas Adjacentes.

A reunião prolonga-se por dois dias e a sua agenda inclui assuntos políticos, administrativos, sociais e de segurança.

A sesão de hoje de manhã, dedicada a problemas de ordem política, teve a presença do presidente da Comissão Executiva da Acção Nacional Popular.

Na da tarde, participou o dr. Pires de Lima, director-geral da Direcção Política e Civil.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

DEFY
Um cofre-forte
Nunca uma tal precisão
tão bem protegida
ZENITH

TURQUIA

O GOVERNO DE DEMIREL ENFRENTA GRAVES PROBLEMAS ECONÓMICOS E SOCIAIS

ANKARA — Antes ainda de decorrido um mês sobre a investidura do novo Governo de Sulyman Demirel, o clima político continua a deteriorar-se na Turquia. O atraso na aplicação do orçamento do ano em curso, que esteve na origem da recente crise governamental, agrava incessantemente os problemas económicos e sociais.

É certo que as dificuldades económicas e o mal-estar social não são novos neste país, mas os diversos elementos da população começam a protestar abertamente contra as injustiças. Graças a uma maior liberdade de expresão, os estudantes radicalizam-se e os funcionários entram em greve. Enquanto o desemprego alastra pelas cidades e pelo campo, os camponeses apoderam-se das terras dos grandes proprietários e os operários ocupam as fábricas. Esta situação colocaria o regime parlamentar em perigo, caso não se adoptasem medidas rigorosas.

Na véspera da crise governamental Demirel já tinha reconhecido a necessidade de medidas «impopulares». Contudo, sente-se perturbado pelas divergências no interior do partido, onde a sua autoridade é contestada por um certo numero de deputados. Por outro lado acusam-no de ter deixado que os irmãos se servissem do seu nome para conseguirem, mediante irregularidades legais, obter créditos junto dos bancos de Estado. Censuram-lhe, também, ter conseguido o voto de confiança para o novo governo, graças a métodos, pelo menos contestáveis, como a corrupção de um certo numero de deputados.

Soluções extraparlamentares?

Nestas condições, há quem se sinta inclinado a pensar que o parlamentarismo turco, incapaz de resolver os problemas do país, se reduz a tratativas duvidosas e que a via do saneamento tem que procurar-se noutro sistema. A formação principal da oposição, o Partido Republicano Popular, permanece, contudo, ligado ao sistema. As suas tomadas de posição contra as estruturas arcaicas e a «*ordem económico-social existente*» situam-no à esquerda do Partido da Justiça. O P. R. P vê o futuro da Turquia na realização de uma «*sociedade industrial*», que seria independente da dominação económica estrangeira. A extrema-direita nem sequer põe o problema de saber se o parlamentarismo serve ou não. Para ela, a lei coranica, que representa uma terceira via entre o capitalismo e o socialismo, poderia ser a solução para todos os problemas do país.

Na outra extremidade do tabuleiro político, o partido operário turco, enfraquecido pelas suas divisões internas preconiza acesso dos socialistas ao poder, graças aos sufrágios populares. Mas a estratégia preferida pela maioria dos grupos da extrema-esquerda e, nomeadamente pelos estudantes revolucionários é a da «*revolução democrática nacional*». A finalidade desta revolução seria acabar a obra começada por Ataturk e abandonada depois da aliança entre os «kemalistas» e os socialistas. Esta etapa, vencida com o apoio do exército, permitiria que se passasse ulteriormente ao socialismo.

O exército não é, aliás, cortejado unicamente pelos partidários desta doutrina. O governo presta-lhe a maior atenção, fazendo beneficiar os seus quadros de um nível de vida nitidamente mais elevado que o das outras categorias de funcionários. Contudo não há nada mais difícil que prever o seu comportamento político. Não é militante, no sentido estrito do termo, mas constitui uma força progressista muito ciosa de proteger as conquistas do «*kemalismo*». Por isso estará disposto a seguir pelo menos até certo ponto, os partidários da «*revolução democrática nacional*»

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Nota do dia

A PANELA A FERVER

A COMUNICAÇÃO DO CHEFE DO GOVERNO, anunciada à última hora e pronunciada ontem à noite, foi dominada pelo tom geral de ter assumido a forma de advertência e como tal não pode deixar de ser entendida. Posição manifestamente de emergência («não quero ser ditador»), impulsionada pelas circunstâncias, ela visou em particular, como o identificou, «o chefe de uma das facções vencidas» das últimas eleições. Evidentemente, sem lhe pronunciar o nome, toda a gente entendeu quem estava a ser visado, tanto mais que, nos últimos dias, de vários lados, haviam soado os sinais de alarme no mesmo sentido.

Todo o discurso foi consagrado à análise dos aspectos de inquietação que se possam verificar no ambiente, a era de contestação geral que corre o mundo e de que chegam cá os reflexos, aqui e ali, nas escolas, nas instituições, nos serviços, onde o Chefe do Governo apontou a presença de «minorias activistas» que tudo põem em causa ao mesmo tempo. Não se trata, porém, ao menos no conceito tradicional, de grupos constituídos, de pressão de alguma corrente organizada ou desejosa de o ser. Mas é realmente uma vaga que vem de longe, que salta fronteiras, não conhece obstáculos.

Tudo isto se situa no meio de vários limites: a tradição do método que se instalou e vigorou nas últimas quatro dezenas de anos; a pressão dos que permanecem fiéis às concepções correspondentes a esse período; as características inevitáveis de um clima de guerra que de facto existe e não se pode ignorar nem nas suas causas nem nas suas consequências. E aí o Chefe do Governo adopta a posição que o Poder, onde quer que ele esteja, chama a si no sentido de defender o seu quadrado e advertir aqueles que se lhe opõem. O argumento seria o inevitável, isto é, que tal se faz em nome da legalidade estabelecida.

Deve-se a Marcello Caetano (devem-no mesmo quantos se sintam discordantes da linha geral da sua política ou de pormenores da sua acção) o reconhecimento do seu desejo de não ignorar os problemas nem fingir que os ignora, mostrando-se adepto de que mais vale pôr as cartas na mesa e aceitar o jogo. O País, na sua consciência, só ganhará com isso, porque a falar é que a gente se entende. Claro que o Poder, quando aceita essa espécie de jogo, tem consigo a segurança de dispor de trunfos bastantes para não se arriscar. Já se sabe. Mas é esse o jogo: joga os trunfos do Poder.

Esta espécie de diálogo que se tem tentado estabelecer na vida portuguesa, após a investidura do actual Chefe do Governo, não é tempo perdido. É prática que se ganha. Quando se festejou essa investidura e cada um fez a sua interpretação das palavras dirigidas ao País, pareceu-nos adequado sublinhar, como aliás aqui se tem feito mais de uma vez, que o regime não mudou, que a Constituição é a mesma, que os objectivos são os mesmos. Houve, sim, a adopção de novos métodos, entre os quais se incluiu o que pode representar-se na imagem de levantar a tampa da panela para evitar a acumulação de vapores. E se se abrandasse ligeiramente o lume?

RECTÂNGULOS DA VIDA

A MELHOR VISTA DE MAR

Realize os seus projectos através do crédito individual, dizem-me no jornal de hoje ou de há oito dias ou de há quinze, já não sei. Compre dois casacos pelo preço de um, eis uma sugestão cheia de interesse. Decida hoje o amanhã do seu filho, oferecendo-lhe um título de ocupação, aconselham-me. Escolha o seu apartamento ou moradia. E até: faça chover quando lhe apetecer, vejam lá onde chegámos. Fale línguas. Compre a melhor vista de mar.

Passo adiante de todos os conselhos oferecidos pela módica quantia de quinze tostões, mas este da vista de mar faz-me crescer água na boca. A ideia é sedutora como tudo, lá isso é. A melhor vista de mar, vejamos, chegar a uma janela até etnão sem horizontes ou de horizontes próximos (a largura de uma rua), e ir por aí adiante, sem prédios interpostos, não era mesmo maravilhoso? Aqui onde estou, preciso de uma bússola para saber de que lado fica o rio-mar e o sul, ou o oceano e o ocidente. Uma bússola, é isso. Hei-de comprá-la um dia destes, mesmo sem nenhum anúncio a sugerir-me, a aconselhar-me a sua compra. Claro que a imaginação também serve, neste caso de barco parado pode ser a melhor e a mais barata e a mais compreensiva das bússolas. Fecho os olhos e aí está o mar, todos os mares que conheço e que na verdade não são muitos, todos os rios que conheço e o Tejo que devia ser meu, e só encontro às vezes, ao domingo, muito para lá de Lisboa onde já não é bem rio e ainda não é bem mar.

É portanto útil ler os anúncios, mesmo para ficar a pensar na melhor vista de mar que vai haver quem compre um destes dias. E vou sonhando que o prédio em frente e o outro e o outro não existem, e que aí, para além das vidraças, fica a melhor vista do mar. De todos os mares de Portugal? da Europa? Do mundo?

Do mundo, evidentemente.

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

COMPANHIA EUROPEIA DE SEGUROS

Sede: Rua do Crucifixo, 40-2.º — Lisboa

Para os devidos efeitos se faz público que, em Assembleia Geral Ordinária realizada em 18 de Março de 1970, foram reeleitos seus Administradores, para o triénio de 1970 a 1972 os Exmos. Snrs. Conselheiro Gilberto Magno de Beça Aragão, Comandante Policarpo Galeão Roma e Robert Gigon.

Lisboa, 19 de Março de 1970.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) **Jaime do Rego Afreixo**

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

popfado
Helder Martins (com x—77)
+Rueda e Ayres

cédamel
A última palavra em laboratórios para ensino audio-visual.
Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
RUA NOVA DO ALMADA, 86-87 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 210 — PORTO

FIOS DE AMIANTO
Simples e armados, ensebados e gratilados
LUSOSITE
Rua Armando Cardoso, 119
PORTO
TEL. 44637

RESTAURANTE
HOTEL D. FUAS
Ó LACERDA
Sempre marisco vivo no seu viveiro dentro do Salão
Único no País
Tel 46351 NAZARÉ

VALORIZE
OS SEUS NEGÓCIOS
(E OS SEUS ÓCIOS)
FALE COM PRAZER
LÍNGUAS
CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS
Praça Luís de Camões, 56-3.º
LISBOA — Chiado — Tel. 34 000

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

Em colaboração com o Teatro Nacional de S. Carlos

TEMPORADA DE ÓPERA DE 1970

(Maio, Junho e Julho)

Dedicada aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais C. A. T. e C. R. P.

COMPANHIA PORTUGUESA DE ÓPERA DO TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

CARMEN de Bizet — LA RONDINE de Puccini — CAVALLERIA RUSTICANA de Mascagni — RITA de Donizetti

MADAME BUTTERFLY de Puccini — FAUSTO de Gounod

(Serão dadas 6 récitas de cada ópera)

Maestros Directores: Álvaro CASSUTO, Manuel Ivo CRUZ, Silva PEREIRA
Encenações de Gino BECHI, Álvaro BENAMOR Jean Louis CAUSSOU
Assistente de Encenação: Pizani BURNAY
Maestros de Coro e Substitutos: Mário PELLEGRINI e Carlo PASQUALI
Assistente: Ascenso de SIQUEIRA
Grupo de Bailado de Anna MASCOLO — Primeira Bailarina e Coreografa Anna MASCOLO

ELENCO

(Por ordem alfabética)

Teresa BARBIERI, Raquel BOTELHO, Helena CLAUDIO, Maria de Lourdes COUTINHO, Suzete DIAS, Ana LAGOA, Isabel MALLAGUERRA, Helena Pina MANIQUE, Manuela PIÇARRA, Maria da Conceição RAMOS, Sara ROSA, Elsa Maria SAQUE e Zuleica SAQUE + + Hugo CASAIS, Manuel DIAS, Luís FRANÇA, Armando GUERREIRO Carlos JORGE, Guilherme KJÖLNER, Manuel LEITÃO, António MAGALHÃES, Álvaro MALTA, João PESSANHA, João ROSA, Mendes dos SANTOS, Honorato de SOUSA João VELOSO e Paulo VIANA

Orquestra de Ópera da Emissora Nacional
Coro do Teatro Nacional de S. Carlos

Maquetes de: Óscar CASERO, A. FURIGA e Manuel LIMA. Cenários de: A. FURIGA, Manuel LIMA e José MANUEL

Director de Palco: Edith MOUTINHO

Guarda-roupa: Teatro Nacional de S. Carlos, Peris Hermanos e Teatro da Trindade

Cabeleiras da Casa Victor Manuel

Contra-regra: Manuel de CASTRO — Sonoplastia: Raul AGUILAR
Maquinista-chefe: Joaquim ESTEVES — Electricista-chefe: António FERREIRA

ESTREIA DA TEMPORADA A 2 DE MAIO COM A ÓPERA «CARMEN», DE BIZET

PREÇOS POPULARES

Serviço da Bilheteira

Antigos assinantes — de 14 a 17 de Abril
Novos assinantes — de 19 a 22 de Abril
Avulso — A partir de 23 de Abril

Espectáculos para maiores de 12 anos

A Bilheteira está aberta todos os dias a partir das 13 horas

Todos os espectáculos têm início às 21 e 15 horas

O licor aristocrata feito a base de Whiskies velhos

Importado directamente da origem

AGENTES: J. A. DA COSTA PINA, LD.ª — Lisboa
COSTA PINA & VILAVERDE — Porto

Laura Alves na comédia francesa «Pobre Milionária»

Bem pode afirmar-se que Laura Alves se encontra no apogeu da sua magnífica carreira de comediante que a distingue como actriz ímpar no plano teatral da língua portuguesa: na apaixonante comédia francesa «Pobre Milionária», a notável vedeta interpreta uma atrevida e impetuosa personagem (a «Coco») tão terna como desmiolada, tão arrogante como impulsiva.

Produzida por Vasco Morgado, a comédia parisiense «Pobre Milionária» é um original de Marcel Mithois encenado por Armando Cortez e interpretado por um fabuloso cartaz: Laura Alves, Paulo Renato, Rui de Carvalho, Canto e Castro, Armando Cortez, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Fernanda Alves, Carlos Paulo, Alice Carla e António Semedo.

Todas as noites (pelas 21 e 45) o Teatro Monumental é o centro da alegria lisboeta: é lá que Laura Alves oferece um verdadeiro espectáculo de risota ao espectador mais sorumbático e neurasténico.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

CASA DA IMPRENSA

SARAU PARA ENTREGA DOS PRÉMIOS DA IMPRENSA DE MÚSICA E BAILADO

(com o patrocínio da Fundação Gulbenkian)
Segunda-feira, 13, ás 18 e 30, no TIVOLI

PROGRAMA

1.ª PARTE

ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

Sob a regência de **Mário Benzecry**

Solistas

Maria João Pires Nöth (piano)
Helena Cláudio (canto)
Elsa Saque (canto)

2.ª PARTE

GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO

«O TRONO», de Carlos Trincheiras

3.ª PARTE

ENTREGA DE PRÉMIOS DA IMPRENSA

Bilhetes á venda no Tivoli: Plateia, 40$00 1.º Balcão, 45$00 e 35$00; 2.º Balcão, 25$00 e 20$00.

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

UMA CENTENA DE ARTISTAS NO SARAU DE ENTREGA DOS PRÉMIOS DA IMPRENSA DE MÚSICA E BAILADO

Um dos momentos mais interessantes do espectáculo que a Casa da Imprensa, com o patrocínio da Fundação Gulbenkian, apresenta na segunda-feira, ás 18 e 30, no Tivoli, vai ser certamente o da actuação da cantora Helena Cláudio. A jovem artista vai interpretar uma célebre ária de concerto, de Mozart, que até agora se tem mantido inédita no nosso País. Por isso, foi necessário mandar vir do estrangeiro as partes de orquestra desta ária, para que a Orquestra de Camara Gulbenquian possa acompanhar Helena Cláudio. Esta, já cantou, em Itália, aquela ária, mas só com acompanhamento de piano. A orquestra, sob a direcção de Mário Benzecry, e a solista, já estão a ensaiar aquela obra de Mozart.

Na primeira parte do sarau actuará também a pianista Maria João Pires Nöth, que tocará, com a orquestra, o «Concerto n.º 2», de Beethoven. A cantora Elsa Saque colaborará igualmente nesta primeira parte do espectáculo.

Na segunda parte do programa, o Grupo Gulbenkian de Bailado dançará «O Trono», de Carlos Trincheiras, coreógrafo que obteve enorme êxito com esta sua ultima obra há pouco estreada no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian.

Na ultima parte do espectáculo serão entregues os prémios aos artistas que, nos domínios da Musica e do Bailado, mais se distinguiram no ano passado. Como se sabe, aqueles prémios foram atribuidos a Maria João Pires Nöth, Helena Cláudio, Elsa Saque, Ana Máscolio, Isabel Santa Rosa, Raquel Roby, Carlos Trincheiras e Armando Jorge.

Cerca de uma centena de artistas, entre musicos, cantores e bailarinos, colaboram no espectáculo da próxima segunda-feira, ás 18 e 30, no Tivoli.

Os bilhetes, a preços módicos, para que se atinjam objectivos de divulgação cultural, estão á venda nas bilheteiras do Tivoli.

Atrás do reposteiro

- *A companhia de Henrique Santana estreia-se no domingo em Luanda, com a peça «Amor-68».*
- *Ingressou no elenco do ABC a jovem actriz Delfina Cruz.*

Ondex

REPRESENTAÇÕES ELECTRÓNICAS, LIMITADA

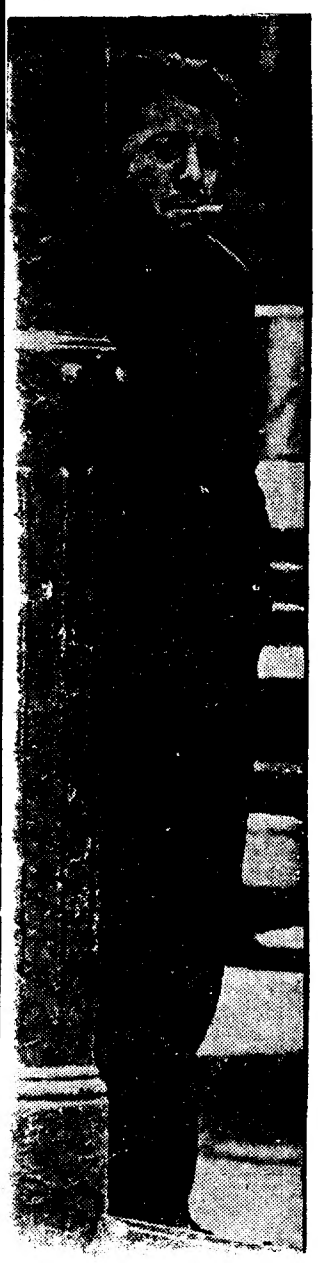
- Equipamento de telecomunicações para Exército, Marinha e Força Aérea
- Instrumentos de medida para laboratórios de rádio
- Estações de T. S. F. para navios
- Equipamentos de som
- Acessórios de rádio

ESCRITÓRIOS:
CAMPO DAS CEBOLAS, 40 (r/c., 1.º e 2.º)
Telefones: 86 15 11 — 86 47 88 — 86 47 89
LISBOA-2

SERVIÇOS TÉCNICOS:
ARCO DE JESUS, N.º 5 — LISBOA-2

DINERS CLUB PORTUGUÊS
em colaboração com o
BANCO DO ALENTEJO
Um crédito sempre aberto para todas as suas despesas

MELHOR FILME DO ANO
(ACADEMIA INGLESA DE CINEMA)
MELHOR FILME DO ANO
(OSCAR DA ACADEMIA DE HOLLYWOOD)
MELHOR REALIZADOR
(OSCAR DA ACADEMIA DE HOLLYWOOD)
MELHOR ARGUMENTO
(OSCAR DA ACADEMIA DE HOLLYWOOD)
ESTES SÃO ALGUNS DOS 11 PRÉMIOS CONFERIDOS AO MAIS IMPORTANTE FILME DA ACTUALIDADE!
O COWBOY DA MEIA-NOITE
"MIDNIGHT COWBOY"
DE JOHN SCHLESINGER
COM
DUSTIN HOFFMAN
JON VOIGHT
UM ÊXITO INVULGAR EM
2.ª SEMANA
NO
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
SO GO United Artists
ADULTOS



COLISEU
HOJE, ás 21.45 horas
(Maiores de 6 anos)
Grandioso espectáculo de variedades a favor da
LIGA DOS COMBATENTES
com a colaboração de um grande número de artistas da Rádio e da Televisão.
Toma também parte no espectáculo a querida artista
AMÁLIA RODRIGUES

CAPITÓLIO
Telef. 32 03 79
Às 21.45 horas (M. 17 anos)
A CELESTINA
versão de A CASONA
tradução de
David Mourão-Ferreira
com AMELIA REY COLAÇO
SÁBADO e DOMINGO:
TARDE, ÀS 16 HORAS

SE TEM AUTOMOVEL
realize dinheiro, hipotecar ou transferir e alterar o seguro até 30 meses Rua D Estefania 51 1 Dt — Telef 40049 563751
Aguarda sua visita telefonema

BELA MONTRA
MÓVEIS • ESTOFOS • DECORAÇÕES
EM TODOS OS ESTILOS
RUA RODRIGO DA FONSECA, 12 a 16
TELEFONES: 534457/59

Divulgação cultural e artística do Teatro dos Estudantes da Universidade

COIMBRA, 9.

Depois do êxito alcançado na Póvoa de Varzim com a peça «O Imperador Jones», de Eugene O'Neill, encenada por Júlio Castronuovo, argentino, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (T. E. U. C.) com o objectivo da maior divulgação do teatro à escala nacional, especialmente nas localidades onde tais manifestações artísticas pouco se vêem vai dar uma série de espectáculos com a referida peça e nas seguintes datas e localidades: dia 10, em Leiria; dia 11, Alcobaça; dia 29, Covilhã, tomando parte no Festival de Teatro Amador, organizado pela Secção de Teatro do Orfeão da Covilhã; dia 2 de Maio, Abrantes, incluindo nas Jornadas Culturais promovidas pela Associação Regional para o Desenvolvimento de Abrantes.

«O Imperador Jones» será, também, levada à cena em Coimbra, na terça e na quarta-feira, no Teatro Avenida, incluído no XII Ciclo de Teatro do C. I. T. A. C., e no dia 20, no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, no Ciclo de Teatro da Queima das Fitas. Por sua vez, a Secção de Teatro de Fantoches do T. E. U. C., que já deu cerca de trinta espectáculos gratuitos para crianças, tanto em Coimbra como fora da cidade, vai, no dia 18, a Soure, onde, ás 17 horas, apresentará «O Principesinho», no ginásio da Escola Comercial e Industrial.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO CONDES

TÍTULO — «A Ovelha Ranhosa» («La Pecora Nera»).
REALIZAÇÃO — Luciano Salce, 1968 (Itália).
INTÉRPRETES — Vittorio Gassman, Lisa Gastoni, Adrienne La Russa, etc.

O «negócio» desta «Ovelha Ranhosa» ontem estreada é política. Mais precisamente o oportunismo e a corrupção nos meios governamentais italianos. Evidentemente que isto é tema escaldante e de «palpitante actualidade» como soe dizer-se. Mas, vejamos a tese da fita de Luciano Salce (que tem argumento de Ennio de Concini, A. Baracco e D. Salce): toda a política é um pantano onde se vão afogar os «puros» e os «bem intencionados». Da esquerda á direita, passando pelo centro e pelos diversos extremos tudo é um lamaçal que ninguém poupa. Só sobem os vigaristas e desse é o reino. Se a coligação governamental actualmente no poder é largamente visada, é de igual modo certo que tanto os jovens (efeminados) maoistas, como os inconstantes contestatários, tanto as jovens nações africanas, como russos e americanos todos se agrupam na mesma panela, cozinhados com os mesmos temperos. O que, está bem de ver, nem sempre é possível de fazer com justiça e paridade.

Para além disso, «A Ovelha Ranhosa» ocupa-se de alguns miseráveis desempregados ou das vítimas dos terramotos e serve-se de pessoas tão desamparadas para exercer um cómico despudorado e grosseiro que nada justifica. «A rir castiga-se», lembra o programa do Condes. Mas rir, por vezes, não é o melhor remédio. Tanto mais que procurando (procurará mesmo?) criticar o oportunismo político das esferas governamentais italianas «A Ovelha Ranhosa» mais não consegue ser do que uma comédia baixamente oportunista, jogando com todos os truques possíveis para «agarrar» o espectador: uma interpretação insuportávelmente cabotina de Vittorio Gassman, situações dubias, trocadilhos prumarissimos, «gags» grotescos e senhoras «descascadas» até onde o permite a força humana. Tudo isto conjugado com o argumento aparentemente descomprometido (mas afinal tão condescendente...) que procura demonstrar como se pode ser «*objectivo*» e muito bem diluido numa banda sonora de belo efeito (devido a Luis Henriquez), eis a receita desta «Ovelha Ranhosa» que não deixa saudades.

Resta dizer que a fita de Luciano Salce é mais uma, entre as muitas que procuraram, nos ultimos anos, reeditar o êxito popular de «A Ultrapassagem». Mas os paralelos só podem ser riscos e o publico dirá certamente de sua justiça.

LAURO ANTÓNIO

O LUSO DO BARREIRO EM FESTA

Integrado no programa das comemorações das bodas de ouro do Luso do Barreiro, estiveram ontem em actividade as secções de futebol e basquetebol, do clube em festa que defrontaram equipas representativas da C. U. F. e do Nacional de Natação.

Apuraram-se os seguintes resultados:

Luso-C. U. F.: 2-2 (futebol
Luso-Nacional: 37-50
(basquetebol)

SERVIÇO TELEFÓNICO INTERCONTINENTAL

PARA AMÉRICA DO NORTE, AMÉRICA CENTRAL, AMÉRICA DO SUL E JAPÃO

EQUIPAMENTO DE COMUTAÇÃO TELEFÓNICA
FORNECIDO E INSTALADO PELA

PLESSEY AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA

25 ANOS ao serviço das telecomunicações

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
ADULTOS
o mais moderno e confortavel de lisboa
HOJE, ÀS 21 H. E ÀS 23 HORAS

ROLANDO ALVES não se importe e até casa na comédia

O VISON VOADOR
com
RAUL SOLNADO
IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES
e a colaboração de
MARIA PAULA

DISCOTECA CIRCUITO
AS MAIS RECENTES NOVIDADES EM DISCO
AV.ª CASAL RIBEIRO, 17-A

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
TODAS AS NOITES AS 21.45 HORAS
SÁBADOS E DOMINGOS também às 16 horas
9.ª SEMANA DE ÊXITO
DA DIVERTIDISSIMA SÁTIRA
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
POR UM VALIOSO ELENCO DE MAIS DE 30 FIGURAS
(Maiores de 17 anos)
Produção de Igrejas Caeiro

A B C
T. 366745
JOSE MIGUEL
apresenta a revista
PEGA DE CARAS
com IVONE, TONI, NICOLAU, F. BAPTISTA, Óscar Acurcio, Linda Silva, Clarisse Belo e Maria Eve, à frente de um grande elenco
DOMINGO «MATINÉE»

BARROSO LOPES
no «Senhor Barata»

DORA LEAL
na «Poetisa»

MARIA VITÓRIA
ADULTOS
• UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO
UMA REVISTA DE ANIBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA, COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS
• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

• «ISTO SIM, É UMA REVISTA! diz o público»
DEPOIS DE VER E APLAUDIR:
• O PRATO DO DIA!... •
• HOJE, ÀS 20.45 E 23 HORAS
«A REVISTA ESCRITA PARA O SEU PALADAR!»
• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL
• VITOR MENDES • MARIANO FRANCO • CARLOS MIGUEL • DINA MARIA • CRISTINA CASSOLA
• UM NUMEROSO GRUPO DE JOVENS ACTRIZES
DE NOVO NESTE TEATRO PELA 1.ª VEZ NUM «COMPÈRE»
ANITA GUERREIRO • OCTÁVIO DE MATOS
E A GRANDE ATRACÇÃO FRANCESA
• SABRINA

SABRINA

O 49.º ANIVERSÁRIO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Continuam a afluir á nossa Redacção mensagens de felicitação pela passagem do 49.º aniversário do «Diário de Lisboa». Registamos hoje as recebidas do Grémio Nacional da Imprensa Diária; Sociedade Protectora dos Animais; Sindicato Nacional dos Ajudantes de Farmácia de Lisboa; Inválidos do Comércio; União dos Grémios de Lojistas de Lisboa; Associação Lisbonense de Proprietários; Junta de Freguesia da Cova da Piedade; Associação de Socorros Mutuos de Empregados no Comercio de Lisboa; jornal «Rabamar»; Grupo Tauromáquico «Sector 1»; comissão central administrativa da Liga dos Combatentes; Movierecord Portuguesa; Companhia Portuguesa Rádio Marconi; Clube Internacional de Futebol; Lisnave; delegação de Sintra da Casa dos Combatentes; agência France Presse; Shell Portuguesa; Casa das Beiras e um grupo de bancarios de Lisboa.

Igualmente nos enviaram cumprimentos os srs. almirante Sarmento Rodrigues; prof. Guilherme Rosa, director da Covina, em seu nome pessoal e nos da revista «Actividade Económica» e do «Jornal do Técnico de Contas e da Empresa»; dr. Armando de Oliveira Hagatong, vogal do Conselho Ultramarino; Carlos Barros Queirós, em seu nome e nos dos jornais «Mundo Português» e «Globo»; Emílio Correia; Joaquim Monteiro Cartas, de Almeirim; dr. Suleiman Valy Mamede, presidente da Comunidade Islamica de Lisboa; Manuel Ruy Párissi Ferreira Campos, de Santarém; José Jacinto Brás de Ervidel; Amílcar dos Santos Cesário, nosso correspondente em Alcobaça; vice-almirante Armando de Roboredo; coronel António Gomes Rocha; Manuel Jerónimo Pascoal, nosso correspondente em Leiria; prof. André Navarro; dr. Virgílio Arruda, presidente da Junta Distrital de Santarém; prof. Francisco de Almeida Carmo e Cunha; Mário Matos Rosa Duque; Eduardo de Oliveira Martins; Carlos Barbosa; José Naia, de Aveiro; Arthur Duarte; dr. Manuel Seabra, delegado da S. E. I. T. no Porto; António Coelho, director da «Belarte»; Manuel Pessoa, nosso correspondente em Cantanhede; Fernando Queirós, nosso correspondente em Valongo; Albino Dias Pereira; Francisco Ferreira, nosso correspondente em Oliveira de Azeméis, e Luís Fausto Janeia Lucas, nosso correspondente na Guarda.

Também a R. T. P. numa das edições do «Telejornal» deu notícia da passagem do 49.º aniversário do «Diário de Lisboa», acompanhada de reportagem filmada na nossa redacção e nas oficinas da «Renascença Gráfica» — gentileza que nos cumpre registar e agradecer.

Artes plásticas

Exposição de pintura de Francisco Maya

Amanhã, ás 21 e 30, é inaugurada na sala de exposições da Junta de Turismo da Costa do Sol, Arcadas do Parque, Estoril, uma exposição de pintura do artista Francisco Maya.

O centenário de Dickens comemorado em Portugal

Comemora-se este ano o primeiro centenário da morte de Charles Dickens, que vai ser lembrado não só na Grã-Bretanha como nos meios cultos de todo o Mundo. O British Council tomou a iniciativa de celebrar esta efeméride com exposições conferências, apresentação de filmes extraídos dos romances do célebre escritor, etc.

Assim, o Instituto Britanico em Portugal vai brevemente organizar uma ssesão comemorativa com uma exposição bibliiconográfica expressamente enviada de Londres e enriquecida com uma secção constituída por traduções portuguesas das obras do genial romancista.

O escritor Mário Domingues, um dos maiores cultivadores e divulgadores de Dickens em língua portuguesa, proferirá uma conferência sobre «Algumas Personagens de Charles Dickens».

Automóvel desaparecido

Foi comunicado á P. S. P., á qual deve o seu paradeiro ser comunicado, o desaparecimento, no domingo, do automóvel «Fiat» 850, BG-46-42, pertencente ao sr. José Augusto Gaspar Neves e que ficara estacionado nas Amoreiras, junto do edifício Philipps.

DR. AZEREDO PERDIGÃO

Regressou esta tarde a Lisboa, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, dr Azeredo Perdigão, que se deslocou a Itália, acompanhado da esposa.

Naquele país, depois da sua visita a Veneza, onde participou, acompanhado de sua mulher, na reunião do «Grupo Intercultural de Informação e de Coordenação para os Espectáculos e Concertos» e de, a convite do conde Vittorio Cini, ter visitado a Fundação Giorgio Cini, naquela cidade italiana, o sr. dr. José de Azeredo Perdigão visitou, demorada e atentamente, a Congregação Mekitarista de São Lázaro, em Veneza, fundada em 1717 e o Colégio Moorat Raphael, de Veneza (Liceu), importantes instituições arménias subsidiadas pela Fundação Gulbenkian.

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian seguiu depois para Roma, tendo sido ontem recebido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Aldo Moro e pelo secretário-geral do ministério.

IMPULSO DECISIVO NUM HORIZONTE MAIS AMPLO!

Associe-se connosco no impulso para a expansão sócio-económica do país.

Empregue o seu capital na construção de maior riqueza e bem-estar gerais.

CONSULTE OS NOSSOS SERVICOS:

LISBOA
Rua Mousinho da Silveira,26

PORTO
Avenida dos Aliados,58

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

«INFORMAÇÃO OBJECTIVA E INDEPENDENTE»

—DEFENDIDA PELO CHEFE DA REDACÇÃO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NUM DEBATE SOBRE IMPRENSA

Na Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos efectuou-se, a noite passada, uma mesa-redonda sobre Imprensa na qual tomaram parte João Coito e o dr. Francisco C. P. Balsemão, respectivamente chefe da Redacção e administrador dos nossos prezados colegas «Diário de Notícias» e «Diário Popular» e o dr. Vítor Direito, chefe da Redacção do «Diário de Lisboa»

A mesa-redonda, que decorreu num estilo informal perante cerca de meia centena de estudantes e jornalistas integra-se num ciclo subordinado ao tema geral da «Informação».

Apresentados os intervenientes, entrou-se logo num período de perguntas e respostas que suscitou a discussão e troca de opiniões entre os componentes da mesa, cada um falando acerca da Imprensa, segundo o seu ângulo, a sua convicção e a sua experiência profissional.

A sessão, que teve a intenção de abarcar ou tentar delimitar os diversos asnectos e questões da problemática informativa portuguesa começou a animar logo após a sua abertura — que se verificou uma hora depois da marcada em consequência da conversa televisionada do Presidente do Conselho — ao debater-se a necessidade e, as vantagens e desvantagens de um curso de jornalismo de nível universitário e as possibilidades de absorção do mercado dos profissionais saídos da escola. Todos os intervenientes se mostraram favoráveis á existência de um curso desta espécie, tendo assinalado a qualidade que daí resultaria e os benefícios que o público passaria a usufruir.

Em resposta a uma pergunta que pretendia que fossem dadas as opiniões dos intervenientes sobre qual deveria ser o papel da Imprensa em Portugal, o chefe da Redacção do «Diário de Lisboa», dr. Vítor Direito, defendeu a «informação independente, objectiva, baseada em factos» e a formação paralela e esclarecedora que pode completar esse tipo de informação.

Em jeito de conversa amena com os presentes a manifestarem o seu interesse através de numerosas perguntas de diversos assistentes, a mesa-redonda — que se estendeu assim a toda a sala — serviu ainda para esclarecer sobre a necessidade de uma agência nacional que cobrisse efectivamente o território metropolitano, acerca das correspondências dos jornais metropolitanos nos territórios ultramarinos, e conferisse o devido relevo ao noticiário dado pelos jornais do Portugal europeu sobre a África portuguesa. Focou-se ainda a ineficiência e os preços exorbitantes das comunicações entre a África e a Europa e o fracasso das edições dos jornais de Lisboa para África.

«O «Diário Popular» fez essa experiência durante três anos. Perdemos mil contos e desistimos» — disse o dr. Francisco Balsemão.

Quando um assistente inquiriu das razões por que os jornais portugueses dão um maior relevo á guerra do Vietnam do que á guerra nos territórios portugueses, João Coito comentou:

«Infelizmente, os jornais só enviam jornalistas a África quando outrem suporta os encargos ou aproveitam convites.»

A mesa-redonda terminou depois de diversos esclarecimentos generalizados sobre o funcionamento dos serviços das agências noticiosas, internacionais, o aproveitamento pelos jornais do seu material noticioso e dos serviços combinados com grandes jornais como «Le Monde», «New York Times», «France Soir» etc.

Ficou ainda demonstrada a quase impossibilidade de prever o jornal português do ano 2000 e postas questões acerca do novo equipamento de «off-set» do «Diário de Lisboa» e o seu futuro funcionamento.

No final os participantes na mesa foram aplaudidos pela assistência.

O dr. Vítor Direito (ao centro), tendo á direita João Coito e á Balsemão

O diálogo foi animado e as perguntas em catadupa...

Comemorações do 9 de A em Lisboa e noutros pontos

Como é tradicional, na passagem de mais um aniversário da batalha da La Lys, — o 52. — a Liga dos Combatentes levam hoje a efeito, em diversos pontos do País, cerimónias destinadas a enaltecer as qualidades do soldado português.

As várias cerimónias visaram, em particular, homenagear os que combateram na I Grande Guerra (1914-1918), aqueles que cumpriram missão de soberania, no decurso do segundo conflito mundial (1939-1945), e ainda quantos, desde 1961, têm lutado em Angola, na Guiné e em Moçambique.

Em Lisboa, as solenidades principiaram cerca das 10 horas, no cemitério do Alto de São João, onde junto ás catacumbas e ao monumento ao Soldado Desconhecido, se concentraram os antigos combatentes, alguns dos quais fardados e exibindo condecorações ganhas em campanha.

Concluída a concentração com a chegada das bandeiras da Liga dos Combatentes e das agências de Lisboa, Vila Franca, Sintra e Oeiras, o corneteiro Fernando Fernandes que, em 1918 tocou a cessar-fogo em França, subiu ao alto da cripta onde tocou primeiramente a sentido e depois a silêncio.

Momentos depois os antigos combatentes alguns acompanhados por senhoras visitaram os talhões dos companheiros, onde foram colocados significativos ramos de flores.

As cerimónias prosseguiram ás 12 horas com missa de sufrágio na igreja de S. José, no Largo da Anunciada, mandada dizer por iniciativa de um grupo de combatentes e expedicionários da grande guerra e do Ultramar.

Ao acto assistiram deputações das delegações de Sintra, Oeiras, Queluz, Vila Franca e Lisboa.

As cerimónias na Avenida da Liberdade

As solenidades promovidas pela Liga dos Combatentes prosseguiram, á tarde, com a chegada ao monumento nacional, na Avenida da Liberdade, do facho com a «chama da Pátria» que foi transportado desde o Mosteiro da Batalha, pela estafeta ciclista do Sporting Clube Portugal a que se seguiu a habitual deposição de flores, sendo a cerimónia encerrada pelo presidente da comissão central administrativa da Liga. A este acto estiveram presentes o governador civil de Lisboa, o presidente da Câmara, o governador militar, e os comandantes naval do Continente, da 1.ª Região Aérea, da Guarda Nacional Republicana, da Guarda Fiscal, da Polícia de Segurança Publica, da Escola Naval, da Academia Militar, do Instituto dos Pupilos do Exército, dos adidos militares ás Embaixadas dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra e da África do Sul, e ainda deputações de combatentes belgas, britanicos, franceses e italianos

Espectáculo no Coliseu dos Recreios

As cerimónias terminam á noite, no Coliseu dos Recreios com um espectáculo de variedades a que assiste o Chefe do Estado.

Na 1.ª parte colaboram os artistas: Fernanda Amaro, Paulo Renato, Dina do Carmo, o Conjunto de António Mafra, Maria Valejo, o Conjunto de Guitarras de António Luís Gomes, Artur Garcia, Madalena Iglésias e a orquestra de «Jazz» do Maestro José Santos Rosa. Na 2.ª, a banda e fanfarra da Arma-

Desperdiçar não é grandeza Coloque as suas economias em objectos que valham
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1875
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
INFORMANDO BEM
SERÁ
BEM INFORMADO
VERBETE DE SOCIEDADE
(A adquirir nas Tesourarias da Fazenda Pública)
PRAZO DE ENTREGA NO I. N. E.:
1 a 15 de Abril
OS DADOS ESTATÍSTICOS SÃO ESTRITAMENTE CONFIDENCIAIS

ABREU
EXCURSÕES
UMA ORGANIZAÇÃO COM 130 ANOS
LISBOA - Avenida Liberdade, 160
PORTO - Avenida dos Aliados, 207
COIMBRA - Rua da Sota,
Em autocarros de luxo
EUROPA MARAVILHOSA
ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, ÁUSTRIA, SUÍÇA, ALEMANHA, HOLANDA, BÉLGICA E INGLATERRA.
Partidas todos os Sábados.
TULIPAS - ESPANHA, FRANÇA, BÉLGICA E HOLANDA. De 4 a 21/4.
PRIMAVERA - ESPANHA, FRANÇA, LUXEMBURGO, ALEMANHA, HOLANDA, BÉLGICA E INGLATERRA. De 10/5 a 1/6.
ANDALUZIA - ESPANHA. De 16 a 23/5.

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

á esquerda o dr. Francisco

Abril do País

da em formação de «Tatoo», Amália Rodrigues, Alice Amaro, Manuel de Almeida, o Conjunto de Guitarras de Raul Neri, o Grupo Coral «Fidelius», Fernando Ribeiro, Tonicha, o Duo Ouro Negro e a Orquestra Ligeira e coro feminino sob a direcção do maestro Tavares Belo Apoteose das Bandeiras de Ramiro Guedes de Campos por Catarina Avelar e Álvaro Benamor; locução de Artur Agostinho.

Noutros pontos do País

A exemplo dos anos anteriores efectuaram-se em diversas partes do País cerimónias evocativas da passagem do aniversário da batalha de La Lys, promovidas pelos núcleos e delegações da Liga dos Combatentes.

Problemas do ensino debatidos na Assembleia

Problemas do ensino, encarados de diversos ângulos, voltaram hoje a estar em foco nos trabalhos da Assembleia Nacional, pois foram quatro os deputados inscritos para sobre eles falar, no período antes da ordem do dia.

Numa dessas intervenções, o deputado João Duarte de Oliveira, do círculo de Viseu, refere-se largamente ao direito dos povos á educação, e «*a situação de desfavor, de injustiça, verificada nos meios rurais neste sector vital da Nação, que põe em desespero os pais, os encarregados de educação e os próprios alunos*»

«*Tem vindo a falar-se, há bastante tempo, no nosso País, em ensino investimento, mas a actuar como se ele fora um consumo*» — afirma aquele deputado, acrescentando que «*isso deu como resultado a manutenção de estruturas totalmente ultrapassadas e uma insuficiência de meios humanos que levaram o sistem educativo no «ponto de rotura», no certo dizer governamental. Somos, na Europa, o país de menos taxa de escolarização global desde o ensino infantil ao superior, passando pelo primário, secundário e médio*»

Reafirmando a necessidade de definição urgente de «*uma política de educação, a todos os níveis*», diz ainda o deputado Duarte de Oliveira:

«*Entre nós, há imensos jovens a quem é recusado o direito inalienável á instrução e muitos pais a quem é negado o direito de escolher o tipo de educação para os filhos. Nos meios rurais, onde só há ensino secundário particular, vemos a grande maioria das crianças, vivendo paredes meias com os estabelecimentos de ensino, ficar-se pela instrução primária, porque os pais não têm possibilidades materiais de pagar os estudos secundários*»

O deputado Duarte de Oliveira faz em seguida, forte defesa do ensino particular, que afirma ser o «*único que está em todo o País*», onde chegou «*não por espírito comercial, mas quase sempre por idealismo e abnegação, por espírito bairrista, por amor á juventude e ao progresso dessas regiões*». E pergunta «*qual a razão por que o Governo não tem sido receptivo ás intervenções sobre o ensino particular*».

E acrescenta.

«*Chegou a hora de o Governo libertar um sem número de famílias das tremendas dificuldades que tem de suportar, para garantir um mínimo de educação a seus filhos; de o Governo reconhecer que está a exigir esse sacrifício, precisamente e em maior grau, ás famílias dos meios rurais. Quantas crianças não dão o rendimento escolar devido por subalimentação a que são forçadas! Pois como poderiam pais de família com ordenados baixos comprar carne e peixe para alimentação dos filhos, quando têm de suportar mensalidades da ordem dos 600$00?*

E qual o motivo porque as isenções de propinas e as bolsas de estudo estão reservadas apenas para os alunos da escola pública?

Por que razão o Governo não conta como tempo de serviço o trabalho prestado pelos professores diplomados, ao serviço do Ensino Particular?»

LOPES FRAZÃO: A reforma urgente da Escola Superior de Medicina Veterinária

Por seu turno, o deputado Teofilo Lopes Frazão, do círculo de Beja, depois de várias considerações sobre o momento universitário, refere-se em particular ao problema da formação de veterinários, salientando o seu contributo para o progresso do País:

«*Os veterinários portugueses, de que somos parte modesta, têm produzido obras de grande vulto a favor da nossa economia, e só não mais progredida pelas faltas de infra-estruturas, até agora verificadas, que não podemos superar.*

Que assim é, provam-no as palavras recentes, para nós tão agradadas e que tanto nos sensibilizaram, escritas em «Nota do Dia» do «Diário de Lisboa», órgão consciente da nossa Imprensa, ao qual ficámos profundamente reconhecidos — «merece uma palavra de louvor o esforço que está a ser empreendido pelos veterinários no sentido da sua própria valorização e da profissão que exercem».

E depois:

«*Mas para que os veterinários possam continuar a ser assim, e melhor ainda, preciso é que tenham a Escola—ou antes a Faculdade designação que se julga oportuna e conveniente — que merecem e o País necessita*».

Por fim, depois de descrever o que se passa na Escola Superior de Medicina Veterinária quanto ao quadro docente respectivo, o dr. Lopes Frazão conclui:

«A Escola Superior de Medicina Veterinária pretende a sua reforma nas bases apresentadas pelo seu Conselho Escolar em data recente, para que possa ensinar e investigar e pós-graduar, e assim contribuir para a economia alevantada que se precisa para o Portugal de hoje, e mais promovida ainda, por que se anseia, para o Portugal de amanhã».

Outras intervenções

Também sobre tema de ensino devem falar, durante a tarde, os deputados Humberto de Carvalho (situação das escolas do magistério primário) e Linhares Furtado (ensino universitário).

Por seu turno, os deputados Moura Ramos e Silva Mendes inscreveram-se para usar da palavra sobre madeiras e situação financeira dos municípios.

Quanto á ordem do dia, foi esta tarde dividida em duas partes, na primeira das quais se procedeu á votação, na especialidade, da proposta de lei sobre assistência judiciária. Por fim foram debatidos aspectos das Contas Públicas de 1968, tendo-se inscrito para falar o deputado Armando do Roboredo e Silva.

O NOVO ARRASTÃO «INÁCIO CUNHA»

O arrastão «Inácio Cunha», a mais recente unidade da frota de pesca, foi esta manhã visitado pelo ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo, que percorreu demoradamente o navio, acompanhado pelos almirantes Henrique Tenreiro e Quintanilha de Mendonça Dias, representantes da empresa armadora e outras individualidades

Do acontecimento publicaremos amanhã novos pormenores

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *A sessão de ontem da Assembleia Nacional começou à hora regimental, talvez porque estavam inscritos dezasseis deputados, três dos quais para falarem na ordem do dia — o projecto de lei sobre assistência judiciária. De modo que os jornalistas a quem o deputado Veiga de Macedo dava informações sobre o que se passara na comissão parlamentar de Educação Nacional, de que é presidente, foram convidados muito amàvelmente pelo secretário, a abandonar a sala. E assim fizeram.*

★ Soube-se assim, apesar disso, que o aviso prévio do prof. Miller Guerra, sobre a reforma da Universidade, será apresentado para a semana muito provàvelmente na terça-feira

★ *A propósito de avisos prévios: o deputado pelo Porto, dr. Leonardo Coimbra, fez o anúncio de um aviso prévio sobre a formação da juventude; e o deputado Correia da Cunha leu também o anúncio de um aviso prévio sobre «Ordenamento do território, base de uma política de desenvolvimento económico e social».*

★ A deputada Raquel Ribeiro congratulou-se com a anunciada criação de centros de saúde e de postos sanitários polivalentes destinados a servirem as populações rurais mais desprotegidas. E acentuou: «Os nossos índices de mortalidade infantil, de partos e de óbitos sem assistência, estão ainda longe de nos colocarem em situação de tranquilidade nesta matéria Por isso, segundo se informou, a prioridade vai ser tomada em relação à protecção maternoinfantil. Não basta estarmos de acordo quanto aos direitos que nos assistem e a *todos* os portugueses, designadamente, à saúde e à segurança social. É preciso que *medidas executórias entrem em acção.*»

★ *Começando por fazer algumas considerações sobre as Forças Armadas, o deputado Francisco do Casal-Ribeiro afirmou. «A Revolução Nacional, embora omitida como objectivo constante a prosseguir, nos estatutos da Acção Nacional Popular, não pode, certamente, ter deixado de estar presente no espírito dos seus autores, e isso incute à Nação a esperança de que o movimento e a vitória das Forças Armadas no glorioso dia 28 de Maio de 1926 não foi em vão, e que embora ultrapassado o «património do pensamento político de Salazar», como, referindo-se à extinta União Nacional, disse, recentemente, o prof. Afonso Queiró, a evolução não pode deixar de prosseguir, com efeito, na continuidade; e essa continuidade não pode deixar de ter a sua origem naquele movimento militar que, com o apoio unânime da Nação, soube criar um clima de tranquilidade e de confiança indispensáveis à obra gigantesca que se lhe seguiu.»*

★ O deputado Casal-Ribeiro, a certa altura, manifestou a sua «repulsa contra o dr. Mário Soares, elemento activo de determinado sector da chamada oposição, que pelo estrangeiro vem desenvolvendo uma intensa acção de propaganda contra o Governo. o regime», acrescentado, no mesmo tom duro: «Que, entre nós, defenda ideias que lhe estão no sangue e lute por princípios que lhe vão na alma, ainda vá, pois até se sujeita às consequências inerentes aos actos que pratica.»

★ *Seguiu-se o deputado Alberto Meireles, que voltou a preconizar a criação de um curso superior de enologia em Portugal visto que — afirmou — «Portugal é o 4º país produtor de vinho da Europa e o 5.º do Mundo e o vinho e seus derivados constituem um valor relevante no produto agrícola nacional e mais ainda na exportação.»*

★ Para defender o que se fez no campo da previdência pelo pescador português, usou da palavra o deputado Henrique Tenreiro, que procurou também responder à intervenção do seu colega Oliveira Dias, sobre problemas de Peniche. — Como é possível fazer previdências sem receitas? — perguntou o almirante Henrique Tenreiro que deu números e indicou as dificuldades «Os modestos auxílios que se concedem — acrescentou — são provenientes dos reduzidos recursos que se dispõem para auxiliar na velhice pescadores inválidos.»

O deputado Oliveira Dias fez algumas interrupções, para considerar possível prestar assistência mais eficaz aos pescadores.

— Sem que paguem, não podem ter assistência.

— Mas eles pagam. É uma questão de encontrar uma fórmula — insistiu o deputado Oliveira Dias.

★ *Iniciando a sua intervenção na ordem do dia, começou por dizer o deputado Homem Ferreira: «Subo a esta tribuna com algum sacrifício, sem qualquer espécie de entusiasmo e com o espírito mergulhado em profundo cepticismo. Direi ràpidamente porquê. Em primeiro lugar, as doses maciças de oratória, que têm vindo a caracterizar o período de antes da ordem do dia, ultrapassam os limites da resistência humana e arrefecem o interesse pelos problemas a versar no período principal do funcionamento da Assembleia. Deste modo, determinadas questões de fundo, nomeadamente as que vêm a desaguar em leis não conseguem obter a atenção que merecem e as intervenções arriscam-se, não raras vezes, a ser pronunciadas em pleno deserto.*

Por outro lado, o que se passou em torno da proposta de lei dos Tribunais de Família, como seguimento lógico do que tinha acontecido com as eleições das comissões parlamentares, constituiu um sintoma que permite um diagnóstico. Parece haver ainda, nesta casa, o culto da opinião do Governo só porque é Governo, o que pode levar a confundir independência com indisciplina e a perfilhar um conceito de colaboração que roça as fronteiras da vassalagem. Neste quadro, nem será difícil profetizar que todas as propostas de lei, enviadas pelo Governo à Câmara, receberão um carinhoso beneplácito, por mais distanciadas das realidades que se apresentem e por mais deficiências que contenham.»

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Um romance violento e poético onde a realidade surge em todo o seu esplendor e miséria. Uma das obras mais justamente famosas do grande romancista.

SÃO JORGE DOS ILHÉUS

Pela primeira vez editada em Portugal na colecção "Obras de Jorge Amado".

388 páginas, 75$ (ed. brochada), 210$ (ed. especial encadernada).

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 - Mem Martins
Rua das Flores, 46, 2.º — Lisboa
Rua de Entreparedes, 6, 2.º — Porto

Actualidade internacional

GOLDMANN: O GOVERNO ISRAELITA DEVERIA SER DISSOLVIDO

BONN, 9 — (R.) — O dr. Nahum Goldmann, presidente do Congresso Mundial Judaico, sugeriu a noite passada que o Governo de coligação israelita deveria ser dissolvido por se mostrar incapaz de pôr termo ao conflito do Médio Oriente.

Numa entrevista concedida á Televisão, gravada em Tel-Aviv e transmitida a noite passada em Bonn, o dr. Goldmann afirmou que o Governo da sr.ª Golda Meir era práticamente inflexível.

Goldmann disse ainda: «Creio que deveriam dissolver a grande coligação porque o Governo israelita deve tomar a iniciativa. Contudo é completamente passivo».

Declarou que o «possível convite» do presidente Nasser do Egipto para a sua mediação — rejeitado pelo Governo israelita — era uma indicação de que os árabes estavam prontos a estabelecer contactos e, talvez, a iniciar negociações.

Mesmo apesar de o presidente Nasser não ter decidido estender o convite ao dr. Goldmann, ele tinha, em princípio, concordado.

SOLDADOS BRITÂNICOS utilizando granadas de gás lacrimogéneo para dispersar a multidão que se manifesta atrás de barricadas, em Belfast, capital da Irlanda do

Ingleses com 18 anos votam pela primeira vez em eleições municipais

LONDRES, 9 — (F. P.) — Cinco milhões e meio de eleitores da região londrina vão hoje votar nos «Boroughs» para renovar o conselho da «Grande Londres» onde os conservadores estão presentemente em maioria com 81 lugares em com.

Também se vota hoje em numerosos condados de Inglaterra e do País de Gales, ao mesmo nível municipal, prosseguindo nas eleições municipais começadas no princípio da semana. Nas regiões onde as houve nos três primeiros dias, os resultados dão uma leve vantagem aos conservadores.

Mas os grandes partidos têm os olhos postos na eleição da «Grande Londres», representando aqui os eleitores um décimo do corpo eleitoral britânico.

A campanha eleitoral foi dominada pelas questões do Alojamento, rodovias e escolas. Pela primeira vez, votam os eleitores a partir dos 18 anos.

Wilson (segundo o «Daily Mail») quis fazer entrar a Grã-Bretanha na guerra israelo-árabe de 1967

LONDRES, 9 — (R.) — Um jornal do partido da oposição afirma hoje que a Grã-Bretanha esteve prestes a ir para a guerra durante o conflito no Médio Oriente em 1967.

O «Daily Mail», que apoia os conservadores, diz numa notícia publicada com grande relevo na primeira página que só uma revolta maciça do Gabinete evitou que uma força naval de combate britânica fosse enviada para manter separados os árabes e israelitas durante a «guerra dos seis dias».

Com o título «O dia em que Wilson quase foi para a guerra», o redactor sobre assuntos políticos do jornal, Walter Terry, continua: «Tudo começou quando aviões israelitas bombardearam aeroportos egípcios».

«Wilson convocou o seu Gabinete para o numero 10 de Dowing Street a fim de ouvir uma proposta espantosa que ele e George Brown, então ministro dos Negócios Estrangeiros, tinham preparado.

De acordo com o plano, diz o jornal, navios de guerra britânicos — um porta-aviões, cruzadores, contratorpedeiros e vários barcos mais pequenos, com suficientes fuzileiros navais a bordo — deveriam ser enviados para o golfo de Akaba como uma força de separação entre os dois lados».

O jornal continua: «A reacção de quase todos os outros ministros do Gabinete foi hostil. Registaram-se furiosas discussões e algumas trocas de palavras azedas entre Brown e os outros».

Ian Smith promete maior separação na Rodésia entre brancos e negros

SALISBÚRIA, 9 — (R.) — O primeiro-ministro Ian Smith prometeu a noite passada prosseguir com planos governamentais para pôr em vigor maior separação social e política entre os brancos e africanos na Rodésia.

Terminando a campanha do partido da Frente Política da Rodésia, que governa o país, para as eleições gerais de amanhã — espera-se que Smith ganhe por grande margem de votos — o primeiro-ministro defendeu a nova Constituição, no estilo de Apartheid, como não racista.

Advertiu que a constituição política e geográfica das raças, significava desenvolvimento separado.

Smith disse ainda a uma multidão de 1500 rodesianos brancos que o aclamou: «Não se trata de uma constituição racista. Nunca acreditámos no racismo. Contudo, se não tomarmos esta medida os nossos dias na Rodésia estão contados.»

Smith prosseguiu: «A nossa política é a de que nenhuma raça deverá jamais estar em situação em que possa dominar outra. Temos relações raciais maravilhosas na Rodésia, onde existe respeito pelas raças.»

«Estamos a adaptar-nos a novas circunstâncias», acrescentou o primeiro-ministro, cujo Governo da frente rodesiana declarou a independência da Grã-Bretanha em 1965 e proclamou no mês passado uma República no país.

Bombardeamento por engano perto de Danang

SAIGÃO, 9 — (A. N. I.) — Quatro civis sul-vietnamianos foram mortos e sete ficaram feridos no sábado passado, quando um barco de guerra norte-americano disparou por engano 12 granadas de 105 milímetros contra uma área habitada, a 25 quilómetros a sudoeste de Da Nang — anunciou hoje em Saigão um informador militar norte-americano.

AUMENTO DE BAIXAS

SAIGÃO, 9 — (R.) — Na semana passada as baixas americanas e governamentais no Vietnam aumentaram bruscamente, tendo as tropas governamentais sofrido o maior número de mortos no período de uma semana desde a ofensiva «vietcong» de Maio de 1968.

O SENADO DOS EUA RECUSOU A NOMEAÇÃO DE CARSWELL PARA O SUPREMO TRIBUNAL

WASHINGTON, 9 — (F. P.) — O Senado americano infligiu ontem uma severa derrota ao presidente Nixon, quando se recusou a aprovar a dsignação de um magistrado conservador, Harold Carswell, para uma vaga de conselheiro do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, a mais alta instância judicial do país.

Três meses de tensão política precederam esta recusa da nomeação, a qual Nixon não hesitará em ligar ao seu prestígio. Ainda ontem anunciara que tinha «plena confiança» na vitória do seu candidato.

Em Janeiro, após a derrota de uma primeira nomeação presidencial para a mesma vaga, pensava-se que o segundo candidato de Nixon seria aceite. Mas os adversários de Carswell mostraram-se cada vez mais violentos, provando com documentos que se tratava de um juiz medíocre e de passado racista. Imediatamente após a votação, o informador da Casa Branca anunciou que o presidente estava «naturalmente desiludido» e que anunciaria um novo candidato «no momento oportuno», ou seja, segundo se crê, após as eleições legislativas de Novembro.

LIZA MINNELLI SEPARA-SE DO MARIDO

NOVA YORK, 9 — (R.) — A actriz Liza Minnelli, filha da falecida Judy Garland, afirmou a noite passada que ela e o marido, o comediante australiano Peter Allen, concordaram numa separação judicial.

Numa comunicação emitida pelo seu agente, Liza diz que os dois concordaram «mutuamente» numa separação amigável.

A actriz, que se encontra casada há cerca de três anos, negou que a separação fosse o resultado de uma subita decisão.

CONVOCADO O ASTRONAUTA SUPLENTE JOHN SWIGERT

CAPE KENNEDY, 9 — (R.) — Os funcionários da NASA convocaram hoje o astronauta de reserva, civil, para ver se pode substituir Thomas Mattingly na missão Apolo-13 ameaçada de adiamento por suspeitas de sarampo.

O astronauta suplente é John Swigert. Até agora os programas espaciais americanos nunca recorreram a suplentes e o simples facto de chamar um substituto três dias antes da data do lançamento vai contra diversos regulamentos oficiais. No entanto, a agência espacial parece empenhada em evitar o adiamento do lançamento por cerca de um mês, a única alternativa que se apresenta se John Swigert não puder seguir.

Swigert, piloto de ensaios com 38 anos, terá de provar que pode trabalhar em boas condições com os astronautas James Lovell e Fred Haise. Porém a equipa de reserva não tem um treino tão exaustivo como a outra.

A decisão final, que será dada amanhã de manhã deve ser tomada por James Lovell, o comandante da missão e o chefe das operações de voo Donald Slayton.

INVEJA NA GAVETA

MUITOS SÃO OS PROTESTOS DAS VÁRIAS CAMISAS ARRUMADAS NAS GAVETAS, PORQUE TODAS DESEJAM SER A «PREFERIDA». PORÉM, TODAS VÃO FICANDO NO ESQUECIMENTO.

PORQUE SÓ AS CAMISAS «GULOSA» SÃO AS PREFERIDAS.

VEJA-AS NO

ADÃO, CAMISEIROS

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Pedro Loureiro de Sousa

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Isaura Quaresma de Sousa, Maria Eugénia Quaresma de Sousa de Salis Amaral e seu marido Alberto Salis Amaral, filhos e netos; Agostinho Loureiro Quaresma de Sousa e sua mulher Maria José Ramalho Loureiro de Sousa e filhos, Maria Fernanda Quaresma de Sousa Duarte Lopes, seu marido Alberto Duarte Lopes, e filhos e mais família participam o falecimento do seu marido, pai, sogro, avô, bisavô e parente e que o funeral precedido de missa se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Basílica da Estrela para o Cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA BARATA

CONGRESSO DA U. J. P. — Cerca de três mil jovens pró-gaullistas participaram no Congresso da União dos Jovens para o Progresso realizado em Royan. Entre os vários oradores que subiram á tribuna para discursar, contou-se o primeiro-ministro francês, Jacques Chaban-Delmas, que, na foto, responde ás aclamações dos congressistas

GUATEMALA: As direitas ameaçam realizar novas execuções

CIDADE DA GUATEMALA, 9 — (R.) — Grupos de vigilantes anticomunistas ameaçam realizar mais represálias depois de terem morto á pancada um veterano dirigente comunista para vingarem a morte do embaixador Karl von Spreti, assassinado por rebeldes da esquerda.

A ameaça de represálias das direitas é feita numa nota deixada junto do cadáver de César Montenegro, um homem de 50 anos, conhecido como comunista da linha pró-soviética que tomou parte activa nos acontecimentos aqui desenrolados há quase 20 anos.

A nota, assinada apenas com a palavra «Mano» (Mão), previne que a execução de Montenegro é apenas a primeira de uma série.

O cadáver, apresentando sinais de espancamento, foi abandonado perto da mesma cabana onde os raptores deixaram o cadáver do conde von Spreti, no domingo, depois de o matarem com um tiro na cabeça.

Os raptores, pertencentes ás Forças Armadas Revolucionárias (F.A.R.), tinham exigido em troca da vida do diplomata a libertação de 25 presos políticos e um resgate em dinheiro, mas o Governo recusou-se a atender qualquer desses pedidos.

Entretanto, fontes bem informadas dizem que o Governo já prendeu cerca de 300 esquerdistas durante as suas investigações relacionadas com a morte do embaixador.

A organização «Mano», que tomou a seu cargo vingar o diplomata, já tinha estado particularmente activa há quatro anos durante uma guerra civil não declarada entre os grupos da esquerda e da direita, a qual causou mais de 800 vítimas.

Na altura, a Polícia e as Forças Armadas foram acusadas de apoiar secretamente a organização das direitas.

Prisões relacionadas com a tentativa de rapto do cônsul dos EUA

PORTO ALEGRE (Brasil), — (R.) — A Polícia prendeu 10 pessoas por suspeita de estarem envolvidas no ataque a tiro e tentativa de rapto no sábado passado do cônsul dos Estados Unidos, Curtis Cutter.

O cônsul, acompanhado pela mulher e um amigo, foi alvejado a tiro e ferido num ombro ao fugir, depois de acelerar o seu automóvel, para evitar a armadilha que lhe fora preparada por cinco homens armados.

A bala que o feriu não se alojou por pouco num dos pulmões e o cônsul teve alta do hospital no dia seguinte, após médicos extraírem o projéctil.

Anunciando as prisões, o director dos serviços de segurança brasileiros Jaime Miranda Mariath, declarou que possuia provas de que os raptores planeavam exigir a libertação de 14 presos políticos em troca de Cutter.

Uma declaração de Reagan sobre um «banho de sangue» provoca celeuma

SACRAMENTO, 9 — (R.) — A declaração do governador da Califórnia, Ronald Reagan, sobre «um banho de sangue» para acabar com a agitação nas Universidades americanas provocou grande celeuma nos meios políticos e está a ser aproveitada pelos democráticos que pretendem candidatar-se ás próximas eleições.

Falando ontem numa reunião de lavradores Reagan disse sobre a repressão dos militantes nas Universidades: «Se for necessário um banho de sangue ele que venha quanto antes para se resolver o problema de uma vez para sempre. Acabemos com a contemporização».

O governador declarou mais tarde aos jornalistas que a expressão por ele utilizada fora apenas uma figura de retórica, e alegou que apenas advogava uma política de firmeza.

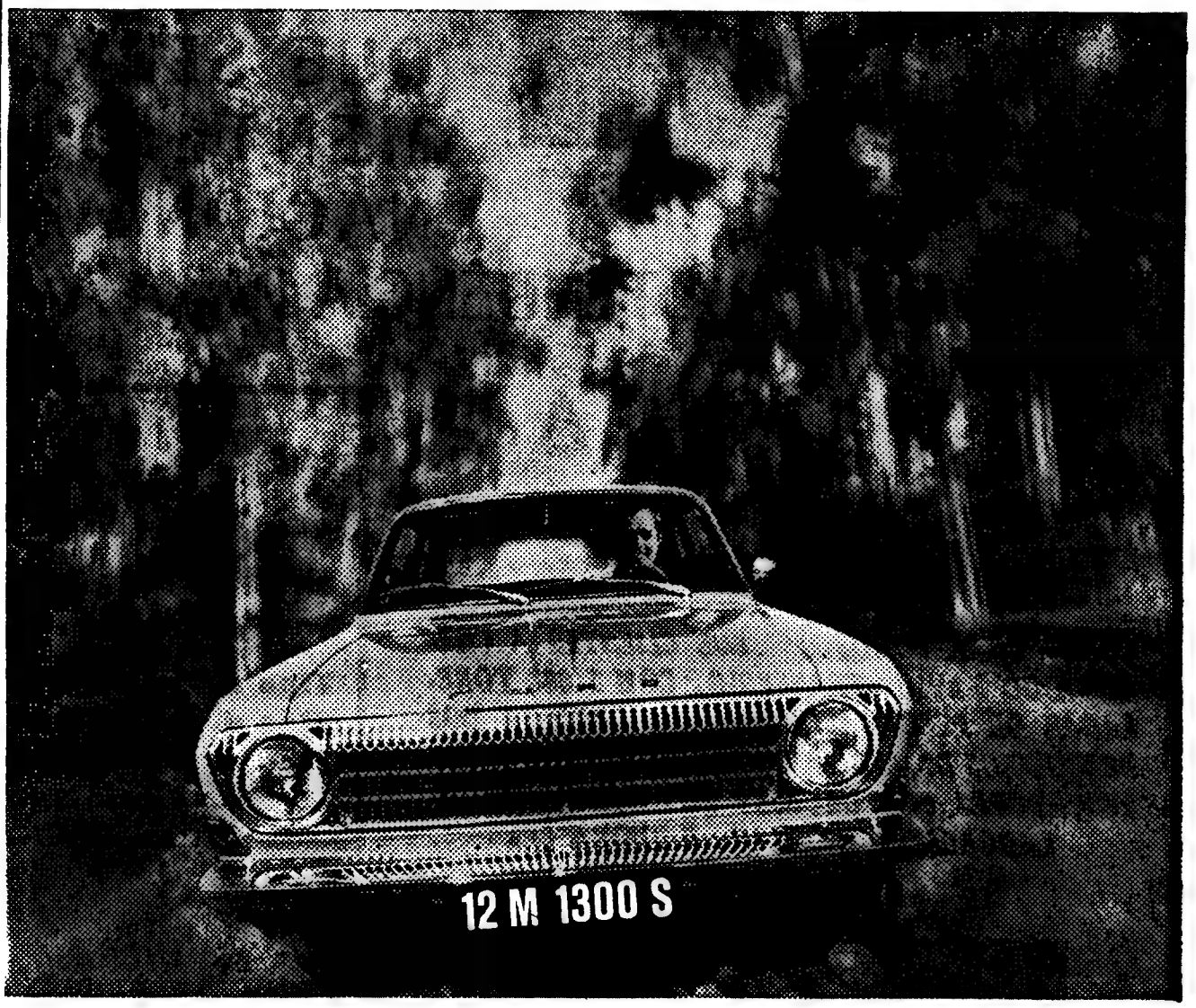
«Longe de mim a ideia de querer um banho de sangue na Universidade ou noutro lado qualquer» — garantiu.

Porém, os políticos do Partido Democrático recusam-se a aceitar essa explicação.

«Nenhuma emenda pode alguma vez corrigir o mal irreparável feito pela declaração irresponsável do governador», disse o deputado democrata George Zenovich na assembleia estadual.

RONALD REAGAN, governador da Califórnia

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



O novo 12M 1300 S tem a garra dos vencedores

Porque é S. Porque é Special. Porque tem motor de **alta compressão.**
Antes de ser S, já tinha ganho o Record Mundial da Resistência (numa distância igual à percorrida pela «Apollo», da Terra à Lua)... Agora — S é Special, tem **excelente performance, alto rendimento, grande economia e menor consumo!**

O 12M 1300 S é o carro onde se encontram — da forma mais avançada e espectacular — a segurança, o preço dos «utilitários» e a genica, a garra, dos de competição!

Veja-o no seu Concessionário Ford. Experimente-o. Escolha-o numa «bandeira» de 12 cores novas e excitantes!
2 e 4 portas. Station Wagon
... E também ao seu dispor — o Ford 12M 1500 LC

Ford à frente Ford

CIESA - NCK 4 -

À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD
EM LISBOA. LINCURI Av. da República, 32-A-Telef. 777091
STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A-Telef. 4 96 69 — Av. João Saraiva, 15 (Alvalade)-Telef. 71 1066/9

PEIXE

ABUNDÂNCIA E BOA QUALIDADE

DISTRIBUIÇÃO ASSEGURADA EM TODO O PAÍS

INALTERÁVEL A TABELA DOS PREÇOS

É nestes «camions»-frigoríficos de grande porte que a «Gelmar» distribui a pescada congelada em todo o País

DO PEIXE CONGELADO DESDE HÁ DOIS ANOS, MERCÊ DO ESFORÇO DE UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO QUE SERVE SIMULTÂNEAMENTE OS OBJECTIVOS NACIONAIS DO GOVERNO

NO COMBATE À TENDÊNCIA PARA A ALTA DOS PREÇOS

A GELMAR

COMUNICA A TODOS OS SEUS CLIENTES A CHEGADA DO NAVIO «TRANSFRIO» COM 1.000 TONELADAS DE PESCADA CONGELADA ORIUNDA DOS PESQUEIROS DA ÁFRICA DO SUL E CAPTADA PELOS PESCADORES PORTUGUESES DOS NAVIOS-CONGELADORES «S. NICOLAU» E «NOVA FÉ»

PESCADA CONGELADA

Os preços máximos da venda ao público mantêm-se os estabelecidos desde 1966:

Tipo n.º 1 (até 0.500 kg)	**12$00**
Tipo n.º 2 (até 0.800 kg)	**14$00**
Tipo n.º 3 (até 1.500 kg)	**16$00**
Tipo n.º 4 (até 2.400 kg)	**16$50**

Os carros começaram hoje a carregar pescada para ser distribuída em todo o País

FAÇA HOJE MESMO O SEU PEDIDO À

GEL mar

A MAIOR EMPRESA DISTRIBUIDORA DE PRODUTOS ALIMENTARES CONGELADOS DO PAÍS

LISBOA — Travessa da Saúde, 2 — Telefone 61 33 01
MATOSINHOS — Rua Heróis de França, 237 — Telefone 93 20 45
COIMBRA — Rua João de Ruão, 33 — Telefone 2 43 12
MONTEMOR-O-NOVO — Estrada Nacional — Telefone 8 24 56
OLHÃO — Praça João de Deus, 86-90 — Telefone 7 21 46

SÓ A DISCIPLINA DAS LEIS E O RESPEITO DA AUTORIDADE PODEM EVITAR QUE ANDEMOS TODOS ENGALFINHADOS

— afirmou o Presidente do Conselho

Publicamos a seguir, na integra, o teor da comunicação dirigida ao País pelo Presidente do Conselho, prof. dr. Marcello Caetano:

Não quero perder este hábito de conversar com os portugueses, trazendo-os ao corrente dos meus trabalhos e preocupações. É certo que volta não volta tenho de fazer discursos relacionados com certos acontecimentos ou apropriados a determinados auditórios. Mas isso não impede que mantenha estas conversas com o País inteiro.

«...não quero ser ditador»

Nelas não posso deixar de abordar apenas os assuntos de interesse mais geral. E por isso correrei o risco de me repetir. Mas não me importo. As situações e as dificuldades também se repetem. E o que se disse uma vez esquece depressa. Não há inconveniente em relembrá-lo de vez em quando.

Governar uma Nação foi sempre difícil. Mas nestes tempos de excitação e indisciplina, quando todos os princípios, mesmo os mais fortemente alicerçados na experiência e no senso comum, são contestados, e todas as instituições, mesmo as mais sólidas e veneráveis, são postas em causa, nem se faz ideia quanto as dificuldades são acrescidas!

Parece que uma onda de loucura varre o Mundo! Eu bem queria ensaiar novos métodos de Governo, com mais larga e íntima participação de todos na vida colectiva. Mas para isso é preciso um trabalho sério de esclarecimento, e a intenção honesta, por parte dos mais capazes, de colaborar nas tarefas comuns.

Participar não é começarem todos a falar ao mesmo tempo e a exigir que seja feito sem demora tudo quanto se possa imaginar. Participar é tomar conhecimento dos problemas e das dificuldades e possibilidades das suas soluções e ajudar conscientemente quem tenha de resolver.

Problemas existem agora e há-de haver sempre. Ninguém tenha esperança de algum dia aparecer um regime político ou social onde se possa dizer com verdade que acabaram os problemas. A qualidade de um Governo mede-se é pela atenção que dê ás questões de interesse geral e pela vontade de as resolver o melhor possível, para bem do maior número. Eu esforço-me por proceder assim e creio que o País tem a noção de que se está procurando, com honestidade, trabalhar dentro dessa orientação. Não vi-

sito, Haverá alguma liberdade mais incontestável que a de cada um poder movimentar-se nas ruas publicas ou nas estradas? Mas suprimam-se os regulamentos do trânsito e os agentes que velam pela sua observância: e ver-se-á como deixa de existir a mínima segurança das vidas e da integridade física dos peões e até a mínima garantia da incolumidade dos veículos. Se agora já é grande o perigo — a nossa batalha mais mortífera, aquela onde morrem mais portugueses em cada ano, é a das estradas! —, todos os riscos se multiplicariam. Quantos engarrafamentos, quantos choques, quantos conflitos, quantos feridos e mortos a mais!

Para podermos garantir a liberdade de circulação de cada um é preciso, para isso, que todos se submetam a uma disciplina que acautele os vários interesses em jogo.

«INADMISSÍVEL ATITUDE ANTI-SOCIAL»

Pois isso é o que se passa no resto da vida. Se não houvesse leis a pautar a maneira como nos devemos conduzir na vida social, e autoridades e tribunais para as fazer respeitar, os conflitos e prejuízos de toda a ordem tornariam impossível o convívio entre os homens. Seria o domínio desenfreado dos apetites, das paixões, da força bruta, o reino da violência, enfim.

Quando, portanto, aparece aqui e ali um grupo a declarar-se contra a legalidade, a querer proceder contra as leis ou a recusar-se a acatar uma disciplina legítima, está-se perante uma inadmissível atitude anti-social que seria gravíssimo deixar vingar e alastrar.

A liberdade tem de ser exercida dentro das leis e conforme as leis. Não há liberdade contra a lei. E quem exerece o Poder tem como dever primordial fazer respeitar essas regras de cuja observância depende a harmonia dos interesses dos indivíduos e o acatamento do interesse geral.

Sucede, ainda para mais, que em geral esses grupos preponderam umas reduzidas minorias activistas que atrevidamente se aproveitam da passividade do comodismo, do temor das maiorias, para imporem a sua vontade. Instauram-se assim uma ditaduraziinhas que pretendem fazer vingar os seus créditos particulares contra o interesse geral. Ora eu não quero ser ditador: mas por isso mesmo não posso admitir que se pretenda substituir a autoridade do Estado pela prepotência de núcleos revolucionários a procurar agir dentro de serviços pú-

(Continua na página seguinte)

ramos a cara aos problemas reais e fazemos o possível, sem poupar tempo nem energias, por encontrar fórmulas razoáveis para os resolver.

«PROBLEMAS EXISTEM AGORA E HÁ-DE HAVER SEMPRE»

Não garanto que se resolva tudo a contento de todos, porque isso é impossível. Além disso, cada qual vê os aspectos das suas conveniências — e quem decide tem de temperar as conveniências de cada um com as necessidades do conjunto. As vezes o que parece muito verdadeiro e muito justo a certa pessoa ou a certa classe, aparece menos verdadeiro e menos justo quando se compara esse caso com a situação das outras pessoas ou das outras classes. Numca se pode deixar de ver as coisas em globo. E para resolver há que fazer contas aos recursos de que se dispõe e há que ter em consideração os resultados próximos e até longínquos que certa solução parcial pode produzir.

Pede-se muita liberdade. Mas nem sempre se faz bem ideia do que nas sociedades modernas significa a liberdade. Não me cansarei a lembrar que a liberdade dos cidadãos, num Estado civilizado, não significa poder fazer cada um aquilo que lhe apeteça. Seria o caos. A vida de hoje tornou-se tão complexa que só a disciplina das leis e o respeito da autoridade podem evitar que andemos todos engalfinhados uns nos outros. Sempre gostei de dar o exemplo do trân-

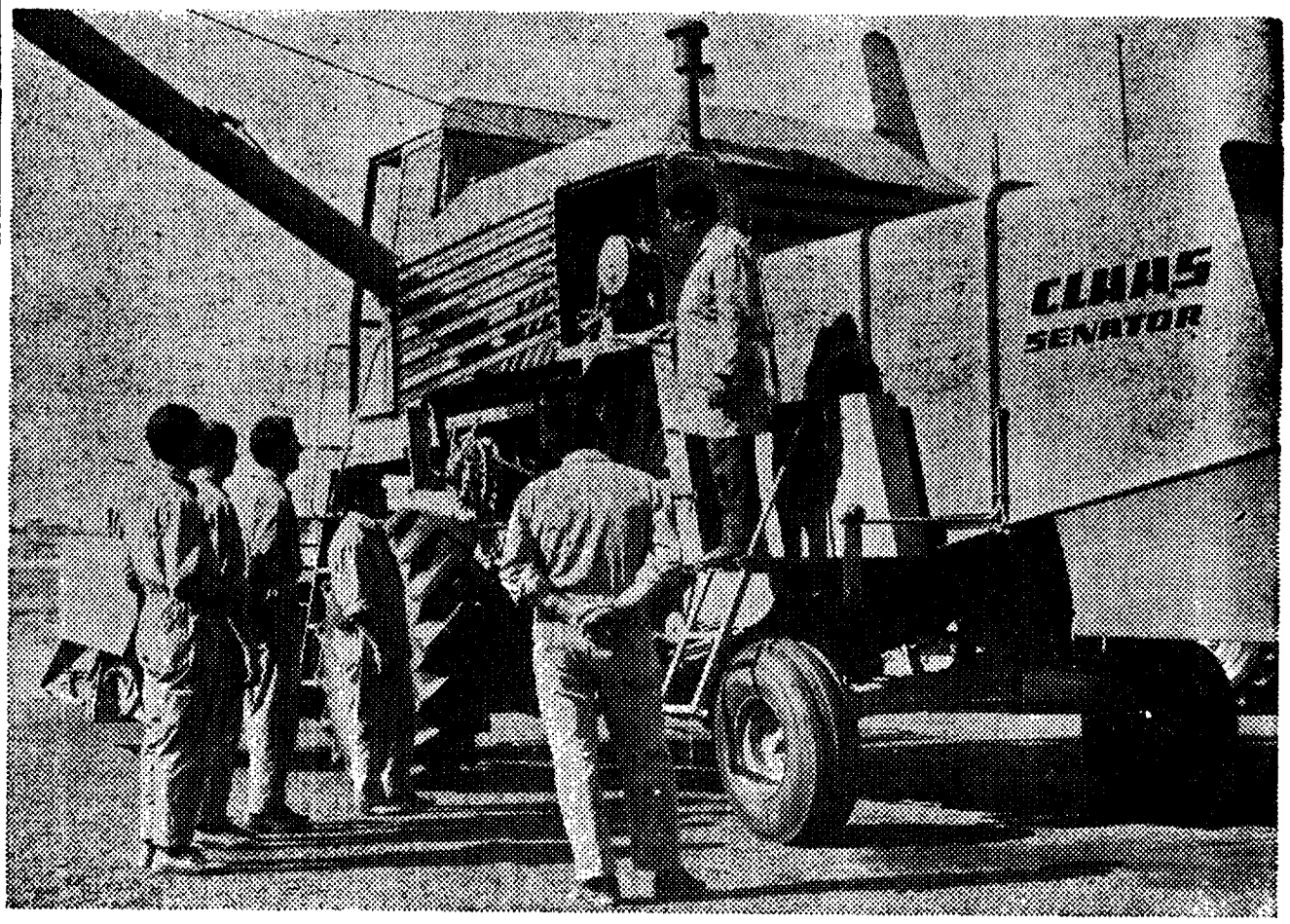
COLABORAMOS CONSIGO

damos-lhe o perfeito conhecimento da sua ceifeira-debulhadora

Os nossos Cursos de Ensino e Treino proporcionam-lhe a prática necessária para o melhor rendimento

Para que a sua Ceifeira-Debulhadora dê o melhor rendimento, necessario se torna conhecê-la a fundo, saber manobrá-la de modo a obter dela tudo o que as suas capacidades oferecem. É por isso, Senhor Lavrador, que organizamos, Cursos de Ensino e Treino, gratuitos, destinados à preparação dos futuros manobradores. Inscreva-se desde já.

morrison



SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, LDA.

Ceifeiras-Debulhadoras

CLAAS '70

claas

«OS ACTOS DO GOVERNO CONVÉM SEJAM CRITICADOS»

(Continuação da pág. anterior)

blicos, de sindicatos ou seja onde for

«O MALDITO ESPIRITO DE PARTIDO ANDA POR AÍ»

Também quanto á liberdade de expressão se tem feito um esforço considerável de alargamento e garantia. Os actos do Governo convém que sejam criticados. Seria desejável que o fossem sempre por pessoas competentes, isentas, capazes de uma apreciação objectiva e desapaixonada. Nem sempre sucede assim. O maldito espirito de partido anda por aí. Nalguns escritos de inspiração comunizante deformam-se providências do Governo. Vê-se por todo o lado classes dominantes, monopólios, opressão, e não sei que mais. Nega-se a evidência dos propósitos governativos que são os de servir exclusivamente o interesse geral. Que pretendem esses criticos? Implantar entre nós um regime como os que vigoram nos países de Leste? E que deram tão grande felicidade aos cidadãos que provocaram, há quase quinze anos, a revolução da Hungria, e, bem mais perto de nós, a crise da Checoslováquia?

Quando foi da revolução da Hungria, a juventude universitária de Lisboa fez uma grandiosa manifestação anticomunista que terminou em frente do Palácio de São Bento. Coube-me receber a comissão que entregou ao Governo a moção de apoio ao povo húngaro, em luta pela sua liberdade.

Nas palavras que então proferi lembrei aos jovens ser mais fácil defender a liberdade evitando a implantação do totalitarismo comunista do que reconquistá-la depois de perdida. Não se iluda ninguém! À maneira russa, chinesa ou cubana, com mais ou menos anarquia á mistura, o comunismo é sempre uma terrivel opressão. Privado cada qual do direito de possuir propriedade e de ter iniciativa, todos ficam á mercê da nova classe de burocratas que decidem da vida e do destino dos indivíduos. Que esses burocratas do partido sejam do Estado, da comuna ou da cooperativa, são sempre necessariamente uns poucos a resolver soberanamente sobre todos os passos dos demais.

«NÃO SE PODE CONSENTIR A PROPAGANDA CONTRA A INTEGRIDADE DA PÁTRIA»

Ia eu dizendo que acho desejável o comentário e a discussão dos actos do Governo quando feito por quem seja competente e esteja inspirado pelo desejo de melhorar as coisas. E muito mais há para discutir com serenidade e elevação. Mas o que não se pode consentir é a propaganda contra a integridade da Pátria, o apoio aos seus inimigos, a traição aos soldados que se batem na defesa do território onde há vidas de portugueses a preservar.

Nesse ponto o Governo tem de ser intransigente, e duro até. Não por gosto, mas por dever. Com frequência os jornais noticiam que, em países onde não há neste momento operações militares, são detidos espiões e condenados traidores. Não há muito tempo, numa grande nação amiga e liberal, as autoridades prenderam e processaram um membro do Parlamento acusado de actividades de espionagem. Só os países sem amor á independência se não defendem. Só os Governos incapazes se não acautelam.

Temos de estar vigilantes e de impedir que seja minada a moral da juventude, que seja pervertido o espírito das Forças Armadas, que seja traída a vontade do povo português. É melhor prevenir que remediar. E ao contemplarmos a estúpida vaga de violência que por tanto lado desencadeia actos de banditismo, impensáveis á luz de um conceito de autêntica civilização, não podemos deixar de meditar nas tremendas responsabilidades de quem governa. Não há indignação universal, eloquência de protesto, conferência internacional ou vigor repressivo que restitua a vida ao diplomata alemão miseràvelmente assassinado na Guatemala e apague a vergonha que esse crime constitui. O mal é deixar andar possíveis assassinos á solta, e tolerar complacentemente, com uma publicidade descabida, os feitos dos bandos criminosos.

«NÃO ESTAMOS EM GUERRA COM NINGUÉM»

No nosso País somos forçados a combater no Ultramar actividades terroristas que inquietam, afligem e sacrificam as populações locais. Nunca é de mais repetir que não estamos em guerra com ninguém. Apenas policiamos o território, evitando que os guerrilheiros levem por diante a sua acção subversiva.

Esta acção de guerrilhas é muito difícil de dominar. Três mil guerrilheiros apenas, divididos em grupos de cinco, por exemplo, são seiscentos grupos que fácilmente se dispersam pelo mato e atacam onde menos se espera. Os cabecilhas que andam a fazer propaganda nos países estrangeiros gabam-se de que dominam grandes parcelas das nossas províncias. Os do partido de Amílcar Cabral espalham que ocupam dois terços da Guiné portuguesa. Querem com isso dizer que nessa área aparecem — e desaparecem — os seus guerrilheiros Mas com tão pouca eficácia que o ministro do Ultramar percorreu a Guiné toda com a maior calma e segurança e no meio de calorosas manifestações da população.

Porque este ponto é muito importante. Quando certos políticos que andam por países estrangeiros a tentar desacreditar a sua Pátria afirmam por lá que o Governo impõe ao povo português a defesa do Ultramar, isso é redondamente falso.

É falso quanto ao povo da Metrópole. A massa popular daqui tem bem viva no espírito a consciência do dever de proteger as vidas e os bens dos portugueses de África. Uma das infâmias postas a correr pelos adversários é a de que os nossos soldados vão defender os interesses das grandes companhias que possuem bens em Angola ou em Moçambique. Infâmia estúpida. As grandes empresas capitalistas que têm actividades no Ultramar continuariam a existir e a prosperar se por infelicidade perdêssemos as províncias africanas. Mas quem nós teríamos de receber e de assistir, se tal desastre acontecesse, eram os humildes agricultores, os milhares de pequenos comerciantes, os donos de modestas indústrias, a legião de funcionários e empregados, expulsos ou fugidos á fúria antiportuguesa. E não só os brancos Mas também os de outras etnias que pudessem escapar com vida ao castigo da sua fidelidade a Portugal. São essas centenas de milhares de colonos e esses milhões de fiéis naturais que todos sentimos o dever de proteger e de defender, já que as experiências alheias não nos consentem ter ingénuas ilusões sobre o seu destino.

«O VOTO COMO NÓS O PRATICAMOS»

Já sabíamos que a Nação sentia e pensava assim. Mas por ocasião das últimas eleições para deputados entendeu-se ser conveniente que essa decisão ficasse claramente expressa. Fui muito censurado, em determinados sectores, por ter consentido na discussão do assunto durante a campanha eleitoral. Discutiu-se a defesa do Ultramar, pois. E quando se chegou aos votos, o resultado foi bem nítido, foi bem claro. Viram-no todos os portugueses. Viram-no os estrangeiros que aqui vieram fazer reportagens e colher informações. As eleições decorreram em plena liberdade, com perfeita consciência do eleitorado sobre aquilo que ia decidir. Digam-me, meus amigos: é justo que o chefe de uma das listas vencidas ande a dizer por países estrangeiros que esse voto não valeu nada porque as eleições foram «uma farsa»?

Mas se na Metrópole o povo se manifestou assim, qual será a vontade das populações ultramarinas?

Aqui há tempos, falando com uma personalidade estrangeira que lastimava não ter sido em maior número o eleitorado inscrito nas províncias ultramarinas, observava-lhe eu que, nas populações africanas que ainda não estejam inteiramente assimiladas aos costumes europeus, o voto, como nós o praticamos, não tem grande valor nem significação.

Mas, continuei, não quererá dizer muito sobre a plena integração dos povos na Nação portuguesa, e como determinação de nela se manterem, o facto de estrangeiros e portugueses se deslocarem livre e pacificamente por todo o território, sem necessidade, na maior parte, de qualquer protecção especial?

Não quererá dizer imenso o facto de o Chefe do Estado, os membros do Governo, as autoridades locais serem por toda a parte recebidos com demonstrações, não apenas de fidelidade, mas de verdadeiro e entusiástico carinho?

Demonstrações que não se montam por artifício, que não se encomendam, que não se inventam, e que hoje as camaras fotográficas e de televisão registam sem possibilidade de engano.

O meu interlocutor ouviu atentamente e teve de concordar. A autodeterminação não se exprime por quadradinhos de papel postos nas mãos do gentio do sertão. Prova-se antes pelo convivio pacífico sob a bandeira portuguesa, numa aliança de esforços em que as raças colaboram e se fundem fraternalmente, a caminho de um mundo melhor

O atear de cobiças e de ódios por parte das Nações Unidas e de outras entidades só prejudica essa marcha para o futuro. Cria e alimenta desconfianças onde só desejávamos que existisse amizade real. Transforma em traidores homens que sem esse incentivo estrangeiro, seriam honestos construtores das sociedades novas. Faz gastar na luta energias e recursos que, de outro modo, seriam empregues em benefício dos povos.

No Sul da África o futuro tem de ser construido, de mãos dadas, por pretos e brancos. Dividi-los, inimizá-los, lançá-los uns contra os outros é, creiam-me bem, um verdadeiro crime contra a Humanidade.

Nós não queremos ser réus desse crime.

Necrologia

FALECIMENTOS

Pedro Loureiro de Sousa

Faleceu o sr. Pedro Loureiro de Sousa, de 81 anos, natural de Fornos de Algodres, casado com a sr.ª D. Isaura Quaresma de Sousa, pai da sr.ª D. Maria Eugénia Quaresma de Sousa de Salis Amaral, do sr. Agostinho Loureiro Quaresma de Sousa e da sr.ª D. Maria Fernanda Quaresma de Sousa Duarte Lopes; sogro do sr. dr. Alberto Salis Amaral, da sr.ª D. Maria José Ramalho Loureiro de Sousa e do sr. comandante Alberto Duarte Lopes; avô do sr. dr. José Alberto de Sousa Salis Amaral, casado com a sr.ª D. Isabel Maria Vasco Costa de Salis Amaral; do sr. Luís Pedro de Sousa Salis Amaral, casado com a sr.ª D. Ana Maria de Almeida Cota Salis Amaral; de Ana Isabel de Sousa Salis Amaral, de Carlos Agostinho Ramalho Loureiro de Sousa, de Maria Teresa Ramalho Loureiro de Sousa, de António de Sousa Duarte Lopes, de Pedro de Sousa Duarte Lopes e de Leonor de Sousa Duarte Lopes, e bisavô de Miguel Vasco Costa de Salis Amaral, de Inês Vasco Costa Salis Amaral, de Luís de Almeida Cota de Salis Amaral e de Ana Cristina de Almeida Cota de Salis Amaral.

O funeral, antecedido de missa, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da Basílica da Estrela, para o cemitério da Ajuda. Os serviços funebres estão a cargo da Agência Barata.

CONCURSO DE DESIGN

concurso spal

Sob o título de "Concurso SPAL" a SPAL, Sociedade de Porcelanas de Alcobaça, Lda. promove um Concurso de Desenho de um serviço de mesa em porcelana.

O objectivo do Concurso é encontrar novas ideias, no que respeita à forma e à decoração, no domínio dos serviços de mesa para utilização doméstica.

Para premiar os melhores trabalhos apresentados são atribuidos diversos prémios num total de 125.000$00 sendo o 1º. Prémio no valor de 50.000$00

O Concurso é aberto a todos os arquitectos, designers, artistas plásticos e estudantes das escolas de Belas Artes e de outras escolas de Artes Decorativas ou similares.

As condições do Concurso e quaisquer informações podem desde já ser pedidas por escrito para:
SPAL, Sociedade de Porcelanas de Alcobaça, Lda.
"Concurso SPAL" ALCOBAÇA

ARCHOTE

CLUB

O ideal para o encontro da juventude dos 15 aos 77 anos últimos sucessos em discos, diàriamente renovados. Alta fidelidade, ar condicionado

AMBIENTE SELECCIONADO

RUA D. FILIPA DE VILHENA, 6-D — Telef. 49960

(Desconto de 50% a estudantes)

Homens como Você não podem faltar em Osaka!

EXPO'70 — «Progresso e harmonia para a humanidade». É este o tema do grande certame internacional. Não falte à Feira Mundial de Osaka! O Japão espera-o... Preparámos uma esplêndida viagem para si. Ao seu nível: Hotéis de 1.ª classe (½ pensão), excursões, visitas guiadas, etc. Um preço de viagem aliciante e um sistema de crédito com que pode contar!

Partida: 25 de Abril e 15 de Maio
a poucos lugares

(peça-nos programa detalhado)

ORGANIZAÇÕES MULTITUR

LISBOA:
SOC. COM. OREY, ANTUNES & C.ª LDA. PR. DUQUE DA TERCEIRA, 4 / T. 322271, 369346
E. PINTO BASTO & C.ª LDA. PR. DUQUE DA TERCEIRA, 20-26 / T. 361361, 366000
SOC. COM. GARLAND LAIDLEY, SARL RUA DO CAIS DO SODRÉ, 24 / T. 33191-5, 320441-8
AGÊNCIA DE TURISMO MOÇAMBIQUE AV. A. AUGUSTO AGUIAR, 9 / T. 47115-6, 366016
PORTO:
TAIT & C.ª LDA. R. INFANTE D. HENRIQUE, 10 / T. 21007, 27206
FARO:
EVA — VIAGENS TURISMO R. INFANTE D. HENRIQUE, 76 / T. 23025

Nova estrutura da Ordem dos Médicos

— pedida em assembleia no Porto

PORTO, 9 — A pedido de cinquenta médicos, reuniu-se, na Secção Regional da Ordem dos Médicos a assembleia geral, em sessão extraordinária, para apreciação da «Situação Actual das Carreiras Médicas».

Presidiu o sr. dr. Paulo Sarmento; e logo de começo, foi levantado um problema: — Os indivíduos que frequentam o primeiro ano de internato hospitalar, mas que ainda não são licenciados, poderiam ou não assistir e tomar parte na assembleia?

O problema que estes jovens médicos põem é, em síntese, exposto por eles desta forma: terminaram o curso universitário, mas, antes da licenciatura, têm de frequentar, durante um ano, o internato num hospital onde prestam efectivo serviço médico. Contudo, por não serem licenciados, não podem ser admitidos na Ordem dos Médicos e, assim, não podem assistir nem tomar parte nas assembleias, onde, inclusivamente, são discutidos os seus problemas. O estatuto da ordem é claro nesse ponto. Mas eles perguntam, como o fez o sr. dr. Luís Roseira, no decorrer da assembleia: — «Quem defende os interesses dos internos?».

A presença deste jovem médico na sala foi defendida por diversos clínicos e um deles, o sr. dr. Rogério Gonzaga disse, a certa altura: — Eu considero-os nossos colegas. Acho que deviam ser ouvidos, pelo menos, nos assuntos respeitantes ao internato, mesmo com possibilidades deliberativas!

O presidente da mesa manteve, contudo, a proibição.

Propostas aprovadas

Já na ordem dos trabalhos, foram numerosas as intervenções, numa das quais o sr. dr. Virgílio Moreira, falou da forma deficiente como, no nosso País, funcionam os serviços hospitalares. Como por exemplo, citou o caso do Hospital Geral de Santo António e disse:

Os internos necessitam dum hospital moderno sem anacronismos, com uma medicina geral e cirurgia geral. Um hospital geral deve ser diferenciado. Este é um dos grandes problemas: a diferenciação dos hospitais!

— É a negação das carreiras médicas e consagra uma situação arcaica!

— E para concretizar as suas palavras, o sr. dr. Virgílio Moreira enviou para a mesa uma moção com as seguintes propostas:

«1 — Que seja revogado o estatuto hospitalar e seja promulgada uma política de saúde definida no espírito do Relatório das Carreiras Médicas».

— «2 — Que se tomem, desde já, as medidas necessárias para a elaboração de novos estatutos da Ordem dos Médicos, de maneira a transformar o nosso organismo de classe numa entidade jurídica, cuja intervenção em assuntos de saúde pública se torne imprescindível».

A referida moção foi aprovada, por maioria.

Seguiram-se outras intervenções, mas dado o adiantado da hora, o presidente encerrou a assembleia, já de madrugada.

Na gravura vemos um aspecto do 5.º Salão de Antiguidades que amanhã é inaugurado pelo Presidente da Republica, na Feira Internacional de Lisboa. Esta manhã os jornalistas percorreram os «stands» dos expositores (58 antiquários e 28 colecções particulares) cujas peças são estimadas em valor aproximado de 150 mil contos. Um locomóvel de 1917, uma colecção de moedas chinesas e o «Fernando Pessoa» de Almada Negreiros são, entre outras inumeráveis peças, curiosidades valiosas que mais saltam á vista A projecção do certame é assinalada pelo numero de antiquários estrangeiros que se deslocaram a Lisboa expressamente

Previdência social — colóquio no Sindicato das Artes Gráficas

No prosseguimento dos colóquios levados a efeito pela direcção do Sindicato Nacional das Artes Gráficas acerca da nova lei sindical, e após encerrado este ciclo efectuar-se-á amanhã um novo debate subordinado ao tema da Previdência Social A iniciativa está a despertar grande interesse por parte dos associados

O referido colóquio realizar-se-á na sede do Sindicato, na Rua da Barroca, 107, 2.º, amanhã pelas 21 e 30

Policlínica do Rossio

L. D João da Câmara.

19, 2.º Esq. — Telef 32 06 60

Dr Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.

Dr Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª 4.ª 5.ª e 6.ª — 15 30 h

Dr Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e e 5.ª — 15 h.

Dr A. Pita Negrão — Clín. cirur — Operações — 3.ª 5.ª e sáb — 16 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e Ouv — 14 h.

Dr Ferreira Malaquias — Estom., Intest. Figado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª 4.ª e 6.ª — 19 h.

Dr Foutoura Madureira — Rins e v uri. — 16 h.

Dr Freitas de Sousa — Doen Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h

Dr Luis Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª 5.ª e sábados — 14 h.

Dr Luis Leite — Senhoras — Partos — 17 h.

Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.

Dr. M Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª 5.ª e sáb.ª — 15 h.

Dr. Marques da Gama — Clín Médica — 3.ª 18.30 h., Sáb. 14.30 h.

Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.

Dr. Nelson R Viegas — Pele e Sífilis — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 15 h

Dr Mesquita Guimarães — Raios X.

Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Ultramarinos		
Consolidado 2,3/4%	512$	—	512$
Consolidado 3%	523$	—	523$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	1.500$	1.500$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.005$	1.004$	005$
Externo Série	—	640$	—
Externo Série C	705$	705$	715$
Externo 3ª Série	—	770$	800$
Externo 3ª Série C	—	815$	825$
Caminhos 3ª Série	—	1615$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	915$	915$	920$
C P 4 1/2 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	—	1.015$	—
C U F 6%	—	1.010$	—
C U F 6% 68	1.007$	1.005$	1.008$
Gás Elect 4% 48	—	825$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	900$	—
Gas Elect 5% 54	—	890$	—
Gas Elect 5% 58	—	880$	—
Gas Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	—	—
Gás Elect 5% 63	—	935$	950$
Gás Elect 5% 65	—	915$	—
Gas Elect 6% 67	—	—	1.022$
H E A Alentejo 5%	—	810$	—
H E Cávado 5%	815$	815$	—
H E Cávado 6%	—	1007$	—
H E Douro 5%	815$	810$	815$
H E Douro 6%	1005$	1003$	—
H E Norte Port 5%	—	850$	—
H E S Estreito 6%	—	1002$	—
H E Zêzere 5% 55	—	830$	—
H E Zezere 5% 57	—	830$	—
Lisnave 6%	—	1.015$	1020$
Metropolitano 4%	—	890$	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	993$	1.000$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	815$	812$	815$
Nitratos 5%	—	810$	—
Nitratos 5% 60	800$	795$	810$
Pertoquimica 5%	—	870$	900$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	800$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	815$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	815$	—
Sonefe 5%	—	—	850$
T A P 4%	—	950$	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	86$
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	81$	81$	81$5
U E P 5% 60	—	—	810$
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	2.350$	2.330$	2.370$
Alentejo	1.190$	1.180$	1.200$
Angola	4.000$	3.920$	3.990$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	5.700$	5.700$	5 750$
E Santo	—	22.000$	28 000$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	22.000$
Fomento	2.600$	2.590$	2.610$
L & Açores p.	7.300$	7.280$	7 350$
L & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	5.890$	5.800$	5 890$
Portugal n	3.200$	3.150$	3.300$
Portugal p	4.200$	4.250$	4.320$
Totta Aliança	—	6.350$	6.500$
Ultramarino n.	3.600$	3.600$	3.650$
Ultramarino p.	3.920$	3.900$	3.950$
Seguros			
Alentejo	137$	136$	140$
Douro	—	1.250$	—
Mundial	—	875$	—
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	50.000$	—
Ultramarina	—	19.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	840$	—
Ag Cosseque	755$	752$	760$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	490$
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	330$
Boror	—	—	—
Buz	89$	89$	89$5
Cabinda	287$	285$	238$
Diamantes Angola	2.840$	2.835$	2.845$
H. E. Revué	—	720$	800$

Fec	Compra	Vende	Fec	Compra	Vende
Fbc do Príncipe	—	—	—		
Moçambique	214$	213$	215$		
Vonete n	455$	460$	—		
Vonete p	475$	470$	477$		
Zambeze	—	87$	88$		
Diversos					
Cabo	7 480$	7 450$	7.500$		
Em Leixo	—	4 200$	5 000$		
Em Teio	—	6 750$	7 000$		
Sul Navegação	1.480$	470$	—		
U	1.600$	550$	600$		
Ind Aliança	—	—	—		
Nac Navegação	—	4 600$	4 700$		
Petroquímico	850$	800$	1.870$		
Port e Colónias	—	500$	510$		
Port Celulose	—	4 400$	4 500$		
Port Pesca	—	—	100$		
Port Tabacos	752$	750$	752$		
Sacor	4 850$	—	—		
Seguros Nac	2 200$	2 180$	2 200$		
Sonae	3 490$	3 490$	3 500$		
Tabacos de Portugal	—	700$	—		
Tabaqueira	7 400$	7 300$	7 400$		
U E Azote	—	840$	865$		
Agua Elect e Gás					
Aguas Lisboa p	—	400$	405$		
Aguas Lisboa 34	—	421$	430$		
Aguas Lisboa 36	—	400$	—		
C P Electricidade	1.305$	304$	305$		
Elect Beira	—	760$	790$		
Gás Electr	439$	439$	440$		
H E Alto Alentejo	211$	211$	211$5		
H E Cávado	—	—	—		
H E Douro	—	—	—		
H E Norte Portugal	415$	310$	320$		
H E S Estreito	—	—	—		
H E Zêzere	—	—	—		
Nac Electricidade	—	—	—		
Termoelectr Port	—	—	—		
U E P	—	200$	208$		
FUNDOS DE INVESTIMENTO					
F I Atlântico	—	210$7	217$		
F I D E S	—	129$8	133$7		

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	2/4/70	8/4/70	9/4/70
GERAL	159,7	161,3	**160,9**
METROPOL.	149,4	151,2	**150,9**
ULTRAM.	235,1	235,7	**234,3**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dólares, de 1 e 2	28$10	28$60
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Canadá		
— Dólares de 1 e 2	26$00	26$50
— Dólares de 5 a 1000	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$65	7$95
Argentina — Peso	$06	$09
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	4$80	6$80
Espanha — Peseta	$40,3	$4[illegible],8
Holanda — Florim	7$75	8$05
Inglaterra — Libra	68$30	70$10
Itália — Lira	$04,35	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$90	5$30
Suiça — Franco	6$63	6$83
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Dinamarca — Coroa	3$65	3$95
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$50	36$50

J. BURNAY L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito Tel. 321273

JULGAMENTO DE UM GUARDA DA P. S. P.

ACUSADO DE CRIME DE HOMICÍDIO

Começou esta tarde, no 2.º Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, o julgamento do guarda da P. S. P. Francisco João da Silva Faria e Costa, incriminado como autor de homicídio voluntário.

Segundo o libelo, quando o réu se encontrava de serviço na Parada dos Prazeres, na travessa do mesmo nome, na tarde de 10 de Novembro de 1969 alvejou com três tiros de pistola, após discussão e luta, o electricista José Miguel dos Santos Vieira, de 23 anos, solteiro, que viria a falecer.

É do domínio público que a vítima recebia assistência no Hospital Júlio de Matos desde os 6 ou 7 anos, por sofrer de epilepsia A partir de 1956, em consequência de crise mais aguda foi internada naquele estabelecimento tendo alta em 30 de Abril de 1968

No processo, figuram três declarantes e seis testemunhas. Entre a assistência, está o pai da vítima, sr. Francisco Vieira, e o rev. Armando Augusto de Azevedo, professor das Oficinas de São José, que socorreu a vítima, logo a seguir ao crime, pois passava ocasionalmente no local

A família de José Miguel dos Santos Vieira é representada pelo dr Rui Correia de Melo e a defesa está confiada ao capitão Francisco da Costa Correia

Se os debates não forem longos, é de admitir que a decisão da sentença seja conhecida a noite

Atraso nos combóios da linha de Sintra

Devido a avaria havida nos sinais e mecanismo das agulhas em Campolide, verificou-se esta manhã atraso nos comboios da linha de Sintra

Cerca das 10 horas, a avaria estava reparada, pelo que a circulação das composições retomou o seu ritmo normal.

DINHEIRO SOBRE AUTOMOVEIS E PROPRIEDADES
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

UMA COMISSÃO DE ESCRITORES INVESTIRÁ OS DIREITOS DA OBRA DE ALVES REDOL EM ACTIVIDADES DE CULTURA POPULAR

A mesa que presidiu á reunião: (da esquerda para a direita), Alberto Ferreira, Mário Ventura, o pai de Alves Redol, eng.º António Redol (filho do romancista) e José Cardoso Pires

Três escritores — José Cardoso Pires, Alberto Ferreira e Mário Ventura — foram incumbidos por Alves Redol, uma semana antes da morte do escritor, de estudarem um programa de administração dos direitos de autor para investimento dos mesmos em iniciativas que promovessem a cultura popular.

Esta manhã, em sessão efectuada na Casa da Imprensa, aqueles três escritores e o filho do escritor falecido (eng.º António Redol), apresentaram aos jornalistas os apontamentos do romancista de «Barranco de Cegos» tomados nesse sentido altruista: a) *apoio a iniciativas em prol da cultura popular, particularmente a bibliotecas fixas já fundadas ou a fundar em centros que o justificarem;* b) *inquérito á escala nacional para se conhecerem as necessidades e as prioridades a estabelecer, de modo a que não se criem bibliotecas por influências individuais, mas por verdadeiras necessidades colectivas;* c) *estímulo monetário ás associações de cultura e recreio que se interessem pelo estudo dos problemas concretos da sua localidade ou região, de modo a torná-los elementos uteis para investigadores, etc.*

Considerando a tarefa como bastante árdua, aqueles três escritores, que constituem a comissão nomeada por Redol, convidou um grupo de camaradas do autor de «Gaibéus» para os auxiliar a definir a linha de acção para estudo e edição das obras do grande romancista: Augusto Abelaira, Carlos de Oliveira, Fernando Assis Pacheco, Fernando Namora, Manuel Ferreira e Mário Dionísio

Como se torna necessário dar uma forma legal ás disposições de Alves Redol, será constituída uma entidade denominada «Legado Alves Redol», cujo estatuto se encontra em estudo

No entanto, foram adiantados os seguintes princípios gerais deliberação sobre todos os assuntos relacionados com os Direitos de Autor de Alves Redol; distribuição de subsídios de acordo com as disposições enunciadas; participação deliberativa dos companheiros de Redol; possibilidade de substituição periódica da direcção; existência de um unico membro permanente: o filho de Redol; e afastamento da família de Redol se, após a morte do filho, não for considerado apto para desempenhar a tarefa outro familiar do escritor.

Ainda durante a sessão a que nos vimos referindo, uma comissão pró-Redol de Vila Franca de Xira deu a conhecer, através do sr. José Perdigão, que á mesma preside, que naquela vila «se erguerá um Centro de Cultura Popular, nascido de uma ideia da Comissão *Legado Alves Redol*, mas independente dela»

O Centro constará de um Museu dedicado á obra do autor de «Gaibéus», uma Biblioteca que terá como ponto de partida a sua biblioteca particular e que destinará a actividades de índole etnográfica e regional, sempre norteadas nas suas linhas gerais pela linha de pensamento de Alves Redol. Está ainda prevista a formação da uma biblioteca infantil (lembremos que a literatura infantil preocupou bastante Alves Redol) e também a criação daquilo a que se poderia chamar o Museu do Tejo, ideia muito querida ao autor da «Fanga» e que seria formado a partir dos elementos de toda a ordem recolhidos ao longo do Tejo (desde Espanha), que mostrassem a multiplicidade da vida do povo ao longo deste rio

Enalteceram a figura e a obra de Redol, em breves improvisos, os escritores Alberto Ferreira, José Cardoso Pires e Mário Ventura — e, no fim, o editor Lyon de Castro prometeu toda a colaboração para que sejam fielmente cumpridas as ultimas disposições do autor de «Barranco de Cegos»

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado a encoberto, o vento era fraco e caíam aguaceiros em alguns locais

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Viseu, 9°,5; mínima: Penhas da Saude, —3° 3°,6

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 0°. Penhas Douradas, 0° Coimbra, 1° Portalegre, 0°,5; Lisboa e Faro, 2° Funchal, 5°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 3°,5; na água do mar,

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente muito nublado, vento fraco a moderado dos quadrantes de Oeste, períodos de chuva fraca e aguaceiros

Amanhã
Nascer ás 7 e 10
Ocaso ás 20 e 7

Dia 13 Dia 21 Dia 28 Dia 5

MARÉS:

PREIA-MAR — **Hoje:** 0 e 14 (4,0 m); 18 e 32 (3,9 m) **Dia 10:** 6 e 59 (3,7 m), 19 e 5 (3,7 m) **Dia 11:** 7 e 47 (2,4 m); 20 e 07 (3,5 m)
BAIXA-MAR — **Hoje:** 4 e 54 (1,0 m); **dia 10:** 0 e 3 (1,0 m), 12 e 30 (1,2 m) **dia 11:** 0 e 58 (1,3 m), 13 e 11 (1,5 m

REDOL INÉDITO

Durante a reunião, foi revelada a existência de três obras inéditas de Alves Redol: os romances «Os Reinegros» e «Lago das Viúvas» e, em teatro, «Fronteira Fechada». Esclareceu-se que serão oportunamente publicadas. Também será editado um volume de recolha de produções dispersas.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

REUNIÕES COM EXPORTADORES EM LISBOA

De 15 a 20 de Junho próximo, encontrar-se-ão em Lisboa os delegados do Fundo de Fomento de Exportação nos seguintes mercados: Alemanha, Bélgica, Canadá Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, França Inglaterra, Itália Líbano, Suécia e Suiça

Aqueles delegados receberão, em audiências individuais os Srs exportadores que desejem obter informações sobre os referidos mercados Os interessados deverão inscrever-se no Fundo de Fomento de Exportação Rua Camilo Castelo Branco n.º 2, em Lisboa, solicitando a respectiva ficha de inscrição que, devidamente preenchida tem de ser entregue neste organismo impreterivelmente até dia 30 de Abril, pelo que após expirado o prazo, não poderá ser considerada

Posteriormente a essa data, o F F. E comunicará aos inscritos o dia a hora e o local em que serão recebidos.

Fiat
Precisa de repará-lo ou fazer estação de serviço? Dirija-se a Av. Marconi, 8-A (junto á Praça de Londres). Tel. 77 73 62.

VIAGENS APOLO
FÉRIAS EM MAIORCA
15 DIAS DE ESTADIA • PENSÃO COMPLETA
VIAGENS IDA/VOLTA EM CARAVELLE DA TAP
PREÇO DESDE
ESC. 3.400$00
FÉRIAS EM TORREMOLINOS
8 E 15 DIAS DE ESTADIA • PENSÃO COMPLETA
VIAGENS IDA/VOLTA EM AUTOCARRO DE LUXO
PREÇO DESDE
ESC. 1.715$00
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
"Atlântica"
RUA CAPELO, 4-A — LISBOA — Telefs. 369084 - 369085 369884 - 369465

Domingo, 12 de Abril ás 16 horas M/6 ANOS
TOIROS e JUVENTUDE
CAMPO PEQUENO
GARRAIADA DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE MEDICINA
(4.º ano)
CAVALEIROS
JORGE CARVALHO E CARLOS EMPIS
ESPADA
JOSÉ PISCO
Dois Grupos de Forçados valentões
Os «Mei-rins» da bata branca e as «Barbarellas da Seringa»
AVISO: Este espectáculo e aconselhado a «vamps» de perfume bárbado e a homens de barba rija!
Telefs.: 766161, 321712 e 30769
CONTINUAM ABERTAS AS MARCAÇÕES PARA A TEMPORADA

acabam de aparecer

Orlando Ribeiro
VARIAÇÕES SOBRE TEMAS DE CIÊNCIA
Alguns dos temas: *Pode haver Ciência em Portugal? Âmbito e variedades do conceito de Ciência Ciência e Magia. Acerca da orientação do desenvolvimento científico em Portugal. David Lopes, Historiador. Celestino Costa e a cultura nacional. Rodrigues Lapa. Professor.* * 60$00

Joel Serrão
INICIAÇÃO AO FILOSOFAR
«... ponto de partida para uma reflexão que se pretende liberta de quaisquer compromissos, entre eles os programas liceais e as limitações de uma informação e formação universitárias que foi necessário quer esquecer quer reformar.» (do Prefácio) * 50$00

André Martinet
ELEMENTOS DE LINGUÍSTICA GERAL
2.ª edição, revista e aumentada
O Autor, um dos grandes teorizadores da linguística contemporânea, apresenta-nos nesta obra, resultado do seu ensino na Sorbonne, as suas frutuosas concepções da ciência da linguagem e da análise linguística. * 55$00

Livraria SÁ DA COSTA Editora

koko

2.º caderno

Roubaram as quatro rodas de um carro

ALCOBAÇA, 9. — Do roubo frequente de automóuma nova modalidade.

Sabia-se, também, que os larápios, a coberto da noite, retiravam dos veículos estacionados na via pública ou acessos particulares algumas peças que depois vendiam para a sucata. Mas o que se passou agora em pleno Rossio de Alcobaça, mais pròpriamente no Largo Dr. Oliveira Salazar, durante a noite, excede a acção vulgar.

Eis o caso: estacionava naquela praça um automóvel, pertencente á Estação Agronómica Nacional — Departamento de Pomologia, confiado ao regente agrícola sr. José Julio Antunes Paula Barroso.

A despeito de iluminado e concorrido esse local, os gatunos furtaram nada menos do que as quatro rodas, com jantes, deixando a viatura em cima de tijolos!

O caso, como é natural, traz a população sobreexaltada com a ousadia dos autores da proeza, receando-se que estes casos se repitam.

O roubo foi comunicado às autoridades, mas há certo ceptisismo em localizar as rodas subtraídas.

CICLO DE GESTÃO INDUSTRIAL PROMOVIDO PELO I. N. I. I.

Visando proporcionar aos responsáveis funcionais e aos quadros especializados das empresas nacionais uma formação sistemática nos respectivos domínios de acção — «Marketing», Gestão Financeira, Gestão do Pessoal, Gestão da Produção, etc. — organiza este ano, pela primeira vez, o Instituto Nacional de Investigação Industrial, uma série de ciclos de aperfeiçoamento, de longa duração, compostos de três a cinco seminários distribuídos ao longo do ano.

O primeiro destes ciclos será dedicado à Gestão Industrial e terá início no próximo dia 20, com o seminário «Estudo e Preparação do Trabalho», de cujo programa destacamos os seguintes temas: estudo do trabalho, estudo dos métodos; estudo dos tempos e medida do trabalho; análise do valor; estudo e desenvolvimento de novos produtos; avaliação de postos de trabalho; estudo salarial; remuneração — incentivos monetários e não monetários.

Completam o ciclo quatro outros seminários subordinados aos títulos:

«Planeamento e Contrôle da Produção» — coordenação entre as vendas e a produção, planeamento a médio e a curto prazo, técnicas de planeamento PERT E CPM, gestão da qualidade; «Aprovisionamento e Gestão de Stocks» — a compra, a gestão e a organização material dos armazéns, gestão administrativa, gestão económica dos «stocks», plano de racionalização de um «stock», métodos de gestão e gestão científica de «stocks»; «Custos da Produção» — os sistemas de custos ao serviço do «management» moderno, a implantação do sistema e a utilização das informações sobre custos». «Conservação e Segurança».

Os interessados poderão dirigir-se, para mais informações, ao «Grupo de Formação e Aperfeiçoamento do I. N. I. I.» (Rua de Buenos Aires, 28, 1.º, Lisboa-2 — Telef. 67 70 07/8/9).

«Correio do Ribatejo»

Entra hoje no 80.º ano de existência, nunca tendo deixado de se publicar, o «Correio do Ribatejo», o jornal mais antigo do distrito de Santarém, que naquela cidade foi fundado por João Arruda e há 36 anos é dirigido por seu filho, dr. Virgílio Arruda, presidente da Junta Distrital de Santarém.

TELEVISORES

APROVEITE A CAMPANHA DE TROCAS

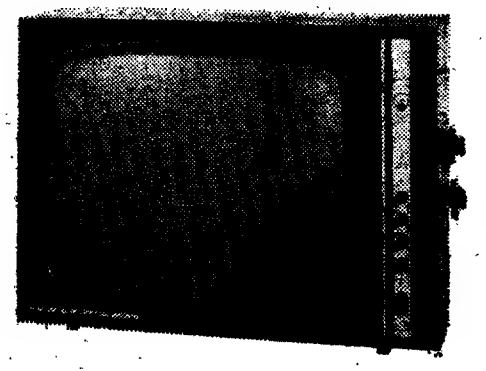
O SEU TELEVISOR USADO VALE DE

1.500$00 A 5.000$00 (MESMO AVARIADO)

SE O TROCAR NA JOVICA TEM 2 ANOS DE GARANTIA

OFERTA DA ANTENA PARA OS 2 PROGRAMAS DESDE 99$00 MENSAIS —

SEM | ENTRADA
FIADOR



JOVICA

Sede: Av. 5 de Outubro, 53-C.—LISBOA—Tels. 47769-535019
Filiais: CACEM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Na inauguração do Estádio Helmântico

O SPORTING EMPATOU COM O SALAMANCA (0-0)

• DAMAS E DINIS, OS MELHORES DA EQUIPA PORTUGUESA

SALAMANCA, 9. — (Especial para o «Diário de Lisboa») — **A União Desportiva de Salamanca inaugurou ontem á noite o seu magnífico estádio, denominado Helmântico, com um aliciante festival desportivo, do qual constava um encontro de futebol entre a equipa salamantina e a do Sporting, novo campeão português.**

O desafio suscitou enorme interesse na histórica cidade. Os locais bateram-se com muita energia, procurando o triunfo, por vezes com verdadeira sofreguidão e imprimindo aos lances apreciável rapidez.

Ao contrário, os portugueses adoptaram uma toada de jogo repousado, sem pressas. Tentaram defender-se, primeiro, do ímpeto dos adversários, com o objectivo de retorquir, no mesmo tom, na altura propícia.

Mas esse momento nunca, verdadeiramente, se lhes deparou, porque os espanhóis jamais mais esclarecido houvesse sido explanado pelos portugueses, assim como não surpreende que entre eles se notasse também um maior apuro de predicados técnicos.

Não surpreende que o jogo brandavam de empenho e velocidade.

Não surpreende que o jogo nico-tácticos.

O certo, porém, é que os Salamantinos não lhes deram quaisquer instantes de tréguas.

Portanto, técnica mais perfeita por parte da equipa de Lisboa e maior espírito de luta pelo lado dos espanhóis.

O resultado do desafio — empate por 0-0 — veio a traduzir, com fidelidade, o comportamento embora dispar, dos conjuntos contendores.

No «team» português, houve dois jogadores que estiveram particularmente em evidência: o guarda-redes Damas, que realizou umas quantas defesas de categoria, e o avançado Dinis, que em vários apontamentos revelou real classe, a qual não passou despercebida ao público espanhol. Foram os mais apreciados jogadores portugueses. Diga-se, no entanto, que Damas não foi chamado a trabalho árduo, porquanto a defesa travou a maioria dos ataques dos adversários, os quais amiúde se viram em apuros para penetrar na grande área contrária.

Refira-se ainda que a arbitragem satisfez em absoluto, pela ausência de «caseirismo», do qual por vezes tanto se queixam as equipas visitantes...

★

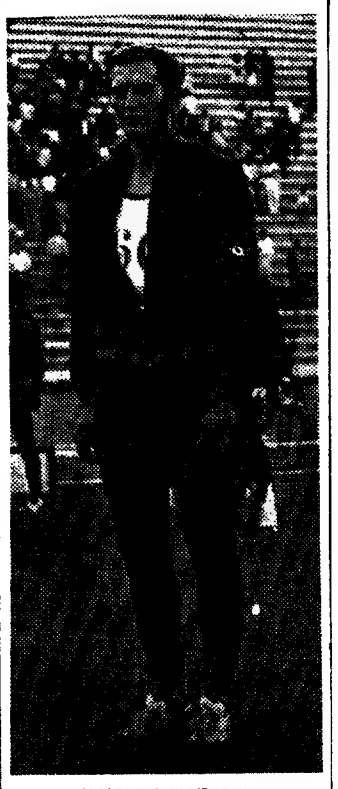
SALAMANCA — Carlos; Simonet, Huerta, Cachicha e José Manuel; Manolo, Eloy e Fermin; Sancho, Miguel e Gimenez.

SPORTENG — Damas; Pedro Gomes, Caló, José Carlos e Hilário; Gonçalves, Morais e Peres; Mário, Nelson e Dinis.

Substituições na equipa portuguesa: Gonçalves por Pedras, aos 30 minutos da segunda parte. A 7 minutos do termo do encontro, Celestino entrou para o posto de Morais. Perto do final, Alexandre Baptista substituiu Mário.

Arbitrou Santos Lopez, de Salamanca.

Damas: balizas intocáveis



RUI OLIVEIRA

VI «Rallye» às Antas

Devem encontrar-se em condições regulamentares os carros em verificação

Conforme noticiámos, a Comissão Desportiva do A. C. P., após a chegada do VI Rallye ás Antas, decidiu colocar, sob observação, os carros dos concorrentes Jorge Nascimento (BMW 2002) e Fernando Baptista (Austin Cooper S) para proceder a minuciosas verificações técnicas, com a finalidade de se apurar se estariam de acordo com o Regulamento Nacional para carros de Turismo de Série.

Assim, aqueles dois automóveis recolheram a uma garagem, sendo posteriormente abertos os seus motores e verificados todos os seus elementos mecânicos.

Por informações particulares, soubemos que nos dois carros tudo estaria regulamentar, pelo que não haveria razões para a desclassificação dos seus condutores. Todavia, o veredicto oficial deve ser tornado público, dentro em breve, pelo A. C. P.

Assim, as classificações do Turismo de Série, dadas no nosso Suplemento Desportivo de 2.ª-feira, deverão manter-se, pelo menos quanto ao 1.º classificado — a vitória de Jorge Nascimento.

Sarmento Rebello e Moura Pinheiro: apelos para o A. C. P.

No que se refere a Fernando Baptista, (que ocupa naquela tabela, o 3.º posto, atrás de «Onimrif»), embora por esta parte a sua posição esteja definida, há que aguardar a resolução do apelo de Sarmento Rebello para o A. C P., já que este corredor poderia vir a ser 2.º classificado, se os seus argumentos fossem julgados procedentes.

Como se sabe, Sarmento Rebello (NSU TT), Carlos Moura Pinheiro (Fiat 125 S) e Rogério Beatriz (NSU TT) foram desclassificados pela Organização da prova (F. C. Porto) em consequência dos seus carros apresentarem 8 faróis em vez dos 6 que são permitidos pelo Regulamento. Imediatamente protestaram da decisão, mas as suas pretensões foram julgadas improcedentes. Restava-lhes apelar para o A. C. P., para resolução do caso.

Ora ao que julgamos saber, apenas Rogério Beatriz não entregou no Automóvel Club, o seu apelo, limitando-se a enviar uma exposição sobre o assunto.

Abrem hoje as inscrições para o «Nacional» de Velocidade

A partir de hoje, estão abertas as inscrições para o Campeonato Nacional de Velocidade de 1970.

A entrega dos boletins respectivos, pode ser efectuada na Sede do Automóvel Club de Portugal, na sua Secção Regional do Norte, no Porto, e nas Delegações de Aveiro, Coimbra e Faro, locais onde os interessados podem, também, tomar conhecimento do respectivo regulamento.

A primeira prova do campeonato será a tradicional Rampa da Pena, com Organização do Club Arte e Sport.

Em princípio, esta rampa será disputada de dia, pelo que nela poderão correr carros de Fórmula V e Fórmula Ford (em estrela).

Distribuição dos prémios aos «Melhores do Ano-1969», no dia 27

Efectua-se no próximo dia 27 de Abril o banquete de homenagem aos «Melhores do Ano — 1969» (eleitos pela Associação Portuguesa dos Jornalistas de Automóveis), durante o qual lhe serão entregues os respectivos troféus honoríficos.

Na reunião, a efectuar em local a indicar em breve, estarão presentes, também, algumas das «vedetas» internacionais que participam no «Rallye» Londres-México, na altura na capital.

Todas as pessoas interessadas em participar no jantar, poderão fazer a sua inscrição na administração do jornal «Motor», R. Castilho, 195, 2.º — Lisboa, ou pelo telefone 654538.

Quatro vitórias sportinguistas nas pistas de Salamanca

A pista do novo Estádio Helmantico (em Salamanca) foi também inaugurada com provas de atletismo em que estiveram presentes atletas leoninos. Eis os resultados das provas:

100 METROS — 1.º, Sanchez Paraizo, Salamanca, 10,5 s.; 2.º, Luis Sarriá, Madrid, 10,9 s.; 3.º, Carlos Silva, Sporting, 10,9 s.; 4.º, Gomez Pellico, Madrid, 11 s.; 5.º, Rui Oliveira, Sporting, 11.1 s.

CARLOS LOPES

800 METROS — 1.º, António Burgos, Madrid, 1 m. 58 s.; 2.º, Fernando Mamede, Sporting, 1 m. 58,8 s.; 3.º, Rafael Garcia, Madrid, 1 m. 59 s.; 4.º, José Maria Afonso, Madrid, 1 m. 59,1 s.; 5.º, Francisco Morera, Madrid, 2 m. 0.9 s.; 6.º, Angel Loubano, Salamanca, 2 m. 1,1 s.

COMPRIMENTO — 1.º, Rui Oliveira, Sporting, 6,82 m; 2.º, Julio Fernandes, Sporting, 6,55 m; 3.º, Manuel Hernandez, Salamanca, 6,34; 4.º, Suarez Canal, Madrid, 6,25; 5.º, Manuel Carvalho, Madrid, 6,20; 6.º, Severiano Perez, Salamanca, 6,07.

5000 metros — 1.º, Carlos Lopes (Sp.), 15 m 27 s; 2.º, Eduardo Simões (Sp.), 15 m 53 s; 3.º, Basílio (Salamanca), 16 m 12 s; 4.º, Domingo Maujon (Sal.), 16 m 13,4 s; 5.º, José Matmierca (Salg.), 16 m 36,6 s

1500 metros — 1.º, Morujo Julio (Sp.), 4 m 3,8 s; 2.º, José Ramon (Sal.), 4 m 5,8 s; 3.º, José Lourenço (Sp.), 4 m 6,2 s; 4.º, Pascual Sanchez (Sal.), 4 m 10,4 s; 5.º, Tomas Barrio (Madrid), 4 m 15 s; 6.º, Joaquin Lausano (Sal.), 4 m 16,6 s.

200 metros — 1.º, Carlos Silva (Sp.), 23,5 s; 2.º, Francisco Ramon (Sal.), 23,9 s; 3.º, Gerardo Prieto (Sal.), 24 s; 4.º, Suarez Canal (Mad.), 24,1 s; 5.º, Palácios (Sal.), 24,2 s.

400 metros — 1.º, Alberto Esteban (Madrid), 50,5 s; 2.º, Alvaro Gonzalez (Sal.), 50,5 s; 3.º, António Fernandez (Salg.), 51,1 s; 4.º, Alberto Matos (Sp.), 51,3 s; 5.º, António Salsinha (Sp.), 51,6 s.

MARUJO JÚLIO

HOJE À NOITE

SESSÃO SOLENE — Comemorativa do 12.º aniversário da União Desportiva e Recreativa de Algés, ás 22, seguida de palestra sobre desporto, pelo dr. Boavida Portugal.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de equipas seniores: I Divisão — Lisgás-Avilla, Sporting-Paço de Arcos, Centro Católico-Benfica e Belenenses-G. I. P. A.

II Divisão — Armadorense-Amoreiras, Combatentes-Arte e Sport, Intendente-Rodrigues Cordeiro e Ateneu-Mirantense.

III Divisão — Acad. Amadora-Recordação de Apolo, Atlético do Cacém-Arroios, Estrela da Amadora-Económicos e S. L. Águais-Desportivo Operário.

Promoção: Série A — Carregado-Madre de Deus, Cimento Tejo-Casa Pia, F. C. Lisboa-Lusitano Clube e Desportivo da Graça-Bela Vista. Série B — Fontainhas-Andorinha, Oeiras-Castelo, Terceira-Desportivo do Carmo e Mercês-Academia Verdi.

Todos os jogos se realizam nas mesas dos primeiros, ás 21 e 30.

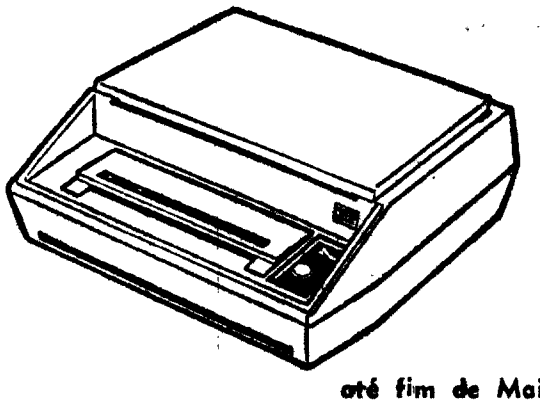
HOMENAGEM EM COIMBRA A MARQUES BOM

COIMBRA, 9 — Promovido por uma comissão de admiradores, haverá amanhã, ás 20 e 30, num restaurante citadino, um jantar de homenagem ao sr. Augusto Marques Bom, presidente da Comissão distrital de árbitros de futebol, a quem foi concedido um louvor pela Direcção-Geral dos Desportos, distinguindo a sua acção naquele organismo.

NA GAMA DAS MÁQUINAS 3M COMPANY

... A FOTOCOPIADORA A SECO 251

com a qual pode fotocopiar a seco absolutamente todos os documentos... quaisquer que sejam as suas cores



até fim de Maio recebemos a sua velha fotocopiadora em condições muito vantajosas para si

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO GRATUITA EM LISBOA OU NO PORTO, A:

3M COMPANY | MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.

Av. Infante Santo, 40 C LISBOA, 3
Telefones 677410 — 677441

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA

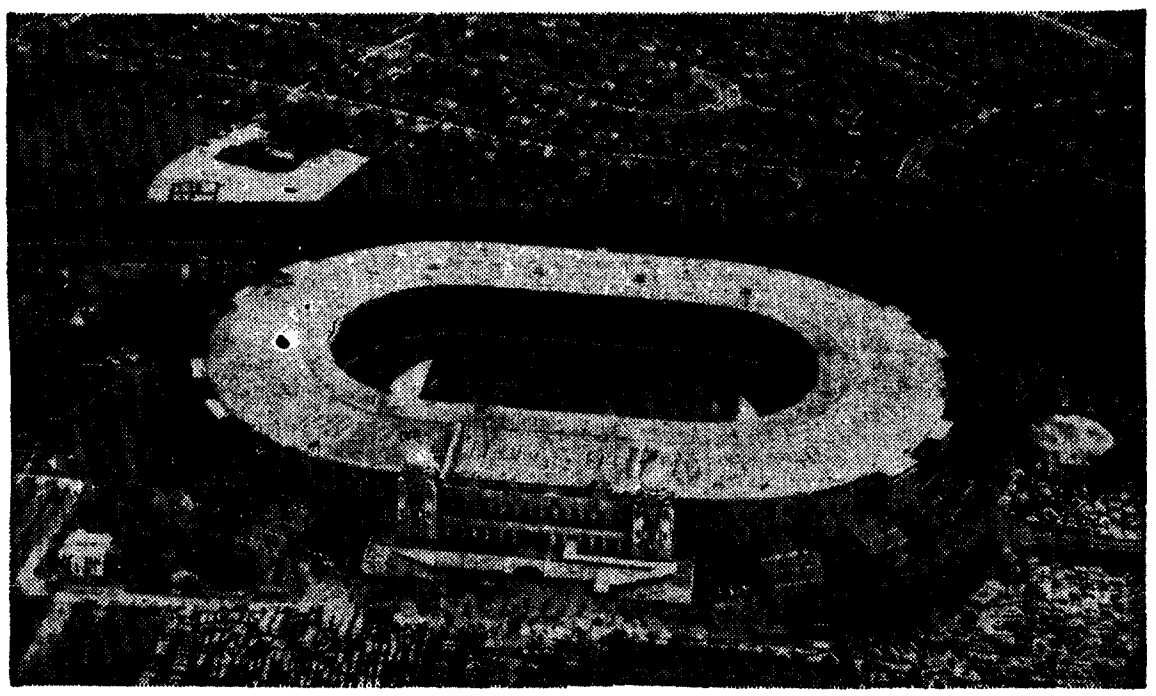
EUROVISÃO

Transmissão directa
de Londres
Estádio de Wembley

RTP

FINAL DA TAÇA DE INGLATERRA

Os 90 minutos mais espectaculares do futebol inglês



Espectáculo de grande gala na catedral do futebol

DESPORTO

EM ASSEMBLEIA GERAL

PROBLEMAS BENFIQUISTAS DISCUTIDOS ATÉ À MADRUGADA

Começou ás 9 e 30 e estendeu-se até para além das 2 horas da madrugada de hoje, a assembleia geral do Benfica, que havia sido interrompida a semana passada.

Justino Pinheiro Machado, presidente da assembleia geral, orientou os trabalhos, secretariado por Simões Costa e Sommer Ribeiro.

No Pavilhão da Luz, quase cheio, os benfiquistas discutiram os problemas do clube.

ABERTURA — Exortação de Pinheiro Machado á unidade entre os sócios: «não temos que nos odiar nem maltratar uns aos outros. Se os meus 40 anos de trabalho dentro do clube merecem alguma coisa, peço-lhes que sejamos dignos do clube e que prossigamos os trabalhos em boa ordem».

PRIMEIROS ORADORES — Simões Raposo (que historiou a sua vida associativa), Domingos Claudino (sou «fogueteiro» e brusco mas sou honesto), Francisco Campas (a prestar um esclarecimento) são os primeiros oradores a fazer uso da palavra.

REQUERIMENTO — O dr. Rui Pita requer que se proceda imediatamente á votação do relatório. (Aprovado por grande maioria).

IMPUGNAÇÃO NÃO CONFIRMADA — Romão Martins abandonada a hipótese de impugnação da assembleia, sugere: que se aprove o resto do relatório e se deixem as contas de parte. Admite que não falte dinheiro mas gostaria de saber onde está.

Roman Navarro, presidente da comissão central, segue-se e afirma «não haver intuito de esconder o quer que fosse».

Aisda sobre o mesmo assunto fala o dr. António José de Melo. Entre outras frases: «O Benfica está totalmente ultrapassado no aspecto de gestão».

Francisco Lobato chama a atenção para a assembleia estar saturada de discursos e diz prematura a apreciação do relatório. Tem uma expressão feliz: «estamos no fim da primeira volta do campeonato directivo».

O eng.º Gameiro assinala a coincidência das suas discordancias com as que revelou Romão Martins

O PRESIDENTE — O dr. Borges Coutinho (preparado para a defesa e para o ataque) pormenoriza saldos, refere-se detalhadamente a numeros, secundado pelo tesoureiro Mário Baptista da Silva.

Chegara o momento de apreciar o Relatório e Contas: Parecer do Conselho Fiscal — Dois numeros aprovados por maioria. A primeira proposta visava a aprovação do Relatório e Contas; o segundo um voto de louvor á Direcção.

Conclusões e propostas da Direcção: aplicação dos saldos de várias contas (aprovada por maioria).

Concessão de galardões — Aguias de prata para João Damasceno Gonçalves Covão, Simões Raposo, Francisco Retorta, dr. Osvaldo Branco e eng.º Helder Viegas. Títulos de sócios de mérito a outros consócios (o dr. José Ferreira Queimado, aprovado por maioria). Votos de saudação e agradecimento (imensos). Votos de louvor e agradecimento.

Nos votos de saudação, houve que excluir a Direcção transacta de F. P. F. E votos de pesar, acompanhados de um minuto de silêncio.

E atingiu-se a *meia-hora*, que viria a ter vários prolongamentos... Depois de aprovado um voto de louvor ao treinador José Augusto e á equipa de futebol, deu-se início a uma imperdoável série de intervenções.

Alfredo José Ribeiro Gaspar (apelo á dedicação da massa associativa); Nuno Oliveira (criticar, sim, hostilizar, não); Bento Lopes Ramalho (intervenção prolixa e longa), começaram.

ESTÁDIO DA LUZ — O caso dos terrenos do Estádio da Luz e as negociações com a C. M. L. foram temas profusamente tratados. O vice-presidente Germano Campos recorda: «O parecer dos juristas era favorável ás condições em que a cedência dos terrenos se efectuou. O Benfica tem 8 mil e 100 contos para a construção da sua cidade desportiva

CICLISMO — A demissão da Comissão de Ciclismo seria o «clou» da reunião. José João Ferreira da Cruz narra os factos que o conduziram a entregar a chave da secção. É largamente ovacionado. O director Constantino Gomes justifica-se perante algumas acusações de Ferreira da Cruz, mas não alcança o apoio dos presentes. Uma sua frase (não sabíamos quando havia provas de ciclismo) alvoraçou todo o pavilhão.

Nunes Mota, Botelho da Costa, Rui Guedes e Rogério da Fonseca, alvitram e censuram, com os terrenos por tema principal, havendo a impressão de que «o outro clube» foi beneficiado em relação ao Benfica.

Idalino de Freitas, consegue levar a bom termo o diferendo surgido no departamento de ciclismo, que termina com a volta de Fernando da Cruz ás suas funções.

O presidente da Federação de Ciclismo insiste na publicidade nas camisolas como condição fundamental.

Falaram ainda o prof. dr. José Maria Gaspar (vibrante e influente) e o dr. Martins da Cruz (51 por cento da população é benfiquista), terminando a sessão como se impunha: com «vivas ao Benfica».

BRAUN

Lembre-se que com a máquina de barbear Braun faz a barba para todo o dia.

- A única máquina que escanhôa em profundidade

A venda nas boas casas da especialidade

Representantes:
FRIAL — Av. Brasil, 40-A

Distribuidores no Norte:
ARNALDO TRINDADE & C.ª, LDA.
R. St.ª Catarina, 117—Porto

AS NOVAS INSTALAÇÕES DO GINÁSIO CLUBE

Há cerimónias que se revestem de um significado muito especial — ultrapassando o mero simbolismo do acto em si mesmo.

O Ginásio Clube Português viveu, ontem, um momento verdadeiramente histórico da sua existência, ao serem empossadas as comissões encarregadas de erguer as novas instalações desportivas e sociais da prestimosa colectividade.

Abrindo a sessão, o presidente da Direcção, dr. Manuel Fradinho, manifestou a esperança num maior convivio entre todos os ginasistas que, até agora, se têm mantido algo afastados devido á falta de instalações condignas.

Seguidamente, o dr. Gonçalves de Castro, presidente da Assembleia Geral, deu posse aos componentes dos vários departamentos — a saber:

Comissão Central — *General Jorge Oom, eng.º Pedro Quintino, dr. Ennes da Laje, Manuel Nunes Correia, dr. Francisco da Silveira Pinto, Manuel Rodrigues e dr. Gonçalves de Castro. Estes associados presidem aos diferentes sectores.*

Comissão Consultiva — *Julio Gomes Ferreira, dr. Basilio Caeiro da Mata, Joaquim Pinto de Lima, Raul Rodrigues Worm, Tomás José Olaio, Gilberto Barros, Francisco Duarte Silva, Emílio Santos Lapa, Fernando Pires, dr. Salazar Leite, António Carlos Junior, eng.º Alves da Silva, Carlos Paula Alves, Guilherme Alves, Luís Alves Miguel, dr. José Cunha Mota, Mário de Miranda, dr. J. Carrusca, Fernando Gonçalves, dr. Duarte Espírito Santo Silva, José Maria da Cruz e Guilherme Angelo Silva.*

Secção de Obras — *Eng.º Prado Quintino, Jorge Ramos Paixão, eng.º Mina, Mário Crisi, eng.º Carlos Ramos, Herlander Fonseca.*

Secção de Equipamentos — *Eng.º Ennes da Laje, Manuel Sancho Osório, Carlos Gomes e Carlos Abreu.*

Secção de Angariação de Fundos — *Manuel Nunes Correia, Carlos Barros Simão, Joaquim Ferreira de Sousa, Raul Feio e Saul Pires.*

Secção de Propaganda e Organizações — *Dr. Silveira Pinto, José António Marques, José Garcia Alvarez, Sidónio Serpa e Carlos São Marcos.*

Secção de Apreciação de Propostas — *General Jorge Oom, dr. Manuel Fradinho, dr. Ennes da Laje, Manuel Nunes Correia, dr. Gonçalves de Castro, Manuel Rodrigues, Jorge Paixão, eng.º Prado Quintino e arquitecto e engenheiro da obra.*

Fiscalização da Obra — *A cargo dos componentes da secção de obras e equipamentos, do arquitecto e engenheiro autores do projecto.*

O início das obras está marcado para o dia 18 de Maio — e constitui o começo da realização de um sonho de muitos anos.

Acontecimentos DE ONTEM

Futebol—Taça Tejo

Barreirense e Belenenses empataram a dois golos

Boa assistência no Estádio D. Manuel de Melo, onde, sob a arbitragem de Raul Nazaré (Setubal), as equipas alinharam:

BARREIRENSE — Paixão; Julio, Faneca, Aleixo (Chaves) e Casaca; Mira e Serra; Pelota, Capela (Fernando), Serafim e Picado.

BELENENSES — Figueiredo; Assis, Lomelino, Cardoso (Murça) e Esteves; Carmo Pais e Canário (Gomes); Quinito, Camolas, Walter e Luciano

O encontro foi emotivo e proporcionou excelente espectáculo, devido ao apego com que as duas turmas se entregaram á luta.

Nenhum dos intervenientes no jogo merecia perder — e, assim, o empate registado no final consultou resultado de fácil aceitação.

Marcaram: Picado (2), Camolas e Luciano.

«NACIONAIS» UNIVERSITÁRIOS

Resultados das provas ontem efectuadas a contar para os campeonatos nacionais universitários:

FUTEBOL—Coimbra (Medicina)-Lisboa (Academia Militar), 2-1.

TÉNIS DE MESA — Lisboa (Técnico)-Porto (Engenharia), 5-1.

VOLEIBOL FEMININO — Porto (selecção)-Coimbra (selecção), 3-0 (15-5, 15-7, 15-1).

RÁGUEBI—Lisboa (Agronomia)-Porto (selecção), 14-0.

BASQUETEBOL MASCULINO — Coimbra (Ciências)-Angola (selecção), 103-50, com 48-23 na primeira parte.

Voleibol

VITÓRIAS DO L. GINÁSIO E DO BENFICA

A contar para a fase preliminar dos campeonatos nacionais femininos e de juniores, efectuaram-se ontem no Liceu Gil Vicente encontros referentes á 1.ª jornada.

Em senhoras, o Benfica venceu o C. D. U. L. por 3-0 (15-6; 15-10; 15-7) um encontro bem disputado por parte das universitárias que ofereceram excelente réplica, principalmente na segunda partida.

Arbitraram o encontro Oliveira Dias e Alfredo Silva, tendo as equipas apresentado:

BENFICA — Luísa Marques, Teresa Fernandes, Maria José, Leonor Santos, Madalena Canha, Filomena Moreira, Graça Ramos, Margarida Leite e Esperança Ramos.

C. D. U. L. — Maria da Luz, Adelaide Patrício, Luciana Durão, Conceição Posser, Manuela Nunes, Fernanda Cota e Conceição Roriz.

Em juniores, o L. Ginásio venceu o Benfica por 3-2 (10-15; 15-4; 15-8; 11-15; 15-12).

Em Braga, os juniores do V. Guimarães venceram o Sp. de Braga por 3-1 e as senhoras do Sp. de Braga derrotaram o V. Guimarães por 3-0.

O rescaldo dos domingos futebolísticos

Castigos aplicados pela Federação

O Conselho de Disciplina da F. P. F., reunido ontem, decidiu aplicar os seguintes castigos:

II DIVISÃO — Três jogos a Francisco Morais Ferreira, do Torriense, por «injurias ao árbitro» e **repreensão por escrito** a Carlos José Santos Durand, do Atlético, por «atitude incorrecta para com o árbitro».

III DIVISÃO — Seis jogos a Oscar Ribeiro Pereira Barros, do Limianos, por «injurias ao árbitro, no que é reincidente», e a António Veiga Duarte, do Sacavenense, por «agressão a um adversário, agravado por sucessão de faltas e ser capitão de equipa»; **cinco jogos** a Manuel Martinho Carvalho, do Mirandela, por «injurias ao árbitro, agravado por sucessão de faltas»; **três jogos** a Fernando Fernandes Martins, do Limianos, por «agressão a um adversário»; **dois jogos** a Augusto Francisco P. Felício, do Aljustrelense, por «agressão a um adversário»; **um jogo** a António Julio Jesus Cordeiro, do Desportivo de Beja, por «atitude incorrecta para com o árbitro»; e **repreensão por escrito** a José Pinto Martins, do Penalva do Castelo, por «atitude incorrecta para com o árbitro».

«NACIONAL» DE JUNIORES — Três jogos a Francisco José Pinto Durão, do Progresso, por «agressão a um adversário»; **dois jogos** a António Serafim Vieira Guimarães, do Feirense, também por «agressão a um adversário»; **um jogo** a Carlos João Guilherme Cardoso, do Vitória de Setubal, ainda por «agressão a um adversário, embora com atenuantes»; e **repreensão por escrito** a Armando Luís Santos Rodrigues Reis, do Loures, por «atitude incorrecta para com o árbitro».

«NACIONAL» DE JUVENIS — Três jogos a Manuel da Conceição Nugas, do Olhanense, por «jogo perigoso sistemático, agravado por ser capitão da equipa»; **dois jogos** a José Umbelino dos Santos, do União Sport, por «agressão a um adversário»; **um jogo** a António José Ribeiro Carvalho, do Vila Real, e a Alvaro Fernando Gomes, do Bragança, por «agressão mutua com um adversário» e a Fernando Tavares de Oliveira, do Atlético, por «prática de jogo violento»; **repreensão por escrito** a Fernando Manuel Cruz Pimentel, do Sporting de Coimbra, por «atitude incorrecta para com o árbitro».

TREINADORES — Repreensão por escrito a José dos Santos Gonçalves, do Torriense, por «atitude incorrecta para com o árbitro».

MASSAGISTAS — Repreensão por escrito a João Alexandre Gois Almeida, do Torriense, por «atitude incorrecta para com o árbitro», e a Angelo Moreira Lopes, do Ala-Arriba, por «entrada no terreno sem autorização do árbitro».

CLUBES — Dois jogos de interdição e multa de 500$00 á Associação Desportiva «Os Limianos», por comportamento incorrecto de uma parte do publico — arremesso de objectos molestando elementos da equipa de arbitragem»; **multa de 500$00** ao Futebol Clube de Famalicão e **multa de 100$00** ao Grupo Desportivo de Chaves, pelo mesmo motivo, mas «sem molestarem a equipa de arbitragem», e **repreensão por escrito** ao Sporting Clube de Coimbra e á Associação Académica de Coimbra, ambos por «demora na entrada em campo, para o início do jogo».

TORRALTA—Club Internacional de Férias, S. A. R. L.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
BALANÇO E CONTAS — PARECER DO CONSELHO FISCAL, 1969

ASSEMBLEIA GERAL

No dia 31 de Março de 1969, em conformidade com a convocatória de 2 do mesmo mês, publicada no Diário do Governo n.º 56, III Série, de 7 de Março do corrente ano, reuniu a Assembleia Geral Ordinária de TORRALTA — Club Internacional de Férias, SARL., sob a presidência do Juiz Conselheiro Dr. Manuel dos Santos Victor, a fim de discutir, aprovar ou modificar o Relatório do Conselho de Administração, proceder à eleição dos membros da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal e à eleição da Comissão de fixação de vencimentos.

Na sequência dos trabalhos da Assembleia Geral, depois de aprovadas por unanimidade as propostas apresentadas pelo Presidente do Conselho Fiscal, Eng.º Francisco Gonçalves Cavaleiro de Ferreira, sobre o Balanço e as Contas e a aplicação dos lucros líquidos, foi igualmente aprovada, também por unanimidade, a proposta do Accionista Victor António do Nascimento Gervásio para a reeleição dos Membros da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal. A última proposta apresentada pelo Conselho Fiscal referente ao voto de louvor ao Presidente do Conselho de Administração e aos Vogais do mesmo Conselho, depois de aprovada por unanimidade, propôs o Presidente da Assembleia Geral que fosse também aprovada por aclamação, o que mereceu a inteira concordância da Assembleia.

Seguidamente foram aprovadas também por unanimidade e aclamação as propostas do Presidente do Conselho de Administração de votos de louvor ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral e ao Conselho Fiscal.

Ao terminar os trabalhos o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Juiz Conselheiro Dr. Manuel dos Santos Victor, teve palavras de agradecimento pelo voto de confiança que lhe foi manifestado pela Assembleia, congratulou-se com os resultados obtidos pela Empresa, agradeceu aos Accionistas a sua presença na Assembleia e o crédito que a Empresa lhes merece, tendo por último palavras de muito louvor e apreço para os membros dos Conselhos de Administração e Fiscal, concluindo por formular os melhores votos pelas prosperidades e engrandecimento da Empresa que viu nascer e que se encontra no melhor caminho.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES ACCIONISTAS:

1. O Conselho de Administração de TORRALTA-Club Internacional de Férias, S. A. R. L., tem o dever e a honra de apresentar à esclarecida e competente apreciação e votação da Assembleia Geral Ordinária, especialmente reunida com essa finalidade, o Relatório e as Contas referentes ao exercício económico que terminou em 31 de Dezembro de 1969.

2. O exercício de 1969 — essencialmente caracterizado por uma intensa actividade orgânica e funcional dos vários sectores da Empresa, traduzido numa permanente adaptabilidade dos seus órgãos aos aspectos marcadamente evolutivos dos fenómenos turísticos, quer nacionais, quer estrangeiros — foi gradual e decisivamente influenciado por visíveis e esclarecidos desanuviamentos verificados no processo liberativo dos respectivos meios de pagamento ao nível dos grandes países fornecedores do turismo, acrescentado, ainda, por uma constante e deliberada procura dos bens colocados por TORRALTA à disposição dos mercados turísticos nacionais e estrangeiros.

3. **Atentas estas circunstâncias favoráveis de seguro significado económico-turístico, definiram-se e igualmente se ordenaram, ainda no decorrer do exercício, todas as operações que visaram a estabilidade, a valorização e o crescimento dos seus meios activos e a mais rápida e essencial expansão promocional das suas actividades económicas e financeiras, concorrentes à formação e consolidação das respectivas estruturas turísticas.**

4. Quanto à evolução do conjunto das realizações projectadas conforme se referia no último Relatório o Conselho de Administração:

ficaram esclarecidas e alicerçadas as bases respeitantes ao «Plano Golfinho»;

tomaram o devido incremento as diversas obras que constituem o «Plano Clube Náutico»;

tendo ficado devidamente definida a urbanização da área de 186 000 m², sujeita e aberta à imediata construção residencial na propriedade pertencente a TORRALTA-Club Internacional de Férias, S. A. R. L., denominada «Vale da Zorra», em Alvor.

5. Paralelamente, acompanhando o ritmo do desenvolvimento da fase urbanística do enunciado «Plano Clube Náutico» com plena integração das infra-estruturas do denominado «Conjunto Turístico de Santa Filomena», deu-se também imediato início à realização dos respectivos projectos e construções para a conclusão, ainda dentro do exercício, do primeiro grupo de residências unifamiliares, tendo também ficado devidamente definido, ao redor das Piscinas projectadas, o início de um segundo agrupamento residencial a concluir no decorrer do exercício de 1970.

6. Anota ainda o Conselho de Administração, como conclusão do conjunto das realizações levadas a efeito durante o ano económico reveladoras e determinativas do expansionamento da Empresa, a tomada de trespasse das actuais instalações de TORRALTA, em Lisboa, efectivada nos primeiros meses do corrente exercício, não só para poder cabalmente servir e mais pròximamente contactar com uma grande parte dos Accionistas, como ainda para facilidade de resolução dos assuntos de vária ordem e natureza, quer ao nível oficial, quer ao nível privado, com as demais organizações empresariais, com os Accionistas e com o público em geral, mantendo-se a Sede Social, como determinam os estatutos, em Lagos, no Hotel Golfinho, igualmente propriedade de TORRALTA-Club Internacional de Férias, S. A. R. L.

7. Na ordem dos contactos empresariais, com expressivas repercussões, quer pela aproximação das actividades, quer pela conjunção dos respectivos interesses e de acordo com os mesmos princípios informadores, conforme foi dado já conhecimento público, aos Srs. Accionistas, através da Imprensa, foram concluídas as negociações entre TORRALTA-Club Internacional de Férias, S. A. R. L. e SOLTROIA-Sociedade Imobiliária de Urbanização e Turismo de Troia, S. A. R. L., proprietária de largos espaços urbanizáveis, para a formação de uma sociedade denominada SOCIEDADE TURÍSTICA DA PONTA DO ADOXE, S. A. R. L., destinada a construir apartamentos para TORRALTA numa área de 400.000 m² a destacar dos terrenos de SOLTROIA situados na península de Troia (Ponta do Adoxe), de acordo com o esquema próprio de TORRALTA.

8. **Por último, menciona-se com o devido realce que as operações referentes à criação e colocação no mercado nacional pelo Conselho de Administração dos denominados «TÍTULOS DE OCUPAÇÃO», como referem os Estatutos da Empresa, tiveram desejável assentimento público indo de encontro à satisfação dos desejos manifestados quer por utentes, quer por adquirentes dos bens turísticos ofertados pela Empresa, quando se destinam a formar-se e a constituir-se como bens de rendimento ou como garantia de alojamento para férias.**

9. Como tem vindo sendo acentuado pelo Conselho de Administração, a actividade económica e financeira da Empresa continua também a orientar-se pela política definida em 1967, isto é, «a de não confinar ou de singularizar inteiramente a sua acção a uma monoactividade de prestação de serviços e oferta de bens turísticos, mas igual e conjuntamente à transformação e transacção dos bens de raiz não só necessários à implantação de centros turísticos, que irá transferindo gradualmente para a propriedade privada com a finalidade de ao negociar esses bens, deixar criados elementos necessários à vida humana do turismo e colmatar quaisquer efeitos depressivos que possam surgir nas actividades turísticas pròpriamente ditas».

10. **Os princípios expostos, determinativos e geradores duma saudável política de investimento pois que promovem a mobilização e valorização de pequenas economias privadas destinam-se precisa e objectivamente não só a apoiar toda a actividade pluralista da Empresa, como a conferir uma larga e assegurada participação na rentabilidade dos bens de investimento, como ainda a proporcionar para o futuro e a garantir em termos de crescimento económico a própria expansão do sector do Turismo no quadro da Economia Nacional.**

11. Ao concluir o presente Relatório, quer o Conselho de Administração manifestar o seu reconhecido agradecimento pelo franco apoio e decidido estímulo recebidos de vários sectores, desde as mais altas autoridades e organismos do Estado às entidades regionais e aos órgãos da Informação, aos adquirentes dos bens promovidos pela Empresa, bem como a todos os visitantes que nos honraram e distinguiram com a sua muito estimada presença.

12. Tão elevada e distinta compreensão dos objectivos das nossas actividades, que visam sobretudo a realização duma obra de valorização do País de marcada índole económico-social, dentro do plano das Actividades Económicas Nacionais, muito nos animaram a continuar sem olhar a canseiras na execução dos nossos trabalhos; porque se tal atitude dignificou também todos aqueles que tiveram intervenção no prosseguimento das mesmas actividades, o que podemos asseverar é que estas foram tomadas e realizadas no propósito firme da elevação do Turismo Português.

13. **Deseja ainda o Conselho deixar igualmente expressos os seus mais reudidos agradecimentos aos Senhores Accionistas nacionais e estrangeiros que confiaram e continuam a confiar com iniludíveis provas de elevado apoio e interesse no crescimento e engrandecimento da sua Empresa.**

14. Deduzidas todas as despesas e os diversos encargos os resultados globais da exploração cifraram-se em 10.641.807$03, ilíquidos, e depois de realizadas as convenientes amortizações no valor de 9.200.320$10, os resultados líquidos apurados no exercício totalizaram 1.441.486$63.

15. Propomos para o lucro líquido apurado a seguinte distribuição:

Fundo de Reserva	500.000$00
Conta Nova	941.486$63
	1.441.486$63

16. Ao muito digno Conselho Fiscal devemos agradecer não só a sua acção muito valiosa e permanente na fiscalização da Empresa como a íntima e eficiente colaboração prestada em todos os trabalhos.

17. A todas as actividades económicas e sociais, aos muitos e diversos colaboradores e a todos os empregados e servidores de TORRALTA, que no desempenho dos seus mais diversos cargos e posições de responsabilidade, dos mais simples aos mais complexos, directiva ou executivamente se houveram com dignidade e distinção, testemunha o maior reconhecimento e agradecimento o Conselho de Administração de TORRALTA-Club Internacional de Férias, S. A. R. L.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
C/ Alm. Manoel Maria Sarmento Rodrigues

VOGAIS:

Dr. Joaquim José de Paiva Correia
Engenheiro Viriato de Sousa Campos
Agostinho da Silva
José da Silva

(Continua na página seguinte)

QUEM CONHECE ESTE HOMEM?

Encontra-se internado no Albergue Distrital de Mendicidade de Lisboa («Mitra») Raul Simões Tabarra, de 69 anos de idade (nasceu em 7-2-1901), solteiro, filho de Miguel Augusto Tabarra e de Laura Simões Tabarra, natural da freguesia do Socorro, desta cidade.

Todas as diligências feitas até agora no sentido de encontrar pessoas de família ou outras que o conheçam resultaram infrutíferas. A direcção do Albergue solicita assim quaisquer indicações que permitam encontrar familiares daquele internado.

RAUL SIMÕES TABARRA

DENOMINAÇÃO DE ARRUAMENTOS EM CASCAIS

A Câmara Municipal de Cascais deliberou dar a denominação de Rua da Torre à Estrada Municipal que, atravessando a povoação da Torre, liga a de Birre à Estrada Nacional de Cascais ao Guincho.

Deliberou, igualmente, dar as denominações abaixo indicadas aos seguintes arruamentos abertos no Bairro do Rosário: Rua Antão Gonçalves, ao primeiro arruamento a Nascente da Avenida Infante D. Henrique; Rua Diogo Dias, ao segundo arruamento a nascente da Avenida Infante D. Henrique e que vai sair nessa mesma Avenida; Rua João de Coimbra, ao arruamento que sai a nascente da Rua Diogo Dias; Rua João Fernandes, ao arruamento que sai a norte da Rua Diogo Dias.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

TORRALTA—Club Internacional de Férias, S.A.R.L.

(Continuação da pág. anterior)

BALANÇO REFERENTE A 31 DE DEZEMBRO DE 1969

ACTIVO

I — DISPONÍVEL:		
1. Caixa	1.523.367$20	
2. Bancos	9.408.572$67	10.931.939$87
II — REALIZÁVEL:		
1. Economato	812.585$57	
2. Letras a receber	6.008.248$00	
3. Devedores e Credores s/Devedores	10.330.449$60	
4 Títulos em carteira	49.680.000$00	66.831.283$17
III — IMOBILIZADO:		
A. CORPÓREO		
1. Imóveis	46.263.019$05	
2. Maquinaria	3.991.350$10	
3 Móveis e Utensílios	15.713.338$15	
4. Viaturas	740.223$50	
5. Propriedades	31.000.000$00	
6. Propriedades em transacção	4.755.000$00	
7. Instalações	2.737.272$30	105.200.203$10
B. INCORPÓREO:		
1. Despesas de organização		14.751.688$20
IV — TRANSITÓRIO:		
1. Taras	222.221$60	
2. Clube Náutico	128.643$90	
3. Cupons	75.360$00	
4. Meia-Praia	7.973$60	
5. Vale da Zorra	8.700$00	442.899$10
		198.158.013$44

PASSIVO

I — EXIGÍVEL:		
1. Devedores e Credores s/Credores	23.392.921$49	
2. Credores por Depósitos Reservas	29.185$54	23.422.107$03
II — EXIGÍVEL A MÉDIO PRAZO:		
1. Devedores e Credores	23.177.181$46	
2. Letras a Pagar	15.661.097$40	
3. Livranças a Pagar	4.180.000$00	43.018.278$86
III — EXIGÍVEL A LONGO PRAZO:		
1. Créditos		8.242.790$30
IV — NÃO EXIGÍVEL:		
1. Amortizações		11.482.781$30
V — CAPITAL E RESERVAS:		
1. Capital	110.000.000$00	
2. Fundo Reserva	550.569$32	110.550.569$32
VI — RESULTADOS:		
1. Saldo		1.441.486$63
		198.158.013$44

O TÉCNICO DE CONTAS
José António Martins Sanches

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
C/ Alm. Manoel Maria Sarmento Rodrigues

GANHOS E PERDAS REFERENTE A 31 DE DEZEMBRO DE 1969

DÉBITO

I — EXPLORAÇÃO VALE DA ZORRA:		
a. Custos e despesas inerentes	141.979$40	
b. Receitas Globais	25.115$00	116.864$40
II — EXPLORAÇÃO PRAIA:		
a. Custos e despesas inerentes	127.139$70	
b Receitas Globais	48.747$20	78.392$50
III — EXPLORAÇÃO MEIA-PRAIA:		
a. Custos e despesas inerentes	132.346$50	
b. Receitas Globais	69.710$50	62.636$00
IV — DESPESAS GERAIS		4.086.925$60
V — CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS		1.229.107$60
VI — JUROS E DESCONTOS		1.613.567$92
VII — AMORTIZAÇÕES		9.200.320$40
VIII — RENDAS		728.850$00
IX — COMPRA DE CUPONS		6.998.330$20
X — MAQUINARIA		37.500$00
XI — VIATURAS		48.720$00
XII — QUEBRAS E DEPRECIAÇÕES DE MERCADORIAS		6.545$80
XIII — RESULTADO		1.441.486$63
		25.649.247$05

CRÉDITO

I — EXPLORAÇÃO CONJUNTOS:		
1. Golfinho, 2. Barca, 3. Cabana, 4. Piscina, 5. Mercado:		
a. Receitas Globais	10.353.759$80	
b. Custos e despesas inerentes	10.272.784$12	80.975$68
II — EXPLORAÇÃO TORRES:		
1. Torre A, 2. Torre B, 3. Torre C, 4. Torre D, 5. Torre E:		
a. Receitas Globais	5.117.607$50	
b. Custos e despesas inerentes	4.765.242$80	352.364$70
III — CONTA NOVA:		1.029.673$57
IV — RECEITAS DIVERSAS:		
a. Títulos	14.238.030$00	
b. Comissões	427.200$00	
c. Eventuais	124.388$20	
d. Dividendos da Anglopor	2.800.000$00	17.589.618$20
V — PROPRIEDADES		6.511.943$40
VI — AMORTIZAÇÕES:		
a. Anuladas		84.671$50
		25.649.247$05

O TÉCNICO DE CONTAS
José António Martins Sanches

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
C/ Alm. Manoel Maria Sarmento Rodrigues

PARECER DO CONSELHO FISCAL

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES ACCIONISTAS:

1. O Relatório do Conselho de Administração e o Balanço e as Contas conjunta e devidamente apresentadas a este Conselho para análise e respectivo parecer, exprimem e reflectem através duma síntese sistematizada e claramente ordenada das Contas Activas e das Contas Passivas, os factos real e administrativamente processados no decorrer do exercício de 1969.

2. De harmonia com os preceitos legais e as normas Estatutárias em vigor, o Conselho Fiscal procedeu no decorrer do exercício de 1969 ao exame e parecer das respectivas Contas bem como à verificação e fiscalização do necessário formalismo contabilístico.

3. As duas peças fundamentais — o Relatório e as Contas — subscritas pelo Conselho de Administração, evidenciam através dos factos descritos a forma como foram administrados os bens pertencentes à Empresa e revelam igualmente através duma ordem numérica como foi realizada a valorização e consolidação dos bens patrimoniais e sobretudo, o que é de capital importância, testemunham no seu conjunto a extraordinária confiança que envolve o binário humano Accionistas-Administradores sem a qual não é possível realizar obra útil e firme e criar as raízes básicas para o desenvolvimento das estruturas empresariais.

4. Depois de circunstanciadamente terem sido referidas as realizações levadas a efeito durante o exercício, avultam entre as operações que mais marcadamente distinguem a acção do Conselho de Administração: a conclusão das negociações com SOLTROIA-Sociedade Imobiliária de Urbanização e Turismo de Troia, S. A. R. L., para formação da SOCIEDADE TURÍSTICA DA PONTA DO ADOXE, S. A. R. L., e a decidida, competente criação e a respectiva colocação no mercado nacional dos denominados «TÍTULOS DE OCUPAÇÃO» a que se refere a Alínea c) do artigo 9.º dos Estatutos de TORRALTA-Club Internacional de Férias, S. A. R. L., satisfazendo os desejos superiormente manifestados quer por utentes quer por adquirentes dos bens turísticos oferecidos pela Empresa.

5 A citação cautelar que o Conselho de Administração volta a referir de continuar a não pautar e incisivamente confinar a exploração das actividades económicas da Empresa apenas à organização e estruturação de fontes de receitas ordenadamente turísticas merece a aceitação deste Conselho, porque, muito embora os conceitos puramente turísticos permaneçam na razão cimeira dos imediatos interesses da Empresa, haverá sempre que prevenir a manutenção duma pluridiversidade de receitas, como base contra quaisquer depressões, fluidez ou instabilidade surgidas ao nível dos mercados turísticos estrangeiros, que a verificarem-se numa singularidade pressiva podem decisivamente influenciar a própria Empresa.

6. A actividade económico-financeira da vossa Empresa TORRALTA-Club Internacional de Férias, S. A. R. L., encontra-se também devidamente especificada e amplamente desenvolvida no Relatório e Contas apresentados pelo Conselho de Administração, contendo os números referenciados nos documentos citados a prova concludente das operações efectivamente realizadas no decorrer do exercício.

7. O Conselho de Administração ao referenciar com notável apreço a dedicada confiança manifestada pelos Senhores Accionistas, nacionais e estrangeiros, no crescimento e expansão da Empresa, agradeceu efusivamente essa dedicação, a que este Conselho por expressa deliberação unânime dos seus Membros se associa com imenso prazer, acrescentando que as extraordinárias manifestações reveladas constituem o mais seguro índice do desenvolvimento da vossa Empresa.

8. Em conclusão somos de parecer:

8.1. Que aproveis o Relatório e Contas do Conselho de Administração;
8.2. Que aproveis a proposta sobre a aplicação dos lucros líquidos apurados no exercício que findou em 31 de Dezembro de 1969;
8.3. Que procedais à eleição, nos termos dos artigos 16.º e 20.º dos Estatutos, dos membros do Conselho de Administração e dos membros do Conselho Fiscal;
8.4. Que aproveis um voto de merecido louvor ao Presidente do Conselho de Administração e aos Administradores, vogais do mesmo Conselho, pela notável acção, elevada e distinta competência e muito zelo, posto na administração e gerência dos negócios de TORRALTA-Club Internacional de Férias, S. A. R. L.

O PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL
Engenheiro Francisco Gonçalves Cavaleiro de Ferreira
VOGAIS:
Dr. João Lima Amaral Marques
Ten. Coronel João Maria Bento

Em Paço de Arcos encontra a sua solução

2000 PROPRIEDADES PARA VENDA EM CONSTRUÇÃO

Apenas a 100 metros da praia e próximo da estação de caminho de ferro

J. Pimenta, S.A.R.L., oferece-lhe a possibilidade de multiplicar as suas economias ou a felicidade de viver num ambiente confortável

NOTA: As propriedades que vendemos são inteiramente construídas pela nossa organização com materiais de primeira qualidade por pessoal especializado ao nosso serviço. Os caixilhos das janelas são de alumínio anodizado, de grande duração, e as paredes interiores revestidas de papel lavável.

NA NOSSA DELEGAÇÃO EM LISBOA Pr. Marquês de Pombal, 15

– **Apartamentos Mobilados** em exposição, para habitação própria ou para rendimento

– **Artesanato e Mobiliário** em venda directa, com grande variedade, bem como utensílios para o lar.

– **Materiais de Construção** do mais pequeno parafuso à maior banheira passando por tintas, ferragens, ferramentas, conjuntos de loiças sanitárias, artigos de decoração, etc.

– **Azulejos** nacionais e estrangeiros, destacando-se lindos padrões de azulejos japoneses de invulgar qualidade e os da nossa fábrica Nova Cerâmica da Madalena, Lda.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

INFORMAÇÕES E APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843 * QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021-22 * AMADORA-REBOLEIRA — Telefone 933670 * PAÇO DE ARCOS (Espargal) — Telefone 2433511

LISBOA DIA E NOITE

O novo Trio Odemira: Carlos, Julio e Carlos Alberto

Dois do «novo» Trio Odemira são donos do «Timpanas»

Tal como noticiámos, os dois irmãos Costa (Carlos e Julio), fundadores do Trio Odemira, são agora os proprietários do restaurante típico «Timpanas». A oportunidade surgiu, o que os fez protelar (para Novembro) o contrato a cumprir nos Estados Unidos e Canadá para actuações em espectáculos, programas de Rádio e TV. Dois alentejanos e um lisboeta constituem agora o novo Trio Odemira. De facto, o solista de requinta passou a ser Carlos Alberto, excelente executante que, rápidamente, soube integrar-se no estilo do que continua a ser o mais internacional dos nossos conjuntos vocais. Dentro de poucas semanas irão gravar um novo «L. P.», para a «Polydor», onde serão incluídas melodias internacionais e, também, algumas canções portuguesas. O disco será editado na Alemanha para todo o Mundo.

SUZETTE DINIZ

NOVA VOZ PARA A ÓPERA

Um dos mais jovens (e válidos) elementos da Companhia de Ópera do Teatro da Trindade: Suzette Diniz, abraça a carreira artística com uma sólida cultura: curso superior de piano e curso superior de canto. Frequenta o 3.º ano de Filologia Germanica. Tem o curso de arte de dizer e o diploma de «ballet». Fez parte dos coros do Rádio Clube de Angola e do Teatro de S. Carlos. Está ainda integrada no da Gulbenkian. Já realizou recitais de canto no Rádio Clube de Angola e na Emissora Nacional e recitais de piano na E. N. e na R. T. P. Como solista de Ópera foi protagonista de «Bastien e Bastienne», de Mozart

SUZETTE DINIZ

(ainda no Conservatório), interpretando em duas épocas as figuras de «Pastor», da («Tosca»), «Madeleine» (da «Louise»), primeira orfã (do «Cavaleiro da Rosa») e «Soeur Géraild» (do «Diálogo das Carmelitas», no Teatro de São Carlos e a «Camponesa» (das «Bodas de Fígaro»). No Teatro da Trindade, na temporada que em breve se inicia, interpretará as figuras de «Lizette», (da «Rondina», de Pucini) e «Giebel» (do «Fausto», de Gounod). É bolseira da Fundação Gulbenkian para piano e canto.

RITA PAVONE EM LISBOA E NO PORTO

O empresário Artur Pereira confirmou a vinda de Rita Pavone, que já esteve entre nós há alguns anos atrás. A artista, que grava presentemente programas de televisão para a R. A. I., cumprirá contratos em Lisboa e no Porto durante o próximo mês de Maio. Rita far-se-á acompanhar de um conjunto privativo. Em cada espectáculo, já estruturado, Rita Pavone revive alguns dos seus êxitos maiores.

«BOITES» E «DANCINGS»

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas ✲ **Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.**

AD LIB
Discos recebidos directamente de Inglaterra ✲ **Rua Barata Salgueiro, 28-A ✲ Telef. 561717.**

ADAGGIO
Discos recebidos directamente de Inglaterra ✲ **Rua Carlos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

TAMILA
Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 ✲ Telef. 534117.**

GALERIA 48
Conjunto Hélder Reis ✲ **Avenida da Liberdade, 248-B ✲ Telef. 48433.**

PORÃO DA NAU
Conjunto «The Beatnicks» ✲ **R. Pinheiro Chagas, 1-B ✲ Telef. 510501 ✲ Encerra ao domingo.**

NINA
Conjunto Rocha Oliveira ✲ **Rua Paivade Andrade, 7-13 ✲ Telef. 34059.**

COMODORO
Tobé e s/ conjunto ✲ **Praça D. João da Camara, 20 ✲ Telef. 34996.**

A LAREIRA
Discos ✲ **Praça das Águas Livres, 8-10 ✲ Telef. 589627.**

MAXIME
Conjunto 6.ª Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico e variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 — Telef. 55366.**

POP CLUBE
Discos ✲ **Avenida Estados Unidos da América, 129-A ✲ Telef. 760903.**

ESTONES
Discos ✲ **Rua do Olival, 1 ✲ Telef. 665651**

POP-FADO
Conjunto Hélder Martins ✲ **Rua Ferreira Lapa, 38-D ✲ Telef. 561949.**

GALO
Conjunto Eugénio Pepe ✲ **Travessa do Salitre, 27 ✲ Telef. 366017.**

107
Conjunto Sequência 4, «ballet» de Mário Vallejo, parelha espanhola Glória Reys e Alfonso Liñares e Mari Barroso ✲ **cons. mín. 50$00 ✲ Rua da Madalena, 107 ✲ Telef. 387049.**

TOSCO
Conjunto Thó Bandeira e os Stermaers ✲ **Rua Conde Redondo, 53-A ✲ Telef. 531562.**

CACO
Rua Camilo Castelo Branco, 23-A ✲ Telef. 530892.

EL CID
Rua Bernardo Lima, 18-A ✲ Telef. 560538.

TAGIDE
Conjuntos José Pedro e «Os Duques» ✲ **cons. mín. 100$00 ✲ Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ aberto ao domingo.**

A CAVE
Conjunto Costa Pinto ✲ **Avenida António Augusto Aguiar, 88 cave ✲ Telef. 534433.**

BICO DOURADO
Conjunto Fernando Sequeira c/ Alex ✲ **Rua da Misericórdia, 12 ✲ Telef. 362649.**

D. QUIXOTE
Conjunto Alfinio de Sousa ✲ **Rua da Trindade, 9 ✲ Telef. 327109.**

ESTRIBO CLUBE
Casa St.ª Isabel ✲ Estrada de Birre ✲ Cascais ✲ Telef. 289273

ENCERRAM ÀS 5 HORAS DA MADRUGADA

RESTAURANTES — BARES

VARANDA DO CHANCELER
Largo do Chanceler, 7-A ✲ Telefs. 866286 - 871559.

LORD
Rua Victor Cordon, 14-A ✲ Telef. 323098.

BELCANTO
Largo de S. Carlos, 10 ✲ Telef. 320607 - 8.

SNOB
Rua do «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

VIENA
Rua da Conceição da Glória, 5 ✲ Telef. 321474.

REX
Rua Nova da Trindade, 18 ✲ Telef. 30114.

AMERICANO
Rua Bernardino Costa, 35 ✲ Telef. 370704.

BRISTOL
Rua Jardim do Regedor, 7 ✲ Telef. 35730.

TAVERNA IMPERIAL
Praça dos Restauradores, 16 ✲ Telef. 368491.

BAR Z
Rua de S. Pedro de Alcantara, 57 ✲ Telef. 30760.

CARIOCA
Rua da Trindade, 32 ✲ Telef. 326565.

NICE
Rua da Conceição da Glória, 9-A ✲ Telef. 30068.

ENCERRAM ÀS 2 HORAS DA MADRUGADA

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. O Estefânia, 28 e 27
Telef 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para
Banquetes
Lanches de Casamento

restaurante arameiro
LISBOA
(Restauradores)
Trav St.ª Antão, 21
PRÉMIO DO S. N. I
RIA

RESTAURANTE
antónio
Rua Tomás Ribeiro, 63
AMANHÃ
COZIDO À PORTUGUESA
SÁBADO
DOBRADA À ANTÓNIO

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790201
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 16 anos
PREMIADO PELO SNI

O FADO EM LISBOA

FOLCLORE
cantam: Arminda Vidal, **Lídia Ribeiro,** Américo Lima, Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro; Os 3 de Portugal, António Chainho e José Maria Nóbrega, Julieta Brigue, Marina Rosa e corpo de baile dirigido por António Gonçalves, das 21 ás 28 horas ✲ **cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telefs. 35007-323406 ✲ Encerra ao domingo.**

LISBOA À NOITE
cantam: Fernanda Maria, Alice Maria e Manuel de Almeida. Tocam: Armandino Maia e Martinha da Assunção ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Rua das Gáveas, 69 ✲ Telefs.368557 - 362603 ✲ Encerra ao domingo.**

TAVERNA DO EMBUÇADO
cantam: Teresa Silva Carvalho e Ana Rosmaninha, Vilcente da Camara, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, Carlos Gonçalves e Pedro Leal ✲ **cons. mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816.**

A KAVERNA
cantam: Beatriz da Conceição, Tristão da Silva, Tina Santos e «Os 3 de Portugal». Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ✲ **cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus, 37 ✲ Telef. 35593.**

TIMPANAS
cantam: Alcindo de Carvalho, Luís Braga, Benvinda Cruz e Odete Mendes. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes ✲ **cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telfs. 676655 - 67431.**

ADEGA MACHADO
cantam: Ivete Pessoa, Fernanda Pinto, Maria Portugal, Suzana, João Quelinós, José Villela e o «Tirio Melodia» (José Luís, Jorge Martins e Mário Pinta). Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Tocam: António Proença e Américo Silva ✲ **cons. mín. 60$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095 - 328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

O FAIA
cantam: Lucília do Carmo, Maria Albertina, Maria do Rosário, Carlos do Carmo e Nuno de Aguiar. Tocam: Idílio dos Santos, Fernando Freitas e Orlando Silva ✲ **cons. mín. 60$00 ✲ Rua de Berroca, 48 ✲ Telefs. 369387 - 321923 ✲ Encerra ao domingo.**

A SEVERA
cantam: Maria do Espírito Santo, Florinda Maria, Candida Ramos, Maria Amorim, Manuel Fernandes e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ **cons. mín. 50$00 ✲ Rua das Gáveas, 57 ✲ Telefs. 34006 ✲ Encerra á quinta-feira.**

SOLAR DA HERMÍNIA
cantam: Hermínia Silva, Conceição Tavares, Zélia Maria, Judite Maria, Tristão da Silva Junior e Fernando Rios. Tocam: António Pacheco e Carlos Duarte ✲ **cons. mín. 50$00 ✲ Largo Trindade Coelho, 10 ✲ Telef. 320164 ✲ Encerra ao domingo.**

FRAGATA REAL
cantam: Celeste Rodrigues, Mariana Silva, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins ✲ **cons. mín. 50$00 ✲ Travessa de S. Miguel, 22 ✲ Alfama ✲ Telef. 868552 ✲ Encerra ao domingo.**

VIELA
cantam: Sérgio, Natália dos Anjos, Fernando Manuel, Alfredo Duarte Jr. e Maria José Ramos. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale ✲ **cons. mín. 50$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Telef. 327256.**

A TIPOIA
cantam: Adelina Ramos, Quinita Gomes, Natalina Bizarro, Flora Pereira e Renato Mota. Tocam: Casimiro Ramos e José António Carvalhinho ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Rua do Norte, 102 ✲ Telef. 33465.**

PARREIRINHA DE ALFAMA
cantam: Natércia da Conceição, Lina Maria Alves e Natalino Duarte. Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Beco do Espírito Santo, 1 ✲ Telef. 868209.**

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Augusta Ermido, Cecília de Jesus e o conjunto típico «Cantares de Portugal». Tocam: António Bessa Fernando Reis ✲ **cons. mín. 50$00 ✲ Rua da Barroca, 133 ✲ Telef. 369760.**

SOLAR DO MINHO
cantam: Eduarda Maria, Artur dos Santos, Ana Madalena, Tina Ferreira, José Teixeira e Rossana Lima. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses ✲ **cons. mín. 50$00 ✲ Rua do Vigário, 60 ✲ Alfama ✲ Telef. 866811.**

O FORCADO
cantam: António Rocha, Isabel de Oliveira, Vivência Lima e Miguel Silva, Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa, 219 ✲ Telef. 368579.**

MARCIA CONDESSA
cantam: Teresa Nunes, Dina Trindade, Raul Dias, António Reis e Norberto Martinho (convidado). Tocam: António Pessoa e Albertino Vilar ✲ **cons. mín. 40$00 ✲ P. da Alegria, 38 ✲ Telef. 367093 ✲ Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA
cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Filipe Duarte e Julio Viegas. Tocam: Acácio Rocha e Amadeu Rami ✲ **cons. mín. 40$00 ✲ Rua do Adiça, 19 ✲ Telef. 863451.**

MIL E UM
cantam: Moisés Campelos, Joaquim Cordeiro, Julieta Santos, Adriana Franco, Rosa de Jesus, José Barros e Nazaré Maria. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto ✲ **cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera, 38 ✲ Telef. 35464.**

SOLAR DA MADRAGOA
cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Lourinda Gonçalves. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **cons. mín. 30$00 (taxas incluídas) ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo.**

JANSEN
cantam: Manuela Silva e José Batalha (como convidados) e o conjunto «Cantares de Portugal». Tocam: Ildefonso Frade e Nicolau Neves ✲ **cons. mín. 30$00 ✲ Rua 1.º de Maio, 2 ✲ Telef. 640613.**

TODOS OS RESTAURANTES TÍPICOS ENCERRAM ÀS 3.30 HORAS DA MADRUGADA

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«CASEI COM UMA FEITICEIRA»

«O Feitiço de Indora», é o título do episódio da série «Casei com uma feiticeira» que está «no ar» a partir das 20 e 30.

Aí as complicações não faltam quando a mãe de Samantha e o tio Arthur se encontram.

São intérpretes. Elizabeth Montgomery Dick York e Agnes Moonhead.

Gene Barry, no papel de Glenn Howard, é um dos protagonistas da série «O Jogo da Vida». Vêmo-lo aqui junto de Charles Boyer, artista convidado de um dos episódios

«O Jogo da Vida»

Mais um episódio da série «O Jogo da Vida», com Gene Barry no protagonista e Barry Sullivan no papel de Susan Saint James.

«Glenn Howard, o chefe da redacção da revista «Crime», tenta descobrir o misterioso personagem que denunciou os planos para a invasão de Cuba...»

II PROGRAMA
CURTO-CIRCUITO

A transmissão do 5.º Programa da série «Curto-Circuito» preenche a emissão desta noite, apresentado pela primeira vez em 23 de Março, na rede nacional.

Este programa inclui a actuação do cançonetista Jerry Butler e a exibição de uma classe de Karate.

CONVERGÊNCIA

Cerca das 21 é apresentado o programa de actualidade literária «Convergência», coordenado por Eduino de Jesus.

«Convergência», na sua edição de hoje, além das habituais rubricas «Rosa dos Ventos» e «Crónica», inclui uma entrevista com Taborda de Vasconcelos.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: A lenda de «Mevas de Couro»; 20 e 15: Totobola; 20 e 30: «Casei com uma Feiticeira»; 21: Convergência; 21 e 30: Telejornal; 22: «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 28 e 40: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Curto Circuito; 23 e 50: Fecho.

ESTORIL SIEMENS ESTORIL

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 5: Cartaz TV; 20: A Conquista do Espaço; 21: Semana Hispano-Luso-Brasileira de Segurança; 21 e 30: Telejornal; 22: Dr Marcus Welby; 23: Cinema sem estrelas; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema; 23 e 30: Fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Notidiário; 16 e 05: Ritmos para a Juventude; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Chiado até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro;; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 14.º Episódio do Folhetim «Flor de Nazaré»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros; 21 e 45: Transmissão do Coliseu dos Recreios da 1.ª parte de um espectáculo de Music-Hall, dedicado á Liga dos Combatentes da Grande Guerra; 22 e 30: Melodias pela Orquestra James Last; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º Acto da ópera «Siegfried» (Wagner); 18: Musica do século XX — Obras de Bela Bartok; 19: Crítica de Livros para Jovens e crianças, por António Manuel Couto Viana; 19 e 10: Folclore Português — Musica da Beira-Alta da região de Vouzela, recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Musica de tecla; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental—Obras de Strauss pela Orquestra Fallé, dirigida por «sir» John Barbirolli; 20 e 30: Musica Coral Sinfónica; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional; 21 e 30: Panorama da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Parte de um Recital pelo pianista Miriam Ramos, realizado no cinema Tivoli, e organizado pela Juventude Musical Portuguesa; 22 e 25: Poemas Sinfónicos; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: O pianista Hans Henkemans — Preludio do 1.º Volume (Debussy); 28 e 30: Festival da Holanda de 1969 (em gravações cedidas pela Rádio; 0 e 06: Musica Sinfónica; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: Rubrica TAP; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30. Quando o telefone toca; 28 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 21: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 0 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s. — 782 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio, 21 e 45: O Arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 28 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—283,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz da América Latina; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema, 18; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Ritmos em contraste; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular:** das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa:** das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal:** das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça:** das 14 e 30 ás 19 e 30

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 15 DE ABRIL
PRORROGADA ATÉ 15 DE ABRIL

canal da crítica

«DIGO VERDADES A RIR AOS QUE ME MENTEM A SÉRIO...» (ANTÓNIO ALEIXO)

1 — Foi uma longa jornada de teatro aquela que tivemos no serão de ontem. Talvez escusadamente. Talvez não seja proveitoso para ninguém (incluindo o próprio teatro) fornecer refeições tão prolongadas a estômagos tão habituados à fome. Entremear, durante 2 horas, teatro com conversa sobre teatro, não me pareceu boa táctica. E uma boa táctica será de adoptar exactamente quando se encontra em jogo algo tão importante, tão essencial, como o teatro.

2 — Mas — dir-se-á — já temos assistido a manifestações desportivas (e outras! e outras!) bem mais prolongadas. Muito mais de duas horas duraram já, na televisão, partidas de futebol. E de uma sessão de ténis me recordo em que levou para cima de quatro horas, á tarde, com um *post-scriptum* á noite. Pois sim, mas. Mas. Mos. Com várias agravantes circunstanciais que pesaram contra a sessão de trabalho de ontem.

3 — Aquele «Auto da Floripes», espevitado pelo SNI em última apresentação, perdeu na televisão toda a força que poderia ter na realidade ou, mesmo, na sua versão cinematográfica. O amontoado confuso das imagens e a total ausência de texto tornaram doloroso de seguir os trechos apresentados.

Quanto ao «Auto da Primavera» poderia ter interesse uma audição integral. Imagens descoridas, mal servidas, ainda por cima, com legendas pouco funcionais, contribuíram, no entanto, para que o público telespectador se fatigasse da obra.

De António Aleixo foram apresentados dois autos e nessa apresentação residiu o melhor que teve o programa. Se descontarmos as literaticices que o poeta Aleixo apanhou de ouvido, há nos dois autos muitas palavras e pensamentos que o público recordará saudàvelmente.

Foi pena, no entanto, que o grupo de amadores do Círculo Cultural do Algarve, dirigido por Campos Coroa, não saboreasse, não demorasse, quer dizer, não desse mais tempo a muitas dessas palavras, em especial no «Auto do curandeiro» como nem sempre o fizeram, a intenção do poeta ficou algumas vezes lesada.

4 — Fica de pé, evidentemente, com todo o seu vigor, a homenagem que Luís Francisco Rebello prestou aos grupos de amadores que, por esse País fora, ajudam a manter viva a chama do Teatro. E fazem isso arrostando com todos os sacrifícios, contrariedades e incompreensões.

Fica de pé e particularmente dirigida ao grupo que ontem nos fez companhia ao serão. Ele exemplificou o caminho que a R. T. P. tem a seguir: utilizar, na sua máxima força, a colaboração dos amadores, trincheira e sementeira de teatro.

Através da Televisão se poderá melhor ver e corrigir certos defeitos. A lição maior que o simpático e esforçado grupo amador algarvio tirou ontem quando se viu no televisor terá sido aquela segundo a qual não há arte de teatro sem arte de dizer. Aprender a falar, para dar maior entendimento ás palavras, é o primeiro passo para o êxito de um teatro quer se manifeste no palco ou na Televisão.

5 — Luís Francisco Rebello fez-se acompanhar de três elementos que tinham a ver com o que se ia passar ao serão. Foi, em princípio, uma medida acertada. Se nem tudo correu bem, não lhe poderão ser, decerto, as culpas assacadas.

António Reis e Emílio Campos Coroa dividiram entre si as palavras de construção. O primeiro, alertou-nos contra as destruições dos valores artísticos que se estão a processar mediante as destruições de padrões de vida; referiu o parentesco de autenticidade entre as províncias de Trás-os-Montes e o Alentejo; e afirmou que há muito ainda a recolher da experiência e da actividade artística do nosso povo.

Emílio Campos Coroa falou dos grupos de amadores teatrais, da sua experiência, e do conhecimento da obra e da vida do poeta Aleixo. Recordo-me de ter visto as «Barcas» de Gil Vicente encenadas por Emílio Campos Coroa; recordo-me que lamentei não ter a Televisão portuguesa mandado as suas camaras ao Teatro da Trindade. A sua apresentação, ontem, foi o princípio do pa-

(Continua na página seguinte)

SNRS. AUTOMOBILISTAS:

O seu automóvel constitui para si um valor que deve manter e valorizar

Assim não o entregue a uma oficina qualquer, sem especialização.

Procure sempre uma OFICINA ESPECIALIZADA. **COTAL** prestar-lhe-á um serviço de 1.ª só executado por oficiais. Todo o género de reparações ou correcções de defeitos.

Secções de MECÂNICA, BATE-CHAPAS, PINTURA, ESTOFADOR e de ÓRGÃOS AUTOMÁTICOS.

ORÇAMENTOS PRÉVIOS

O mais rápido serviço em automóveis

Especializados nas marcas da

GENERAL MOTORS — MERCEDES e JAGUAR

Serviço Independente

COTAL A RUA DE ARTILHARIA UM, 105 A Telefone 86 31 31

COTAL B RUA DOS LUSIADAS, 113-A Telef. 631057/8 — LISBOA

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO COMÉRCIO

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 82 — LISBOA

«Concurso Público para a Empreitada de Remodelação do 4.º andar direito do Prédio da Avenida Manuel da Maia, n.º 40 — Lisboa.

Faz-se público que às 15 horas do dia 30 do corrente se procederá ao concurso público acima designado.

Base de licitação — 600.000$00

Depósito Provisório — 15.000$00

O Processo do concurso encontra-se patente na Sede da Caixa, no 4.º andar esquerdo, durante as horas normais de expediente.

Lisboa, 7 de Abril de 1970.

A DIRECÇÃO

Carta do deputado eng.º Camilo de Mendonça a propósito do comunicado do Grémio Nacional dos Industriais de Óleos

A propósito do comunicado recentemente publicado pela Imprensa, incluindo o «Diário de Lisboa», e subscrito pelo Grémio Nacional dos Industriais de Óleos Vegetais, seus Derivados e Equiparados, recebemos do deputado sr. eng.º Camilo de Mendonça uma extensa carta em que afirma ser sua intenção comentar, logo que possível, aquele documento na Assembleia Nacional, por ter sido ali que abordou o problema a que se refere o comunicado.

E acrescenta:

«*Entendi dever, porém, aguardar a publicação do Diário das Sessões que inseria o texto da minha intervenção parlamentar para que todos pudessem conscienciosa e honradamente confrontar atitudes, processos e comportamentos*».

Segundo o eng.º Camilo de Mendonça, «*primeira questão a esclarecer é a de saber se a discreta referência á autoria da Direcção do Grémio e o espalhafatoso acobertar dos três industriais do óleo de amendoim á sombra daquele Organismo Corporativo podem ter-se como legítimos e válidos...*» O esclarecimento poderá ser prestado (como espera o eng. Camilo de Mendonça) «*pelos Organismos de Grau Superior como pela Direcção-Geral de Trabalho e Corporações*», «*a fim de poder ser correctamente desfeita a dúvida sobre o eventual abuso de funções e consequente pedido de responsabilidades*».

A seguir, escreve: «*Desfaço-me em desculpas por ter usado a feia palavra de monopólio (...) De facto, não há, gramaticalmente, um monopólio, porque se trata de três firmas independentes (?) e concorrentes entre si e, como se proclama no comunicado, com uma dúzia mais, situadas fora do Continente.*»

E após considerações sobre a existência de monopólio, afirma: «*A circunstancia da extracção de óleo de amendoim estar restrita a três industriais significa apenas que ninguém (?) desejou tão pobre e sacrificada actividade!... Deus seja louvado!*»

Continuando a sua carta, o deputado nordestino lamenta a falta de uma lei de defesa de concorrência, «*rigorosa no texto e rigorosa na aplicação*». («*Mas não tardará*» — acrescenta) e, depois, escreve: «*A lavoura, pelos seus órgãos representativos não deixará de desafrontar-se do agravo, ofensivo da sua precária condição, com que a tríade do óleo de amendoim — criada e medrada á sua custa — a desejou brindar*».

Escreve ainda o eng. Camilo de Mendonça: «*Afirmei e reafirmo que partindo da mesma matéria-prima, obtida na mesma origem, trabalhada pelos mesmos processos e dando lugar aos mesmos produtos, a diferença entre os preços de venda ao publico do óleo de amendoim engarrafados em Lisboa e Madrid, acrescida da diferença de direitos, era, por litro de óleo, muito elevado, oscilando nos começos deste ano entre 4$50 e 5$00 — situação que geralmente se verificou durante o ultimo quinquénio — quando diversas condições (transporte, regime de pagamento, escolha de oportunidade, etc.) eram favoráveis á industria portuguesa. Aplicada essa diferença de preços ao volume de óleo produzido a partir de sementes de amendoim importadas — cerca de 200 mil toneladas — qualquer poderá calcular o sobrelucro arrecadado pela tríade do amendoim, valor que, por prudência, estimei no mínimo, apenas entre 500 mil e 800 mil contos!*».

O eng. Camilo de Mendonça acrescenta ainda: «*Concluir-se-á que a lavoura está a ser sacrificada anualmente em centenas de milhares de contos relativamente á congénere francesa ou italiana, enquanto os industriais, os três industriais de óleo de amendoim beneficiam, em confronto com os daqueles países de escandalosos sobrelucros*».

E mais adiante: «*E afirmei também, sem réplica, que, pelos compromissos assumidos, quando do licenciamento da importação, segundo cálculos oficiais, os industriais de óleo de amendoim devem diferenciais de compensação no valor de quase 350 mil contos, dívida cuja liquidação vem a ser protelada desde há cinco anos. Este retardamento significará só em juros mais de 50 mil contos! Com estes e outros diferenciais cobrados haverá dificuldade em o Governo enveredar por uma política de subvenções a benefício da lavoura como do consumidor e da economia nacional como se pratica no Mercado Comum relativamente ao azeite. A política de subvenções é, realmente, pesada quando se deixa funcionar a economia em benefício exclusivo de grupos restritos que dominam económica ou financeiramente sectores estratégicos da economia e naturalmente também, quando vise promover uma redistribuição de rendimentos a favor de outros sectores, actividades ou camadas, mas é indiscutìvelmente ligeira, muito ligeira quando utilizada a benefício daqueles grupos, como ocorreu por quase dezena e meia de anos quanto aos óleos de amendoim como para sabões, apesar de então se traduzir por encargos volumosos e persistentes.*»

Uma atitude da direcção da Corporação da Lavoura

Recebemos da Corporação da Lavoura a seguinte informação:

«*A direcção da Corporação da Lavoura, ouvida a sua Secção do Azeite, secundando as vivas atitudes tomadas pelas organizações regionais da lavoura e atenta ao vibrante acolhimento dispensado pela produção olivícola às recentes intervenções do sr. eng. Camilo de Mendonça, quer na Assembleia Nacional quer na Imprensa, em defesa dos bem graves e fundamentais interesses sectoriais em jogo pela concorrência de óleos vegetais de produção estrangeira, deliberou, em plena integral confirmação de posições anteriores repetidamente tomadas, o seguinte:*

1 — Renovar pùblicamente os agradecimentos bem devidos ao sr. secretário de Estado do Comércio, pela supressão do chamado lotado corrente, que perturbou a tradicional preferência do povo português pelo azeite, com grave prejuízo para a nossa olivicultura, quando outros factores resultantes da evolução económica mas dominàveis, já a afligiam, confiando na permanência resoluta da nova política e no consequente constante abastecimento do mercado em azeite.

2 — Pedir de novo ao Governo a definição de ua política de óleos vegetais alimentares que assegure a prevalência do azeite no mercado e nos liberte ràpidamente de sementes oleaginosas de procedência externa, a estas impondo taxas reguladoras a exemplo d que se pratica no Mercado Comum e na vizinha Espanha, através das quais se possa intensificar uma política de auxílios directos a indirectos à olivicultura — alto valor da economia nacional cuja existência é imperativo que se assegure.

3 — Exprimir o seu veemente protesto ante o comunicado recentemente divulgado pela Imprensa em nome da Direcção do Grémio Nacional dos Industriais de Óleos Vegetais, seus Derivados e Equiparados, e assegurar ao sr. eng. Camilo de Mendonça a sua total solidariedade pedindo-lhe que prossiga no seu patriótico esforço de esclarecimento de posições e defesa de interesses vitais da comunidade nacional, contra todas as prepotências de entidades que ousam sobrepôr-se-lhes.»

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

COMUNICADO

Informam-se os Senhores Assinantes que, das alterações ao tarifário recentemente aprovadas entrarão em vigor a partir de 1 de Maio p. f.°, as seguintes:

– Mensalidade de Fiscalizadores de chamadas – passa de 23$00 para 18$00

– Taxa do Serviço de Despertar – passa de $70 para 1$40

– Telefones em regime confidencial – (telefones não figurando nas Listas, nem no Serviço de Informações – 12 – nem no Serviço Informativo por moradas – 16 –) – foi instituída uma taxa mensal de Esc. 100$00 para esta nova modalidade.

Em caso de qualquer dúvida sugere-se aos Senhores Assinantes que consultem a respectiva ASSISTENTE.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

gamento de uma dívida que tarda em ser paga. Pagamento que deverá traduzir-se por uma atenção cada vez maior não só á sua actividade de amor pelo teatro, mas á de quantos, como ele, jogam na mesma carta de dignificação do e pelo Teatro.

O outro interveniente, António Lopes Fernandes, limitou-se a informações marginais sobre as condições da filmagem. Mas o «Auto de Floripes» exigia alguma coisa diferente disso.

6 — Pois dizia ontem António Aleixo no final do «Auto do Curandeiro»:

o mundo está na infância
e adulto só pode ser
quando desaparecer
do povo a ignorância.

Ricas palavras. Importavas-te de assiná-las, leitor?

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ANTÓNIO PESTANA
CONTRAMESTRE DE ALFAIATE

COMUNICA A TODOS OS SEUS EXMOS. CLIENTES QUE SE ENCONTRA DESDE 1 DO CORRENTE AO SERVIÇO DA CONHECIDA E CONCEITUADA ALFAIATARIA

J. NUNES CORRÊA & C.ª, LDA.

RUA AUGUSTA, 250 — LISBOA

ONDE ESPERA CONTINUAR A MERECER O FAVOR DAS VOSSAS ORDENS

J. NUNES CORRÊA & C.ª, LDA.
ALFAIATES DESDE 1856

RUA AUGUSTA, 250 — LISBOA

Têm o prazer de comunicar a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos que se encontra ao seu serviço, desde 1 do corrente, o conhecido e competente Contramestre

ANTÓNIO PESTANA

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
A SOMBRA DA FORCA — POLITEAMA
O MORTO GELADO — COLISEU
MICHAEL KORLHAAS, o Rebelde — EDEN

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Anouk Aimée, Dirk Bogarde e Robert Forster
Na famosa versão do romance de Durrele
JUSTINE

NO DIA 14, às 6.30 da tarde
RECITAL
pelo P. RAMÓN CUÉ
e Frei Hermano da Câmara em Fados — A favor do Centro Social da Musgueira
«SE CRISTO VOLVIERA HOY A LA TIERRA»
Bilhetes á venda — M. de 6 anos

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
— 70 mm —
BEN (Lee Marvin)
e PARDNER (Clint Eastwood)
OS MARIDOS DE ELIZABETH

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
a obra-prima de Michelangelo Antonioni
A AVENTURA
com Monica Vitti, Gabriela Ferzetti e Lea Massari

CONDES
Às 14.15—16.30—18.45 e 21.45
Adultos
Em todas as famílias há um assunto tabu...
A OVELHA RANHOSA
c/ VITTORIO GASSMAN

ESTÚDIO 444
(M 17 anos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Um estranho encontro entre um homem frustrado e uma rapariga sem ilusões!
COM A CORDA NA GARGANTA
com Jean Louis Trintingnant

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
PEQUENO ALMOÇO EM CAMA DE CASAL
A MORTE ESPREITA

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
A GRANDE AVENTURA DE HANNIBAL
com Oliver Reed e Michael J. Collard.

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
A vida e as experiências de uma mulher livre...
com Michele Mercier e John Mill
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON

DIA 16, ás 18.30 (M. 6 anos)
Recital pelo P. Ramon Cué, autor de «Mi Cristo Roto» e **Frei Hermano da Câmara** com fados a favor do Centro Social da Musgueira «Se Cristo Volviera Hoy a la Tierra»,
3.ª Parte *Bilhetes á venda*

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763889
Às 15.45 e 21.45
A vida e as experiências de uma mulher livre...
com Michele Mercier e John Mill
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.30
2.ª SEMANA
COMO CASAR A NOSSA FILHA?
Alberto Sordi, Anita Ekberg, Bibi Anderson, Silvana Mangano e Giulieta Massina
TECHNISCOPE-COLOR

EM 15 DE ABRIL — Às 18.30
M/12 ANOS
Recital pelo **P. RAMÓN CUÉ** e fados por **FREI HERMANO DA CAMARA** a favor do Centro Social da Musgueira
BILHETES Á VENDA

MUNDIAL
(M 12 anos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA DE ENCHENTES
Paul Newman, Joanne Woodward e Robert Wagner num dos mais românticos e empolgantes filmes da temporada!
A GRANDE COMPETIÇÃO
(Panavision — Technicolor)
O grande cartaz da Páscoa de 1970!

METRO: **Estação Picoas**

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
10. SEMANA TRIUNFAL!
de um dos mais sugestivos filmes da temporada com Rod Steiger, Claire Bloom e Judy Geeson
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
—★—
Junto à Av. de Roma

EDEN
(M. 17 anos) Tel. 320768
Às 21.45 — ESTREIA
David Warner e Anna Karina em
«MICHAEL KORLHAAS, O REBELDE»

Às 18.30 — Ultimas exibições:
A COR DA MORTE (17 anos)

SÃO JORGE
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
«Oscars» para o melhor filme do ano
Melhor realizador
Melhor argumento
O COWBOY DA MEIA-NOITE
com Dustin Hoffman

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15 e ás 21 h.
3.ª SEMANA
O FILME MAIS PREMIADO DO MUNDO
BEN-HUR
Sensacional reposição
com Charlton Heston e Jack Hawkins

QUINZENA HUMPHREY BOGART
AMANHÃ — (Adultos) — 19 h.
CONFLITOS DE ALMA
de Curtis Bernhardt
com Humphrey Bogart e Alexis Smith
Prox. Quinzena: MESTRES DE CINEMA (início a 10).

AVIS
(M 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Uma mulher selvàticamente ultrajada!
ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA
PANAVISION-COLOR
c/ Rosanna Schiaffino
John Richardson

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
ÀS 21.30
A divertida história de um roubo.
O CÉREBRO
com *Jean Paul Belmondo*

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um drama de impressionante realidade!
CHOVE NO MEU CORAÇÃO!
c/ Shirley Knight e James Caan

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
HOJE — À NOITE — ÀS 21.30
UMA ESTREIA SENSACIONAL
com o famoso ídolo
CLINT EASTWOOD
A SOMBRA DA FORCA
UM FILME DE EXCEPCIONAL CLASSE NO ESTILO FAR WEST
(Col. DE LUXE)
HOJE, ÀS 18.30 — (Adultos)
SESSÃO CLÁSSICA

ODEON
Maiores 12 anos Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.º MÊS DE SENSAÇÃO
9.ª SEMANA DE ENCHENTES
COM O FILME PORTUGUÊS
O DESTINO MARCA A HORA
com Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
FESTIVAL DOS MAIORES ÊXITOS DA WARNER BROS.
Realização de **Arthur Penn**
com **Faye Donaway** e **Warren Beatty**
BONNIE E CLYDE

Amanhã, às 15.15 e 21.30:
PETÚLIA (17 anos)

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
O extraordinário filme
O SEGREDO DA SANTA VITÓRIA

CHIADO TERRASSE
(M 17 anos) Às 21 horas
O HOMEM DE KIEV
HOTEL PARA NOIVOS

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
MONUMENTAL—Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A Celestina» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Forja» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «O prato do dia» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Pega de caras» (17 anos).
VARIEDADES—Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 21: «A Aranha Negra» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O conde sinistro» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «7 mulheres para os Mac Gregor» (12 anos)
PARIS — Às 21: «A morte de um pistoleiro» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Ódio, por ódio» (12 anos)
ORIENTE — Às 21: «Roubaram o meu coração» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Uma arma entre mil» (12 anos).
PROMOTORA—Às 21 e 30: «Nada de rosas para OSS 117» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O dia da vergonha» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «O Leão no Inverno» (12 anos)
VOZ DO OPERARIO — Às 21: «A terra das mil aventuras» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Golpe de mestre á napolitana» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21 e 30: «Sarilhos conjugais» (17 anos).
S L BENFICA — Às 21: «A estrada da vida» (17 anos).
CAMPOLIDE—Às 21: «A caveira» (17 anos)

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Caster, o herói do Oeste» (12 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Os homens de Las Vegas» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A grande aventura de Hannibal» (12 anos).
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «Texas adeus» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Gangster 70» (17 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Como roubar o Mundo» (12 anos)
VENDA NOVA — CINE PORTUGAL — Às 21: «O homem que matou Billy the Kid» e «Um iate em Jamaica» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O Diabo á Solta» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Charly» e «A grande aventura de Scaramouche» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE CHABY Às 21 e 30: «Viuvo... mas alegre» (17 anos).

Prémios a empregados dos Laboratórios Medicamenta

Realiza-se amanhã, no Restaurante «Montes Claros», o jantar comemorativo do 7.º aniversário da actual administração dos Laboratórios Medicamenta.

Ao jantar assistem os administradores da empresa, comendadores A. Diogo Bravo e dr. Miguel Cocco e eng.º Chaves Costa, bem como os numerosos colaboradores de todo o País.

Durante o jantar será feita a entrega dos prémios de assiduidade aos empregados da empresa que mais se distinguiram neste aspecto, e que foram instituídos pelo Grupo Desportivo, para galardoar os operários mais assíduos do sector da produção.

popfado
BOÎTE (3 estrelas) M/ 17
RESTAURANTE
Preços normais até às 22 h.
BAR — 17 às 21 h.
Rua Ferreira Lapa, 38-D
Encerrados aos domingos

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M

ALCÂNTARA — **Probidade**, R de Alcântara, 15-A-B (638589)
AJUDA — **Lidia Almeida**, Calçada da Ajuda, 170 (637318)
ALTO DO PINA — **Eusil**, R Barão Sabrosa, 104 (841912)
ALVALADE — **Rainha Santa**, Rua At Lopes Vieira, 57-B (765262) ✲ **Alentejo**, Av da Igreja, 28-B (712682)
ANJOS — **Guerra**, Rua Andrade, 32-36 (845518).
AREEIRO — **Belo**, Av de Roma, 53-A (776314) ✲ **Estados Unidos**, Av Estados Unidos da América, 16-B (725859) ✲ **Central do Areeiro**, Av Paris, 2-2 A (720820)
AVENIDAS NOVAS — **Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016) ✲ **Cardote, Lda.**, Av Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) ✲ **Saldanha**, Av Praia da Vitória, 53-55 (43938)
BAIRRO AZUL — **Sirius**, R Fialho de Almeida, 38-A (44000)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 4' (311216)
BAIXA — **Frazão**, R das Portas de St.º Antão, 72 (328180) ✲ **Durão**, R Garret, 90-92 (324166)
BENFICA — **Marques**, E de Benfica, 648 (700096) ✲ **Vitex**, Est. de Benfica, 373-B (780548) ✲ **S. João**, Est da Luz, 124-A (783179).
CAMPO DE OURIQUE — **Condestável**, R Coelho da Rocha, 119 (666206) ✲ **Almeida**, R. Silva Carvalho, 186 (681726).
CAMPOLIDE — **Imparcial**, R. General Taborda, 28 (680931) ✲ **Rualto, Lda.**, Rua do Alto do Carvalhão, 5-A e 5-B (651721).
CHARNECA — **São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CHILE — **Lab.º do Brasil**, R. Alves Torgo, 29-31 (46843)
CONDE BARÃO — **Lys**, R do Esperança, 17-19 (660913)
CONDE REDONDO — **Branco**, Av Duque de Loulé, 61-65 (45048)
ESTRELA E LAPA — **Gama**, Calç da Estrela, 180 (660339).
GRAÇA — **Anunciada**, R do Vigário, 74 (866360) ✲ **Progressiva**, Rua Santa Marinha, 18 (863619).
LUMIAR — **Patutela**, **Herdeiros**, R. do Lumiar, 122-124 (790332)
OLIVAIS — **Fernandes Borges**, R. C., 3, Lote 300 (311091) ✲ **Central dos Olivais**, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C, Olivais-Norte (815539).
PAMPULHA — **Infante Santo**, R do Olival, 290 (661003)
PATRIARCAL — **Cunha**, Rua da Escola Politécnica 16 (325455)
PEDROUÇOS — **Restelo**, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (610741)
PENHA DE FRANÇA — **Dimar**, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç. do Picheleira 140-B-C (702703 e 728395)
REGO — **Prates & Mota**, Rua da Beneficiência, 91 (773728)
SANTO AMARO — **Santo Amaro**, Rua F Elísio, 29-A-B (637070)
SÃO PAULO — **Ultramarina**, Rua de S. Paulo, 101 (321771)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO Grilo, Rua do Grilo, 25 ✲ **Alves de Carvalho**, Rua do Vale de St.º António, 7-9 (840125)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Almeida Nifo** — Aven. Comb G Guerra, 64 (T 212070)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS—**Trindade Brás**—Rua Costa Pinto, 186 (Telefone 2432034).
OEIRAS — **Godinho** — Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — **Brandão** — Av. da Republica, 77-C (Tel. 2471054)
ESTORIL — **S. João** — S. João do Estoril (Tel. 2611186).
MONTE ESTORIL — **Suíça** — Cruzeiro (Tel. 260087).
CASCAIS — **Cordeiro** — Avenida Combatentes da G Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova** — Estrada de Alvide — Fontainhas (Telef 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias** — Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); **Campos** — Rua Elias Garcia, 185 (T. 930072); **Clabel** — R. António Sardinha, 23-D (Tel 938551).
DAMAIA — **Confiança**, Est. Militar, Lote D (Tel. 971028)
QUELUZ — **Zeller** — R. da Republica, 83 (Tel. 950045); **Correia** —L. do Mercado, 3 (T. 950905).
CACÉM—**Central**—R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Marrazes** — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).
COLARES — **Colares** — Abrejo (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Cândido dos Reis, 30 (Telefone 224020)
ALMADA — **Castro Rodrigues** — R. Capitão Leitão 21-A (Tel. 270076)
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est Nacional, 174 (Telefone 22 43 02)
BARREIRO — **Normal** — Av. Alfredo da Silva, 116 (T 2273035)
COVA DA PIEDADE — **Cerqueira Afonso** — P 5 de Outubro, 16 (Tel 270254)
MOITA — **Silva Rocha** — P da Republica, 6 (Tel 239029)
MONTIJO — **Diogo** — R Almirante Reis, 42 (Tel. 280032).
SESIMBRA — **Lopes** — Rua Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETÚBAL — **Soromenho** — P. Machado Santos (Tel. 22691); **Alice** — P do Quebedo (Tel. 23748).
SEIXAL — **Godinho** — L. do Igreja, 5' (Tel 2218560)

SERVIÇOS URGENTES

ÁGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 36135 ✲ Companhias Reunidas 53701 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidal, Idem e feriados, 382069.
SAUDE — Cruz Vermelha, 86534 ✲ Enfermagem permanente 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 77116 e 771169 ✲ Transfusões, soro e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo, 767777, 761176 e 763450.
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Maritima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865.
TRANSPORTES — Aeroporto, 72011 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.
BOMBEIROS — Sapadores, 32222, Voluntários, 538524.

ETP 2 A

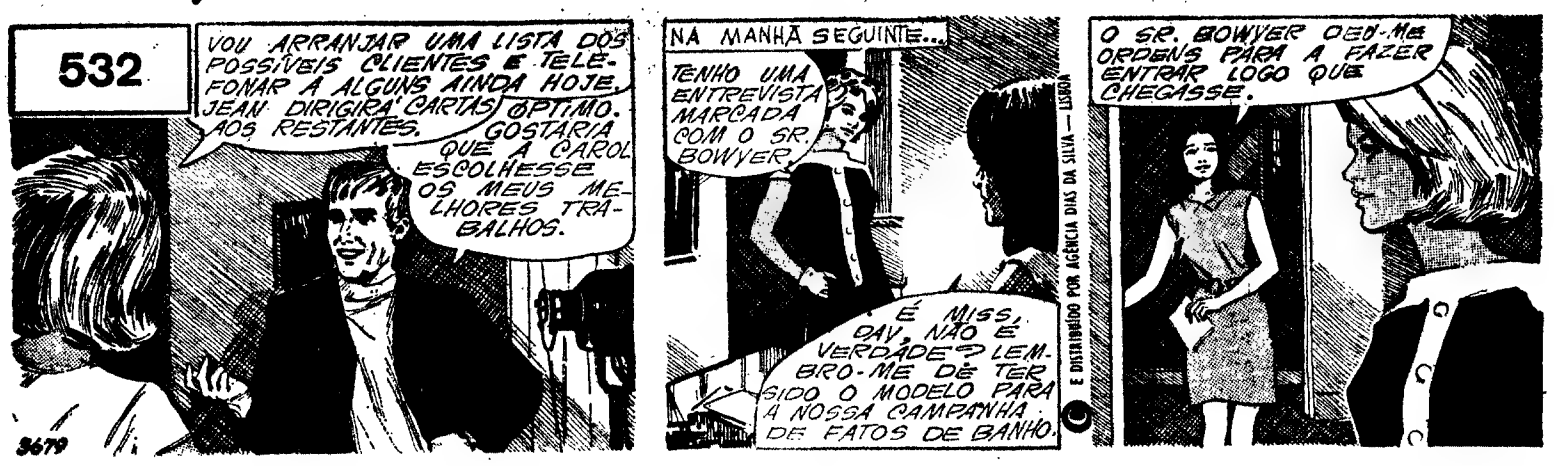
DELL QUAY DORY

MODELO DORY 11 • COMPRIMENTO 3,40 m • 3/4 PESSOAS
MODELO DORY 13 • COMPRIMENTO 4,14 m • 4/6 PESSOAS
PARA MOTORES DE POPA DE 3 a 40 HP

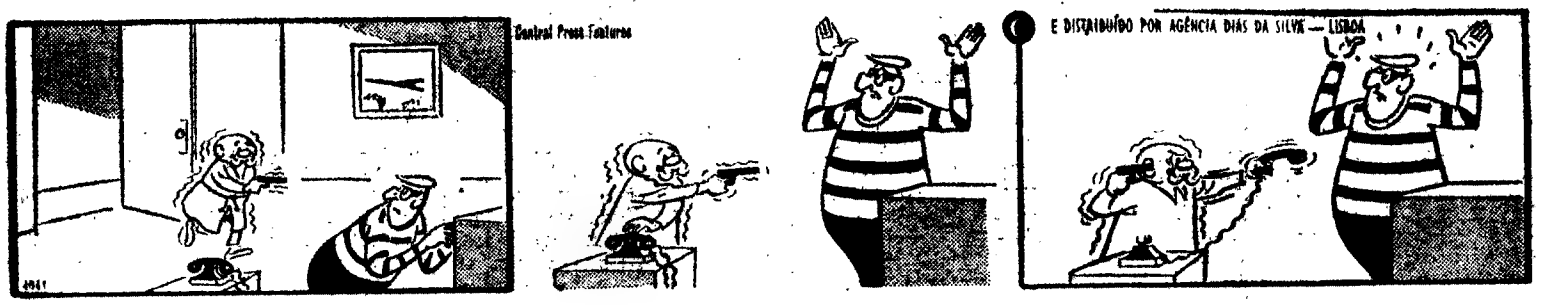
REPRESENTANTES
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
ESCRITÓRIOS · ARMAZENS · OFICINAS · SALÃO DE VENDAS
AV. 24 DE JULHO, 54 A-G — LISBOA — TELEF. 667794-8

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM . PROVÉRBIO)

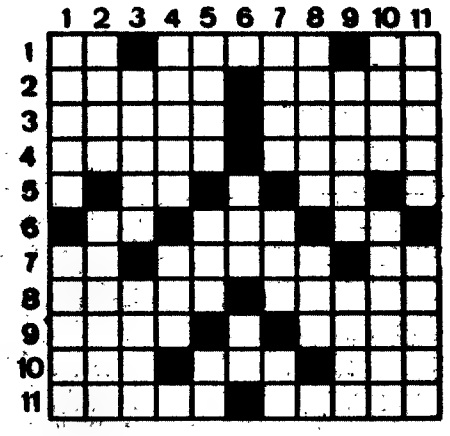
PROBLEMA N.º 5500

HORIZONTAIS: 1 — Nota musical. Chispa. Antes do meio-dia. 2 — Rezaro. Assanha. 3 — Civilizar. Relativo ao osso malar ou á maçã-do-rosto. 4 — Pífaro. Formais as abas a. 5 — Gatio (s. q.). Artigo definido. Nesse lugar. 6 — Rádio (s. q.). Mau cheiro. Antes de Cristo. 7 — Batrráquio. Nome de um planeta. Artigo definido. 8 — Magnetiza um corpo. Citado. 9 — Divertimento. Tempo do verbo ser. Gostar muito de. 10 — Sufixo que designa abundância. Partido. Nome de mulher. 11 — Nome de peixe. Ilha do mar Egeu. Uma das Espórades.

VERTICAIS: 1 — Feriado. Duros. 2 — Cantiga. Que é ramalhosa. 3 — Aliada. Mãe de Ismael. 4 — Cidade da Argentina. Ligo. 5 — Palmeira da Amazónia. Lavra. Cabelo branco. 6 — Vazia. Artigo definido (ant.). 7 — Leito. Nome de mulher. Aqui (inv.ª). 8 — Termina. Reza. 9 — Arvore leguminosa. Calcifa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. 10 — Lavrai. Silencioso. 11 — Mamíferos tniquéquidos das regiões polares. Curas.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5499

HORIZONTAIS: 1 — Armada. Porto. 2 — Rotar. Ingle. 3 — Turno. Casas. 4 — Arrião. 5 — Sto. Aar. Cês. 6 — Moa. Pen. 7 — Canro. Elmo. 8 — Enva. Afem. 9 — Ito. Ivó. ONU. 10 — Fa. Afalo. DE. 11 — Afuga. Arpoi.

VERTICAIS: 1 — Artes. Ceifa. 2 — MAU. Imortal. 3 — Air. CORVO. 4 — Diará. AAA. Ag. 5 — Araro. Ita. 6 — MAU. OVO. 7 — Pácar. Alla. 8 — Orão. Pia. On. 9 — Ras. Canto. 10 — Tila. Arrenda. 11 — Ossos. Amusi.

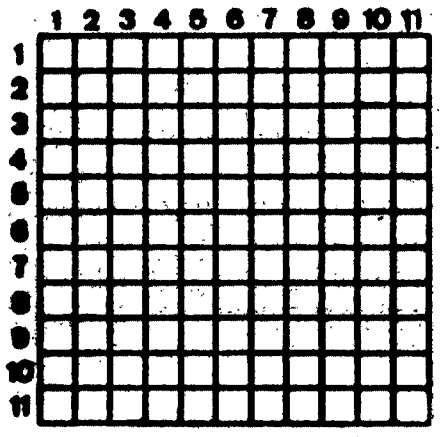
Provérbio: DE MAU CORVO, MAU OVO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9342

HORIZONTAIS: 1 — Rejeitariam. 2 — Preposição e artigo definido. Senhor. 3 — Ribeiro do distrito de Portalegre. Mil e seiscentos em romano. Prefixo que designa ar. 4 — Cobre (s.q.). Vão para fora. Antes de Cristo. 5 — Municípios. 6 — Pequenas câmaras de navio para alojamento de passageiros. 7 — Utensílios domésticos. Freguesia do concelho de Penafiel. Colocar. 8 — Nome de mulher. Guarda segredo. 9 — Irmão de Moisés. Estado de espírito. 10 — Pacato. 11 — Antigo definido. Ponto cardeal. Antigo definido.

VERTICAIS: 1 — Embriaguez. Antiga cidade da Polónia hoje arrabalde de Varsóvia. 2 — Alternativa. Disfarça. 3 — Semelhante. Apelido. 4 — Letra grega. Figura que simboliza o povo americano. Ilha do Pequeno Belt. 5 — Sugar o leite materno. Composição poética. 6 — Andaram á tuna. Pertences. 7 — Queridos. Mitologia (abrev.). 8 — Reis. Matemática (abrev.). Enrubesça. 9 — Cólera. Afasto. 10 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Planta do pé. 11 — Rede de malha muito estreita. Ordinários.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9342

HORIZONTAIS: 1 — Fatar. Porco. 2 — Única. Areal. 3 — Rotar. Passe. 4 — No. Iates. Oó. 5 — Sai. 6 — Saul. Laço. 7 — Cria. Mito. 8 — Estrumo. 9 — Im. Arena. Vi. 10 — Ala. Asi. Alh. 11 — Sinos. Russia.

VERTICAIS: 1 — Furnas. Fias. 2 — Arião. AC. Mil. 3 — Lil. Puné. An. 4 — Açaí. Liso. 5 — Raras. Arnás. 6 — Tem. Rês. 7 — Papei. Munir. 8 — Oras. Limo. 9 — Res. Gata. Ás. 10 — Caso. Co. Vis. 11 — Oleoso. Fino.

HÁ 30 ANOS

Na sua edição de 9 de Abril de 1940, o «Diário de Lisboa» inseria a seguinte notícia:

«O «Diário do Governo» publica hoje um decreto pelo qual, no ano industrial de 1940-1941, as fábricas de açucar da ilha da Madeira poderão exportar para o continente, se a produção exceder o consumo local, até ao limite máximo de 250 toneladas de açucar, sendo as primeiras 200 livres de quaisquer direitos e taxas na saída da Madeira e entrada no continente, e as restantes sujeitas aos direitos e mais encargos que oneram a entrada no continente do açucar dos Açores» (...)

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

URGEIRIÇA — VISEU SERRA DA ESTRELA 11 e 12 de Abril

Comunica-nos a C. P. que realiza nos dias 11 e 12 de Abril, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Urgeiriça, Nelas, Viseu, Penhas Douradas, Manteigas, Nave de Santo António e Seia, incluindo viagens de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B, jantar no comboio, á volta, excursão em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Urgeiriça.

Preço da excursão completa, 620$00.

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124), e nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

FACTURAÇÕES

RECIBOS — COBRANÇAS.
OBTENÇÃO DE CRÉDITOS.
GESTÃO FINANCEIRA.
ENTIDADE COMPETENTE EXECUTA ESTES SERVIÇOS.

Resp. a este jornal ao n.º 475

Em VENDAS NOVAS o «DIARIO DE LISBOA», encontra-se á venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da Republica 72.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«LEIXÕES»*	20 de Abril	directo a: Lobito, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«P. PERFEITO»	24 de Abril	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, L. Marques e Beira.
«MOÇAMEDES»	24 de Abril	Leixões, Cabinda, St.º António Zaire, (se necessário), Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e (se necessário) Porto Alexandre e Cuio.
«ANGOLA»*	26 de Abril	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

* Com escala por Leixões.

Reserva de Passagens: 34764 - 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 65; TEL. 323021.
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

JORGE LUIS BORGES

por Claude-Michel Cluny

COMO HAVEMOS DE LER Borges? Pois bem: ao acaso, com toda a calma. Alinhando umas nas outras as glosas. Deixando, de olhos fechados, que se abra uma colectânea de novelas como *Aleph* ou essas *Crónicas de Bustos Domecq*, assinadas por Jorge Luis Borges e Bioy Casarès, porque, evidentemente, Domecq não existe. Mas Borges existe? Claro que existe, porque ele é vários e porque Borges deixa a Borges ou retoma de Borges a pena ou a palavra. Capaz, como os imaginários canais de Marte, de genuinação sub-reptícia, e de súbito desaparecimento no labirinto como um minotauro de biblioteca, ele é, a um tempo, único e múltiplo, envolvido todo de humor e mistério.

O BIBLIOTECÁRIO CEGO

Ler, amar Borges é primeiro ter prazer em ver mudar as coisas, em sentir vacilar os pontos de referência e desfazer as ideias feitas. Já não se trata de ajustar sàbiamente os nossos passos pelos passos da cultura sacrossanta e da moral; caminhando com Borges, apercebemo-nos muito depressa de que os *lugares-ditos* do espaço literário dizem uma coisa totalmente diferente daquela que nos habituámos a ver.

Por vezes, o paradoxo é apenas uma lógica imperfeitamente conhecida, e Borges tem o segredo de repor assim as coisas em causa. Mas, se na sua obra, a ficção ultrapassa a narrativa, multiplicando as suas significações possíveis, baralhando as cartas e as pistas, os pontos de referência e as máximas que ele instala nas encruzilhadas levam-nos de descoberta em descoberta — e sempre de uma forma inesperada. A erudição do guia é prodigiosa: como não havemos de confiar nela? Como não nos havemos de encantar com uma curiosidade tão viva? Como não havemos de ceder a tantas referências? O cómico da narrativa (por exemplo, no caso da testemunha, que figura no estudo de Monegal), a seriedade do inventário (como a *Homenagem a Cesar Paladion*) desembocam em abismos, em armadilhas. Ler Borges é ler *Cinco semanas em balão*, e sentir, de súbito, o nosso quarto oscilando ao sabor dos ventos!

Este homem, agora com setenta e um anos quase cego há várias dezenas de anos — na maioria das vezes dita os livros à mãe — possou uma grande parte da sua juventude na Europa e, desde que regressou à sua cidade essa Buenos Aires, cujo passado provincial e suburbano ele nos restitui, através do retrato do poeta Evaristo Carriego, lança o movimento poético *ultraísta* (1922). Hoje ele é para toda uma jovem literatura um farol de sinais um pouco secretos. A sua carreira foi a de um bibliotecário. Poderia escrever-se acerca da sua obra (narrativas, ensaios, poemas) que ela vai beber a todos os livros, que ela gostaria de ser uma folha de catálogo — ironicamente dementada — desse livro que se escreve desde sempre. E que teria podido ser publicado em Pérgamo, como em Boston, no século VI como na Pérsia de Saadi... Borges nega o tempo. Para ele, o livro é intemporal. O que é verdadeiro é o que se vive no momento em que se vive; o que é verdadeiro é aquilo em que se acredita. Escreve ele a propósito de Averróis: «passa a não existir, desde que eu deixe de crer nele: O bibliotecário cego a quem fizeram esta observação: «Mas a sua bengala não é branca», respondeu: «Não importa. Não distingo as cores.»

Mas somos nós que perdemos pé quando o seu humor, a sua ironia, já não nos advertem.

Como havemos de acreditar em Borges sem vermos todos os nossos hábitos? Crítico, consagra artigos maravilhosamente eruditos a livros que não existem, ou então, numa entrevista saborosa (e imaginária) *Uma tarde com Ramon Bonavena*, publicada com as *Crónicas de Bustos Domecq* fez um retrato desopilante, por pouco, mais Robbe-Grillet -que natureza, de um autor e de uma obra ridículas...

...EU SEREI TODA A GENTE

É um escritor minucioso: quero dizer que prepara sàbiamente as suas armadilhas, é homem de humor e não se perde. Para quem receie falsear-se a si mesmo, o *Borges e Borges* de Ibarra é a introdução mais apaixonante, mais livre e mais viva para essa obra que se supõe proibida pelas suas invenções, pelos seus lances de prestidigitação, pelos seus testas de ferro. Não é uma proibição de ler, é um convite ao prazer das palavras, à vertigem da dúvida ao desvario do tempo — as narrativas de Borges são tudo isso. A obra de Ibarra (aliás muito bem feita e rica de observações) acrescenta à narrativa de Monegal a própria presença (imaginária? não, apenas substituída) de Borges. Para quem receie falsear-se a si mesmo, deixemos em meditação por fim estes dois versos do Borges poeta, cujos livros são a vida e cuja quase cegueira é a vista:

Oh designio magistral!
Oh magnífica astucia
Recebe ao mesmo tempo
os livros e a noite.

Do labirinto se fez (a ponto de se agruparem

(Cont. na pág. 6)

DA LITERATURA EXPERIMENTAL

por E. M. de Melo e Castro

CHAMA-SE HOJE literatura experimental à criação literária que incide principalmente sobre o estudo e conhecimento dos meios específicos da actividade criadora do homem exercida através de palavras — ditas ou escritas. E que além disso faz uma ênfase especial no interrogar e investigar os meios próprios dessa mesma criação, ou seja — essas próprias palavras e suas leis de formação e combinação. Por seu lado na literatura convencional creio que se pode falar de preferência numa ênfase colocada sobre o conteúdo e seu desenrolar ou desenvolver em histórias ou em ideário. É possível pois uma análise em termos de fundo e forma, do conteúdo e contentar que não é possível na literatura experimental.

Em última instância pode dizer-se que na literatura experimental é a própria linguagem como meio de comunicação que está em causa.

Ora julgo ser importante notar que, de acordo com este princípio, temos que considerar como experimentais as maiores obras de Poesia de todos os tempos em que se manifesta uma luta pela expressão e em que a dialética entre o que efectivamente se diz e o que se deixa no silêncio e se adivinha, revelam a inquietação do Poeta na procura da palavra.

FUNDAMENTOS E FINS

Os fundamentos e os fins da literatura experimental são muito claros: Trata-se de saber se o homem é capaz ou não de comunicar com o Mundo, consigo próprio e com o seu semelhante — servindo-se de uma via de comunicação que é constituída por um sistema de sinais sonoros e gráficos a que se chama linguagem.

Trata-se de saber se essa comunicação é possível ou impossível. E se a impossibilidade verificada tantas vezes — não será devida justamente a deficiências, vícios, anquilosamentos, supérfluos ou convencionais dessa própria linguagem.

Trata-se portanto de procurar novos sistemas de sinais — trata-se de recriar a linguagem que melhor nos serve — para melhor nos servirmos dele.

E A DESUMANIZAÇÃO?

A literatura experimental não é assim de modo algum desumanizada — pois ela preocupa-se justamente em procurar, investigar, corrigir, melhorar, desenvolver e propor novos, mais rigorosos ou mais profundos e eficazes meios de comunicação entre os homens. Entre os homens de um mundo em

(Cont. na pág. 6)

Do humanismo ao desumanismo e vice-versa: João de Deus e Fernando Pessoa

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 605

9 ● ABRIL ● 1970

Da negritude literária: um documento

POR MOTIVOS meramente circunstanciais, só agora publicamos esta carta de Fernanda Pinto Rodrigues, de que tivemos conhecimento com um atraso de que não somos responsáveis. De qualquer modo, a carta não perdeu a sua oportunidade. Ela vale por si, como documento, e vale bem mais do que a breve crónica que o suscitou («Os Negros», Suplemento «D. L.» de 5-3-70).

— O problema da negritude literária continua em aberto, e parecem-nos evidentes os motivos por que não podemos tocar em certos seus prolongamentos. Não é conveniente sacudir os cadeirões donde os pequenos ídolos passageiros ejectam as suas genialidades.

Sem recumprimento de capela ou estúpida retribuição de lisonja, é a minha vez, por óbvias razões de delicadeza, respeito e admiração, de dizer:

Obrigado, Fernanda Pinto Rodrigues.

MANUEL DE CASTRO

Exmo. Senhor:

Li a sua crónica n'«A Lupa», do «Diário de Lisboa», e como tradutora «tarimbeira», com quase vinte anos de calo e cerca de 200 livros traduzidos — mas muito pouco conhecida, porque não frequento os «meios literários» e sou «profissional», como os meus colegas «literários» dizem agora, com o seu quê de desdém —, não posso deixar de vir aplaudir as suas palavras e, até, acrescentar-lhe algumas achegas, se não mo levar a mal. Não sou *negreira* nem *negra*, embora me esfalfe a traduzir, sempre em meu nome e sob a minha inteira responsabilidade, porque a necessidade a tal me obriga. Algumas vezes, depois de ler traduções assinadas por alguns luminares da nossa literatura, tenho ficado a magicar na impossibilidade de terem sido eles a escrever tais barbaridades, pois, apesar de tudo, quero crer que são capazes de alinhavar quatro ou cinco frases sem as crivar de asneiras e as deixar sufocadas no espartilho apertado da língua de origem, mas...

No entanto, quanto a mim, grande parte da culpa de tal estado de coisas não cabe apenas aos editores — lembremo-nos de que são quase todos essencialmente comerciantes —, pois parece-me legítimo que queiram imprimir aos seus livros a garantia de um nome conhecido, que, por isso mesmo deveria saber respeitar-se e não vender gato por lebre. A Imprensa, os críticos, são, igualmente, responsáveis, visto embandeirarem em arco e desfazerem-se em elogios sempre que aparece uma tradução assinada por um dos tais tradutores literários ou por um ilustre colega de jornal. Em contrapartida, o nosso nome — o dos «profissionais» — nem sempre aparece, quanto mais não seja para levar, às vezes, uma bem-merecida «ripada». Acontece, também, em certos casos, que não é o editor que escolhe o tradutor-escritor-negreiro, e, sim, o responsável pela secção literária da editora, quase sempre um ilustre membro da nossa praça das letras, que decide fazer um jeitinho a um amigo. Para mim, por exemplo, *salvo algumas excepções que muito me honram*, e apesar de eu não assinar, nem que me pagassem, certas «traduções literárias», há o policial, a espionagem e o «cachucho», isto é, o livro cerrado, fatigante, sem um oásis de diálogo ou de ligeireza no deserto das letras amontoadas e da prosa insossa de escritores de meia-tijela. *E há, também sempre, pressa, muita pressa!* Quinze, vinte dias, para um livro de 300 ou 400 páginas dactilografadas. A qualidade do trabalho feito assim, pouco importa; o essencial, o ponto de honra, é que o livro apareça nos escaparates de cá ao mesmo tempo que nos do país de origem — ou antes, se possível.

Os romances de bons autores, que se podem traduzir com calma, com deleite, em que o esforço do trabalho é suavizado pelo prazer da qualidade, de poder burilar, de criar um bocadinho, não é para os nossos dentes. Sabe, há a questão do estilo, e um escritor sempre é um escritor... O resultado, muitas vezes, é um «assassínio bárbaro e premeditado», como no caso de certo romance traduzido por uma escritora com certa voga — e premiada, sim senhor! — que, além de tirar friamente todo o pitoresco, toda a vivacidade, a determinado livro que eu lera no original e recomendara à editora, resolveu chamar «corporal» — só faltou o odor... — a um *cabo*, do princípio ao fim, e, além de toneladas de gerúndios espalhados a granel, não hesitou em escrever mimos como este: «Ela tocou-lhe e ele entesou-se...» (Palavra, esta até parece importada das bandas da Escandinávia!). No entanto, não houve revisor que desse por nada, nem crítico que aplicasse a merecida «ripada», e a escritora continuou a traduzir *literàriamente* para a editora e para outras. A mim é que se me queixaram de que o livro, afinal, não se vendera.

Não há, em tudo quanto escrevo, qualquer ponta de despeito, até porque não sou das que têm maiores razões de queixa dos editores, para alguns dos quais trabalho, sem atritos, há muitos anos. Sinto apenas mágoa, é sòmente um desabafo de quem, apesar de tudo, trabalha com gosto e brio e gostaria — humanamente — de um certo reconhecimento — pelo menos de ver o seu nome, sempre, na menção da crítica aos livros que traduz. Lembrem-se de que o «tradutor profissional» — abomino o apodo! —, de que quem vive exclusivamente de fazer traduções, tem de trabalhar como um *negro*, é, não raro, obrigado a regatear o preço do seu trabalho como se se tratasse de sardinhas, e no fim, depois de se esfalfar e entregar a rima de páginas dactilografadas, é obrigado, quantas vezes, a ir de chapéu na mão, humildemente, perguntar se não há qualquer coisinha por conta... Repito, porém, que em tudo isto há honrosas excepções e de que não sou das mais causticadas.

Quero terminar com um pedido. Readquiriu-se, nos espectáculos teatrais, o salutar hábito da pateada. Pois, senhores críticos, venha ela! Pateiem-nos sempre que for justo, dêem-nos para baixo — mas a *todos*, sem exclusão de capelinhas —, e elogiem-nos também quando for caso disso. É que, um elogio merecido faz bem ao brio e, enfim, á vaidade natural de cada um.

Obrigada.

FERNANDA PINTO RODRIGUES

O CINEMA QUE VEMOS

	AC	APV	DL	EG	JCM	JVP	LA	MML	SS	VST
Com a Corda na Garganta (Tinto Brass)	—	—	—	0	0	—	—	0	0	—
A Aventura (Michelangelo Antonioni) ...	—	2	5	3	1	—	4	5	2	—
A Cor da Morte (Eddie Davies)	—	—	—	0	—	—	0	—	0	—
As Noites Quentes de Lady Hamilton (C. Jacques)	—	—	—	0	—	—	0	0	—	0
Os Maridos de Elisabeth (Joshua Logan)	3	4	2	2	4	3	3	2	—	—
O Cow-Boy da Meia Noite (I Schlesinger)	—	—	—	2	0	—	3	2	—	0
Ben-Hur (William Wyler)	0	0	—	0	0	—	0	0	0	0
Encruzilhada para uma Freira (J. Buch)	0	0	—	0	0	—	0	0	0	0
A Rapariga do Auto-Stop (Peter Hall) ...	2	—	2	2	2	—	3	2	2	—
Justine (George Cukor)	—	0	—	1	1	0	—	2	—	0
A Lição Particular (Michel Boisrond) ...	0	0	—	1	0	1	1	1	—	—
A Grande Competição (James Goldstone)	—	2	2	3	—	3	3	2	—	—
O Destino Marca a Hora (H. Campos)	0	0	—	0	0	—	0	0	0	0
Como Casar a Nossa Filha (A Sordi) ...	—	—	—	1	0	—	0	—	—	—

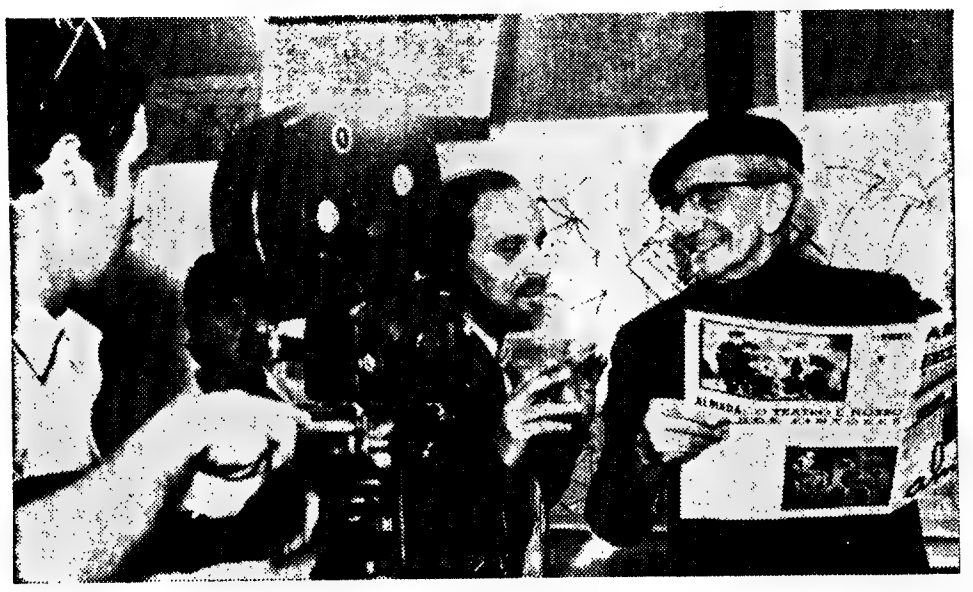
Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AC (**Adelino Cardoso,** Rádio e Televisão); APV (**António Pedro Vasconcelos,** Jornal de Letras e Artes); DL (**David Lopes,** ABC Cine Clube de Lisboa); EG (**Eduardo Geada,** A Capital e Vértice; JCM (**João César Monteiro,** O Tempo e o Modo e D. L.); JVP (**José Vaz Pereira,** Diário Popular, Seara Nova e D. L.); LA (**Lauro António,** D. L. e programa «PBX); MML (**Manuel Machado da Luz,** Seara Nova e D. L.; SS (**Seixas Santos,** Diário Popular) e VST (**Vítor Silva Tavares,** D. L.).

(1) Visto no 2.º canal da R. T. P.

Que é feito do filme de Ernesto de Sousa?

A 17 de Abril de 1969 (está quase a decorrer um ano), José Augusto-França dedicava o folhetim artístico que faz publicar neste Suplemento a um curso sobre Almada Negreiros integrado no Curso de Formação Artística da S. N. B. A. E, a alturas tantas, escrevia: «Ele (Almada) é também objecto cinematográfico: neste momento, preparam-se dois filmes sobre a sua pessoa e obra — um de Ernesto de Sousa, com colaboração de muita gente do dito C. F. A. e minha também; outra é de António de Macedo, com colaboração do David Mourão-Ferreira e pena minha em recusar a que me foi pedida, por anterior compromisso. Será também ele objecto de (e tantos) artistas era de certo modo inédita e constituía significativa homenagem a esse vul-



Há um ano, Ernesto de Sousa filmava Almada Negreiros...

um livro-álbum que poderá sair do filme de Ernesto de Sousa», etc.

Uma semana depois, a 24 de Abril, abriam-se as duas páginas centrais deste Suplemento para uma entrevista-montada de Vítor Silva Tavares sobre a rodagem, já em curso, do filme de Ernesto de Sousa — relevo justo para com uma iniciativa que se afigurava (e se afigura) da maior importância cultural e artística.

Pouco mais ou menos por essa altura, noticiavam os jornais (nomeadamente o «D.L.») a efectivação de dois leilões de quadros, oferecidos por numerosos artistas plásticos portugueses, cujo produto revertia (reverteu) para a produção do filme. A atitude de tais to ímpar da nossa primeira modernidade que é Almada Negreiros.

Quase um ano já lá vai. O outro filme (o do António de Macedo) foi terminado e exibido. Pelo que resta perguntar:

— Que é feito do filme de Ernesto de Sousa?

— A que se deve a morosidade da sua realização?

— Porquê um tão longo silêncio?

Parecem-nos legítimas as interrogações, quer pelo interesse aqui posto na iniciativa, quer pelo movimento público que ela suscitou.

Será que mais um projecto cinematográfico (e, por acrescência: editorial) se ficou pela sua prévia publicidade?...

S. L.

ACABA DE APARECER

CÓDIGO COMERCIAL PORTUGUÊS

Com notas de actualização e legislação complementar (incluindo o Regulamento do Registo Comercial e o Decreto-Lei n.º 39.381 de 15-XII-1969, sobre Fiscalização das Sociedades Anónimas), pelo Juiz do Supremo Tribunal de Justiça
F. Bernardes de Miranda.

A legislação complementar abrange, além do Registo Comercial, o **condicionamento das actividades comerciais,** as **Convenções** referentes ás Leis uniformes sobre letras, livranças e cheques, a **Reforma de Crédito** e os mais recentes diplomas sobre actividade bancária, as convenções marítimas, o **Regulamento Geral das Capitanias** e o da Inscrição Marítima, matrícula e lotações dos navios mercantes e de pesca, etc., etc.

Um grosso volume com 1.036 páginas em bom papel.

É uma edição **COIMBRA EDITORA,** à venda em todas as Livrarias.

A CALIGRAFIA DO MEDO E DO FASCÍNIO

por Rocha de Sousa

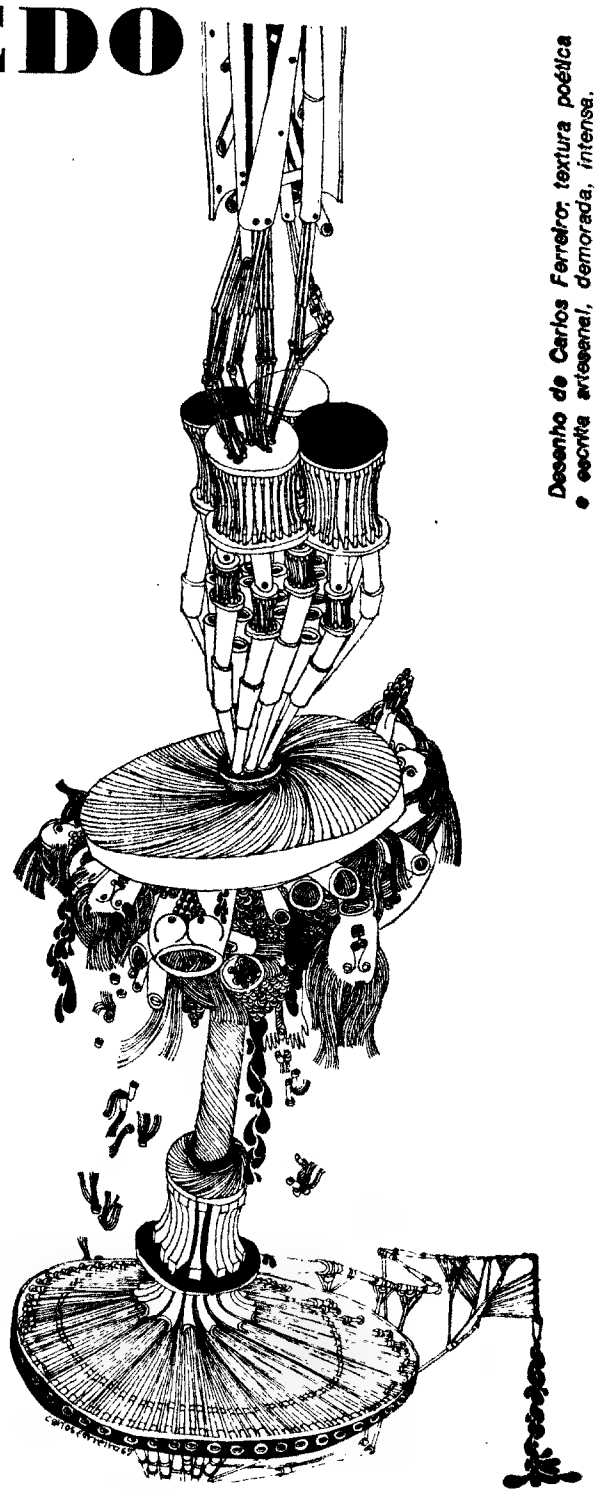
CARLOS FERREIRO
Galeria de Arte Moderna

DELIBERADAMENTE, a total falta de zelo na apresentação destes desenhos de Carlos Ferreiro, na Galeria de Arte Moderna, retira-lhes a habitual característica de exposição-feita-de-propósito-para, ou da operação de venda e consumo que aparece com frequência ligada a estas iniciativas. Colhidos mais ou menos ao acaso de uma produção em grande parte espalhada por aqui e por ali, nomeadamente nos jornais, estes desenhos são forçados a falar por si, como se estivessem provisòriamente pregados aos velhos cartões de parede de um «atelier» a funcionar. Critério curioso e aliás discutível, que não encontrou explicitamente uma forma agressiva para se desenvolver e confunde-se em excesso com falta de virtude organizadora, mau sentido gráfico, desleixo ou pelintrice snobe. Apesar de se corresponder, em certa medida, com uma atitude que poderia ser louvável, constituindo um exemplo de como se pode abdicar das condições ideais de envolvimento, a exposição destrói-se a si própria e compromete desnecessàriamente a leitura desta produção gráfica, em boa verdade meritória.

1. Carlos Ferreiro é pràticamente desconhecido no meio das artes plásticas. A sua produção tem-se limitado sobretudo ao desenho, favorecida por uma habilidade manual visível e por uma força imaginativa dominante. Dedicando-se em especial ás artes gráficas, Carlos Ferreiro tem trabalhado sobretudo para a Imprensa, nomeadamente no «Diário de Lisboa», onde se destaca uma obra já iniciada no domínio do «cartoon» com um certo poder de impacto e uma virulência humoral bastante característica, embora alheia aos imperativos da objectividade narrativa ou da sátira cujo mecanismo imediatamente se desnuda. Esta linha de comportamento individualiza-o com relativa facilidade, mas a pressão do trabalho na Imprensa tem forçado a sua produção a fixar-se, encerrando-a num certo imediatismo, esteriotipando-a na forma, apressando-a e banalizando-a na resolução. Em certa medida, a exposição da Galeria de Arte Moderna revela um Carlos Ferreiro menos institucionalizado, mais humano e mais imaginativo, senhor de potencialidades que, bem conduzidas e assumidas, poderão afastá-lo da rotina do jornal. Isto é: poderão comprometê-lo numa actividade independente de investigação.

2. Da sua origem e da sua passagem pela vida, conserva Carlos Ferreiro um certo poder de abjecção que interfere profundamente na sua visão da cidade e do quotidiano. Do seu curriculum escolar, conserva o autor a mão cultivada, a disciplina do gráfico, o domínio relativo da habilidade. O talento desdobra-se um pouco por essa riqueza dupla, alcançando por vezes uma evidência perigosa exactamente na medida em que se isola e se serve a si próprio. Mas é da primeira referência que se alimenta sobretudo a obra ainda recente de Carlos Ferreiro, feita de uma ironia e de uma metamorfose surrealizante que escapam ás coordenadas mais praticadas ultimamente entre nós. Embora não atinja a velocidade, a perspicácia plástica e humoral de um Batarda Fernandes, com ele se identifica em certos aspectos, na mordacidade raivosa, na criação de monstruosidades alusivas, na carnificina do risc pelo humor negro. Menos «pop» e menos demolidor, Carlos Ferreiro acusa uma elaboração mais lenta, uma caligrafia mais preciosa, todo um estilo de ver que inclui por vezes algumas pausas, descontinuidades, hesitações, e uma certa nostalgia que parece ligada a qualquer coisa perdida ou por achar. Dir-se-ia que Ferreiro tacteia ainda os dados da sua própria visão das coisas e desses seres que parecem modulados pela memória do metal ou fundidos antropomórficamente na alusão inquietante e mecânica do nosso tempo. O autor acusa, ao contrário de Batarda Fernandes, uma espécie de receio de destruir qualquer coisa de muito precioso que reside no seu íntimo — a infância, o amor ou o sonho — controlando por isso a sua vontade de violência e a eficácia dos seus meios de acusação. Se a Batarda Fernandes nada escapa, demagógicamente por vezes ou numa febre niilista de facto arrazante, a Carlos Ferreiro parece sobejar uma esperança poética em relação a meia duzia de sombras. Daí a ambiguidade das suas metáforas e o aspecto afinal sedutor de muitas das suas monstruosidades. Estas conservam, com efeito, um fascínio poético que as reduz na dimensão abjecta, no seu recorte deliberadamente acusatório, nas próprias insinuações que vão tecendo enquanto se desenvolvem e concretizam no espaço gráfico. Do mesmo ponto de vista, a escrita reveste-se de um certo luxo artesanal, depura-se e ao mesmo tempo complica-se, tornando-se um tanto sofisticada e rodeando a forma de uma espécie de película de distanciamento que atrai a nossa leitura, permitindo o devaneio e uma disponibilidade confortante. Esperar-se-ia á primeira vista que esta visão nos sufocasse pela sua indignação, pela sua violência, pela abjecção das suas imagens. Não nos sufoca nem nos indigna. Pelo contrário: atrai-nos e não nos lega grande inquietação.

Caberia talvez perguntar porquê. Se o mundo ali está retratado com ironia, com mordacidade, carregado dos seus tumores e das suas doenças, se o espírito adoecido da comunidade ali se coisifica em pedaços de vísceras-máquinas, em restos de corpos, de rostos vazados, de sonhos desfeitos, como se explica que a temática nos deixe num estado de espírito muito próximo da indiferença e o nosso olhar se encontre, pelo contrário, seduzido por uma escrita e por uma poética que fàcilmente destacamos das suas implicações anedóticas? Para se adiantar uma interpretação desse fenómeno, haverá que recuperar o que atrás se disse sobre o comedimento do autor em relação a qualquer coisa que ele deseja perservar do abismo, ou da pura demolição. Mas há também que referir outra coordenada: e essa diz respeito a uma propensão que Carlos Ferreiro manifesta para o maravilhoso e para o fantástico, oceano muito vasto onde o pus se dilui e onde a nossa imaginação se entrega á íntima tarefa de reconstruir as imagens, de refazer os seres, de reinventar o mundo. A breve trecho, é nessa dimensão que caminhamos, presos ao fascínio de uma escrita preciosa, que nada tem de demente, e que parece bordar com uma nostálgica demora outro universo onde é permitido sonhar e onde o medo acontece esmagado contra um florescimento poético avassalador.



Desenho de Carlos Ferreiro: textura poética e escrita artesanal, demorada, intensa.

INICIATIVA REVELADORA

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, de colaboração com o Instituto Italiano de Cultura em Portugal, inaugurou recentemente uma exposição de pequenos bronzes de escultores italianos contemporâneos. O estudo incluído no catálogo, assinado por Fortunato Bellonzi, aprecia de forma indirecta este problema, situando-se sobretudo nas origens da escultura moderna em Itália e atribuindo a Medardo Rosso uma importância fundamental. Ao fim e ao cabo, os limites da exposição aparecem logo denunciados nesse estudo, pois não é difícil reconhecer que o mote de «pequenos bronzes» vem restringir perigosamente toda uma representação justa e adequada da maioria dos autores e até dos problemas que a escultura actual tem assumido com maior ou menor propriedade. Para além disso, a escolha dos artistas, que se desdobra prudentemente numa linha de eclectismo por vezes quase caricatural, furta-se à opção decisiva de cortar mais fundo no sentido de revelar a espinha dorsal da verdadeira modernidade. A prospecção assim efectuada, apesar de incluir meritòriamente alguns dos nomes mais significativos da moderna escultura italiana, bifurca-se em excesso no respeitante às definições estéticas e acomoda-se, do ponto de vista crítico, a uma absurda heterogeneidade de valores.

Seja como for, a exposição reveste-se de uma grande importância para o contacto com a arte italiana no presente, considerando sobretudo essa importância na linha de esclarecimento de um público que carece de maior informação a este respeito. A iniciativa exemplifica, por assim dizer, o que os organismos responsáveis, possuidores dos meios de acção mais adequados técnica e econòmicamente, podem realizar entre nós a favor da cultura. Tivemos ocasião de percorrer a exposição dos escultores italianos num momento em que o grande auditório da Fundação Gulbenkian estava a funcionar com uma sessão de «ballet» e o museu se encontrava paralelamente repleto de visitantes. A convergência destas actividades dava às instalações daquela Fundação o aspecto de um grande centro de cultura em plena Europa, com um movimento raro de pessoas interessadas e uma circulação espectacular de públicos simultâneos. Por aí se podia imaginar, depois de estimada uma divulgação suficientemente densa das iniciativas e depois de criadas as justas plataformas de acesso às massas, a importância que viria a ter uma interpretação deste tipo, não apenas à escala da Fundação Calouste Gulbenkian, mas à escala de Lisboa e do País, empenhando diversos organismos particulares e oficiais, com especial atenção para os nossos museus, habitualmente sonolentos e imobilizados.

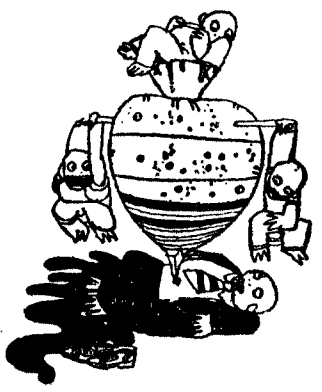
AUTORES de HOJE

João César Monteiro («Sapatos de defunto») e com Fernando Matos Silva. É actualmente colaborador no «Diário de Lisboa», como artista gráfico, aí realizando um trabalho de ilustrador já confirmado no do-

Carlos Ferreiro

NASCEU EM LISBOA, em 1942. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio.

Dedica-se às artes gráficas (desenho e ilustração) tendo passado também pelo teatro de revista, como cenógrafo. Trabalhou no cinema com Fernando Lopes (assistente de operador do filme «Uma abelha na chuva»). Depois trabalhou com



mínio público. O seu interesse pelas formas de desenho narrativo, sobretudo a banda desenhada, é um dos seus anunciados compromissos. Expôs agora na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

A sua obra encontra-se necessàriamente numa fase de definição, embora se revele muito caracterizada na forma e na deliberação temática, dentro de uma linha figurativa e surrealizante. Inspirando-se numa memória exacerbada e apaixonada, na vivência urbana e no retrato absurdo ou paradoxal das suas imagens quotidianas, Carlos Ferreiro desenvolve uma escrita preciosa e sensível, criando um clima de tensão entre as aparências conhecidas e a sua metamorfose alusiva. Humoral, acusatória, criadora de monstruosidades significantes e ao mesmo tempo nostálgica, esta obra inscreve-se no domínio de uma tendência portuguesa, que vai da sátira ao humor do grotesco e do riso demolidor. A sua textura poética sobressai sobremaneira de uma escrita artesanal, demorada e intensa.

DEPOIMENTO SOBRE «A RELÍQUIA»

por Luís Miguel Cintra

O TEATRO MARIA MATOS começou por impor ao público uma ideia de si próprio. Acabou por decepcionar quem adoptou para si esse modo de o olhar. No orgulho com que continua a ostentar essa decepção começa a denunciar-se: pretende fazer acreditar o público que a mentira que pôs a correr sobre si próprio, e na qual certo público acreditou, corresponde á realidade; pretende, portanto, jogar na estupidez desse bom público, ou na sua boa fé, ou no amor que ele tem á sua própria coerência. Significa isto que o Teatro Maria Matos joga com a sua própria incoerência, ou, por palavras mais feias, com a sua própria desonestidade.

O Teatro Maria Matos pretendia no princípio, e assim eu acreditei, ser duas coisas ao mesmo tempo: partindo da ausência de um teatro português, tornar-se: 1) no teatro do público português — através de um sistema comercial, transformando esse público no suporte económico dos espectáculos que pretende ver; 2) no teatro do teatro português — através de um repertório nacional que tivesse significado no contexto desse mesmo público. Falava ainda vagamente em fazer realizações (de espectáculos, portanto, encenações) que estivessem ao nível exigido. Tocava assim, que ao de leve, no problema mais grave do teatro português.

O programa do Teatro Maria Matos era um programa bonito mas difícil. O que aconteceu foi que o Teatro Maria Matos traiu completamente o público com quem se aliou: 1) recorre a subsídios, o que talvez seja necessário, mas não corresponde á intenção primeira, o que talvez seja necessário mas denuncia um qualquer erro significativo que me parece não estar no sistema proposto, mas sim na falsificação desse sistema na sua execução; compensa, disfarçadamente, a falsificação do sistema proposto em que tudo se jogava na iniciativa do público com uma monstruosa publicidade em que por todos os meios se tenta negar a esse público a capacidade de julgar, ou de pensar, ou outra qualquer digna qualidade intelectual, fazendo-o crer o contrário; 2) fornece um repertório nacional, sim, mas que nenhum significado tem no actual contexto português; pretende disfarçadamente convencer-nos do contrário tentando por todos os meios exteriores ao próprio espectáculo (publicidade, programa, etc.) desviar-nos de uma acertada apreensão dos textos, colocando o seu principal interesse na falsa oportunidade de uma ténue crítica social neles contida ou numa capa cultural feita á base do nome dos autores encenados (facto que, no caso de «A Reliquia», se torna mais grave ainda porque o texto encenado, por muito que a publicidade nos queira convencer do contrário, é não de Eça de Queirós, mas de Sttau Monteiro e Artur Ramos). O Teatro Maria Matos tem ainda colaborado activamente no principal erro do teatro português actual, negando sistemáticamente um papel activo da encenação no espectáculo, negando as funções específicas dos elementos artísticos que compõem um espectáculo para o seu significado como espectáculo. (E se em «A Reliquia» essa visão não corresponde á do encenador nem por isso a empresa do Teatro deixa de sabotar essa outra visão ou o efeito que ela poderia produzir no público, de novo através de meios exteriores ao palco, através de informações sobre o que nesse palco se passa que contrariam as próprias intenções do que nele se ouve e se vê).

O Teatro Maria Matos aparece agora como um

(Cont. na pág. 7)

«A Reliquia»: outra desilusão do teatro que merecemos

Ben Rumson (Lee Marvin): fugir à civilização

Regresso

por José Vaz Pereira

O MUSICAL novamente em marcha? Assim parece. O facto de procurar o ouro, em *Os Maridos de Elizabeth* (Paint your Wagon) por exemplo, não significa necessàriamente que o filão tenha sido descoberto, ou melhor, redescoberto. Mas surgem novos temas, novos territórios, novas experiências em que o musical se aventura: veja-se o caso desse soberbo *Oliver*, feito, aliás, por um homem que ninguém ousaria rotular de especialista do género e onde Dickens não é atraiçoado; o estilo mais do que o fogo em *My Fair Lady;* a sociedade do *drugstore* e da marginalidade retratada em *Sweet Charity;* a nostalgia da América do princípio do século em *Hello, Dolly!*

Tem-se criticada bastante o facto de se ir constantemente buscar ás operetas e aos grandes «shows» a fonte de inspiração (e nenhum dos filmes acima citados desmente essa regra) e ignorado a tradição dalguns musicais da época gloriosa (fins de quarenta, princípios dos anos cinquenta) que eram concebidos, pensados escritos e planificados directamente para o cinema. Sem se pensar sequer na adaptação de qualquer êxito da Broadway ou de Londres.

Essa observação é justa na medida em que se regista o progressivo enfraquecimento e empobrecimento da literatura de cinema e se verifica que, a continuar e a confirmar-se esta tendência, nada mais resta senão passar uma certidão de óbito ao escritor de cinema (Soreen Writer), reduzido a um funcionário que faz adaptações.

É justa ainda na medida em que o encenador, o compositor, o autor das letras das canções, o decorador, o director de arte, o figurinista, o operador, o coreógrafo, o argumentista, o homem dos diálogos e o realizador não participam num verdadeiro e empolgante trabalho de criação mas se limitam á fotocópia mais ou menos hábil dum sucesso consagrado. Mais ou menos servil.

Mas existem, também, razões para desculpar o caminho que invariàvelmente se tem seguido. Uma das razões é que, contrapondo-se á melancólica decadência do «music-hall», o «show», o grande espectáculo musicado do palco conhece um momento de euforia uma segunda idade de ouro que não conhece horizontes, que tanto vive de nostalgia como de realidades mais imediatas daquilo a que irónicamente se chama a sociedade de tolerância. O cinema não pode ignorar isso. Não pode recusar o filão que está diante dos seus olhos (e aqui intervém uma nova camada de produtores).

Esta nova camada de produtores, que está a tomar conta do negócio de cinema por toda a parte, terá, talvez recalcados, os mesmos sonhos de grandeza dos titans de Hollywood que passaram á lenda. Mas distingue-se deles em dois aspectos: não corre riscos inuteis e sabe fazer contas.

Evidentemente que estes homens estão interessados em passar para o cinema os «shows» que fizeram carreira na Broadway: é, pelo menos um princípio de garantia, uma apólice de seguro (com o risco inerente á actividade seguradora, claro) contra as produções catastróficas. E se alguma vez as coisas não correm bem é porque os novos produtores se esquecem, e como bons técnicos de comercialização não se deveriam esquecer, de que o mercado do cinema nos E. U. (e um pouco por toda a parte) é um mercado 75 por cento jovem. Portanto, exigindo não a obra «digestiva» que se pode ver na TV mas al-

dois livros que deve ler...

AS REVOLTAS DOS JOVENS — J. Joussellin — Col. JUSTIÇA E PAZ — Preço: 45$00

Se queremos continuar senhores dos nossos destinos, temos de afrontar a realidade — qualquer que ela seja — com lucidez e vontade. Um número crescente de homens já nos chama a essa vigilância. As reacções e as revoltas dos jovens não serão parte, por excelência, dessa necessária advertência? Não nos sublinham os jovens com uma particular acuidade a urgência de encontrar efectivamente a realidade?

NA SENDA DA POESIA — RUY BELO — Col. ENSAISTAS CONTEMPORÂNEOS Preço 50$00

Ruy Belo não tem limitado a sua actividade literária à prática da poesia, traduzida já na publicação de quatro livros. Ao longo de mais de dez anos, tem colaborado na imprensa com ensaios e artigos, dos quais neste livro se reúnem os que mais significativamente versam sobre a poesia. São ensaios teóricos uns, de aplicação outros, todos eles alimentados por uma reflexão sobre a poesia em que o autor mostra consciência dos problemas humanos ao nível da expressão literária particularmente contemporânea.

UG

No caso de não encontrar estes livros no seu livreiro, envie o seu pedido para UNIÃO GRÁFICA — Rua Santa Marta, 48 — Lisboa — Telef. 44 19 1, e receberá, à cobrança, os exemplares que desejar.

«Os Maridos de Elizabeth»: no limiar de um Eldorado

do Musical

go de novo, de inconformista de arrojado.

Um terceiro aspecto, esse menos venal, é que depende muito do talento dos cineastas transformar o trabalho de adaptação num trabalho de criação. Passar para a tela um sucesso do palco exige novas perspectivas, novas dimensões, exige um espaço e um estilo especificamente cinematográficos. As dificuldades desta tarefa são positivas, na medida em que desafiam talento e imaginação e os convidam a dar uma resposta.

Vem isto a propósito do musical desta Páscoa *(Os Maridos de Elizabeth)* saga lírica, divertida e truculenta sobre a febre do ouro. Logan soube rodear bem as dificuldades de adaptação a tal ponto que, mesmo quando as canções falham ou não convencem, o filme continua a funcionar. Como se não fosse uma série de imagens coladas mas algo com vida e vitalidade próprias, com humor e com sarcasmo, picaresco sem ser vulgar, malicioso sem ser grosseiro. Logan (muita gente que trabalhou com ele afirma que o homem tem mão de ferro com luva de veludo) jogou a cartada da irreverência e ganhou: todos entramos na festa. Claro que Lee Marvin também ajuda mas mesmo nisso há ainda a tal «mão de ferro» do director.

UMA TORRENTE DE VIDA

Esta obra de Joshua Logan lembra uma destas construções que tombam fragorosamente mas em que o próprio desmantelamento é alegria trepidante. Não só ai a queda da cidade embrionária mas também a apressada «educação» do jovem campónio ou a intervenção confusa mas até simpática dum pastor que quer purificar, com certa inconsequência, a Babilónia pecadora.

Logan foi hábil em levar ao seu moinho essa torrente de vida em que tudo se atropela porque tudo é primário, instintivo, directo, carnal. Mas com sabe também jogar no equilíbrio criou certos momentos de placidez, de delicadeza. Nem sempre esta táctica resultou: veja-se Clint Eastwood a cantar para as árvores: ninguém acredita.

O mesmo não se pode dizer, porém, duma canção sobre homens sós *(They call the wind Maria)* muito bem cinematizada ou ainda a inesperada interpretação de Marvin em *Wandering Star* em que o elemento solidão volta a ser excelentemente trabalhado, com uma madrugada ensopada em brumas e nevoeiro, gente que lembra sombras no meio de sombras e aqui e ali, luzecos acesos com uma hipótese de calor e aconchego, no meio do frio.

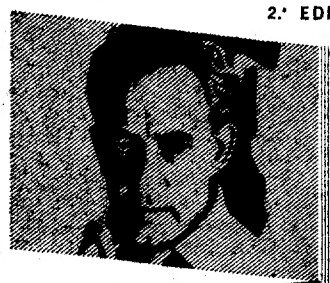
Lee Marvin canta ou melhor murmura a letra da canção, apoiado por um coro, mas dá tal força interpretativa ás palavras que toda a sequência se transforma em pura magia, num instante precioso de identificação humana no meio da fragilidade dum mundo que se destrói e reconstrói todos os dias.

Julgamos, pois, que recomeça a haver razão para o optimismo. *Hello Dolly*, *Sweet Charity* e *Os Maridos de Elizabeth* na mesma época já não é nada mau.

Os meios técnicos de que dispõem hoje os realizadores para o musical também ultrapassam grandemente aqueles de que dispunham os seus antecessores. Pense-se sómente nas possibilidades que dá o 70 mm bem aproveitado. Pense-se na própria melhoria da qualidade sonora do filme, que se tem vindo a acentuar.

Estamos no limiar dum Eldorado. Mas, se faltar o talento e o vigor, o musical não reencontrará a idade do ouro e entrará melancólicamente numa sala de gravações ou num cenário de fancaria. Não irá pela estrada mas por um atalho mesquinho.

obras de
JOSÉ GOMES FERREIRA
ACABA DE SAIR
IMITAÇÃO DOS DIAS
2.ª EDIÇÃO



OBRAS:
POESIA-I, 4.ª ed. • POESIA-II, 3.ª ed. • POESIA-III, 3.ª ed. • A MEMÓRIA DAS PALAVRAS, 2.ª ed. • IMITAÇÃO DOS DIAS, 2 ed. • AVENTURAS MARAVILHOSAS DE JOÃO SEM MEDO (romance) • O MUNDO DOS OUTROS (histórias e vagabundagens), 3.ª ed. • TEMPO ESCANDINAVO (contos).

IMITAÇÃO DOS DIAS
«Pela forma excepcional como maneja um estilo que é dos mais rigorosamente pessoais de toda a nossa história literária (...) é Imitação dos Dias *uma obra única. Porque motivo há-de esta obra ter menos fama que os* Cahiers de Camus*?»*
ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

TEMPO ESCANDINAVO
«... uma longa narrativa de solidão e amor efémero estilhaçada em nove episódios passados na Noruega e totalmente inventados para serem mais reais e verdadeiros...»

PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 13-3.º LISBOA

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Os nomes conhecidos

Os nomes conhecidos dominaram estes sete dias entre um Prontuário e outro. José Gomes-Ferreira viu reeditada (na Portugália) a sua «Imitação dos dias», livro a muitos títulos importante, enquanto Fernando Namora, que continua a esgotar edições sobre edições, entrou na 7.ª de «O trigo e o joio» (Europa-América), agora lançado também nos Estados Unidos. Do Porto veio «A palma da mão», de Urbano Tavares Rodrigues, primeiro título deste autor na Inova (colecção Ofício de Viver).

Entretanto, a Arcádia inclinou-se para a ficção russa («Companheiros de armas», de Konstantin Simónov, e o III volume das «Obras completas de Tolstoi») e os Livros do Brasil mais uma vez para Jorge Amado, de quem muita gente irá descobrir «O país do Carnaval», «Cacau» e «Suor» reunidos na mesma capa.

No Rio de Janeiro — «Jornal de Letras», n.º 236, Fevereiro e Março — comentou-se Manuel da Fonseca, ou «Um Neo-Realista» no dizer da prof.ª Maria Lúcia Lepecki. Minitranscrevemos: «Pode-se falar, com respeito a ele, de um anti-estilo, ou seja de um estilo determinado não pelo modo de ser do Autor mas substancialmente informado pelo facto que, em cada momento, enfoca. Anti-estilo, maleabilidade surpreendente da forma exterior parecem realmente ser dos traços mais definidores do Autor em questão, o que faz com que cada um de seus livros seja um constante renovar das possibilidades expressivas de uma linguagem seca, depurada e nua, como a própria terra que retrata.»

Walt Whitman: a reter

A poesia

Quanto à poesia, começamos por apontar que houve também uma reedição, a de «A chaga do lado», de José Régio (Portugália). «Walt Whitman: vida e pensamento», de Luís Eugénio Ferreira (Galeria Panorama), é outro título a reter. O registo — e apenas isso — vai até «Poentes», de J. Guedes da Silva (ao estilo de António Aleixo), e «Tempo perdido», de J. Gomes Cachadinha, duas edições de autor. Uma curiosidade: a casa McCall Publishers propõe por cinco dólares menos cinco cêntimos a estreia poética de Tom Meschery, «Over the Rim», colectânea assinada por um internacional norte-americano de basquetebol.

Outros livros (1)

Apareceram muitas novidades mais. Na Portugália, por exemplo, os «Escritos do tempo da guerra», de Teilhard de Chardin, traduzidos pela poetisa Luísa Ducla Soares. Na Inova, além da reedição dos dois volumes da «Heterodoxia», de Eduardo Lourenço, lançados primeiro — e separadamente — em Coimbra, saiu «A psicologia da visão», de R. L. Gregory (n.º 6 da Biblioteca Universitária). Com a chancela das Edições Delfos vimos um clássico da reportagem: «Dez dias que abalaram o mundo», de John Reed. A Bertrand acrescentou à sua série Documentos de Todos os Tempos um curioso mergulho no submundo americano («Os ministros do crime», de Stéphane Groueff e Dominique Lapierre) e a Verbo lançou «Os povos nómadas das estepes», de E. D. Philips, leitor da Universidade de Belfast. «Cultura e sociedade de massa», de Étienne Gilson, foi vertido para português pela Moraes (colecção O Tempo e o Modo), enquanto a Pórtico aumentou o seu catálogo especializado com «Os passatempos dos jovens», de Georges Lerbert, e «O dirigente do futuro», de Albert Ackermann. Três lançamentos também especializados, estes da Livraria Civilização, foram «Filhos, estudos e profissão», de Najera, Castillo e Garay, «Princípios de pedagogia sistemática», de Victor García Hoz, e «O chefe na empresa», de H. R. Light.

Outros livros (2)

● Dr. Li Ching «Manual da cozinha chinesa» (Editorial Início): uma edição de luxo para um tema requintado. Como se está à mesa, como se come e como se prepara o que se come; sobretudo o que se come. Citações de vários autores portugueses acompanham o volume.

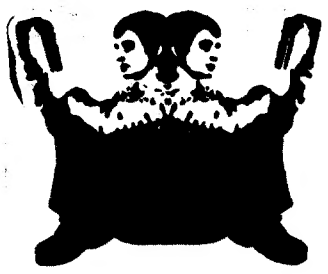
● M. Nogueira Borges, «Não matem a esperança» (edição do autor): os primeiros passos de um jovem ficcionista com muita coisa para contar, e não só da Europa. Estilo incipiente, que se espera ver melhor tratado noutro livro, de mistura com algumas passagens perturbadoras.

● Reis Ventura, «Cidade e muceque» (Editora Pax): autor galardoado com o Prémio Fernão Mendes Pinto. O oposto de Fernão Mendes Pinto.

● Mariza Ryder, «Mona Lisa» (Editora Pax): «Entre gaifonas e trocadilhos maliciosos, a pilhéria rendeu-lhe as homenagens que afinal ela, mercê de reais predicados, já de há muito vinha recebendo dos íntimos da nora. Como vêem» (a pág. 273), «muito há a esperar do espírito faceiro de uma garota octogenária.»

● A. C. Rodrigues, José M. Marques e Joaquim M. Marques, «Dossier Coimbra — 1969» (Livraria Sampedro Editora): «utilizando igualmente a praxe, as Repúblicas têm também funcionado como centros de recrutamento ideológico e proselitismo» (pág. 155). Etc.

A asfixia, é claro: somos os primeiros a notá-lo. A asfixia dos muitos livros, dos muitos títulos, das muitas referências. Por vezes um certo ar de estante sem grande método: concedido também. Por isso vamos desossar o Prontuário e servir (de preferência) carne limpa. Já na próxima semana!



Da literatura experimental

(Cont. da pág. 1)

aceleRada modificação moral, económica, social, espiritual — e no qual as necessidades de comunicação são cada vez mais complexas e prementes, e ultrapassam até os próprios indivíduos absorvidos e alienados nos interesses do seu dia a dia. A literatura experimental é pois uma luta humanamente dramática contra o desgaste e a obsoletização da linguagem corrente e a procura de meios de comunicar adequados ás novas situações colectivas.

Uma literatura desumanizada é uma literatura que já não contém capacidade para estabelecer a comunicação, por se terem gasto e esvasiado os seus meios e métodos, agora já inadquados, para o uso dos homens. Mas creio que será necessário referir que o próprio conceito de «humano» e «desumano» em Arte e Literatura—provém de um contexto cultural — e de um ideário filosófico novecentista — que já hoje é completamente obsoleto. De facto, mais importantes do que o juízos de valor feitos com base em sistemas filosóficos é o facto de nós hoje sabermos que toda a actividade do Homem se dirige para o Homem, e que as suas consequências boas ou más recaem apenas sobre o próprio Homem. E nós hoje sabemos também que um pensamento rigoroso e não emocional — pode servir melhor o Homem — ou seja a sociedade de todos os Homens — (quando por exemplo cria um computador) que um inflamado discurso de boas ideias tradicionalmente humanistas ou uma comovente história belamente contada.

O contrário de uma literatura desumanizada, ou seja uma literatura humanizada, será portanto uma literatura que serve plenamente as razões para comunicar efectivamente e para investigar os meios por que se faz essa comunicação, indo ao encontro das futuras necessidades dos homens em matéria de expressão, comunicação e conhecimento...

Em termos de literatura creio que estas questões se podem exemplificar do seguinte modo: Consideremos os casos de Fernando Pessoa e de João de Deus. Ambos Poetas. João de Deus — é um profundo pilar humanista do seu tempo, mas já não serve para a comunicação dos nomes de hoje e de facto a sua Poesia pouco ou nada já nos diz: — está portanto desumanizado. Fernando Pessoa — considerado louco e desumanizado no seu tempo— foi o verdadeiro criador do português falado que hoje todos usamos para nos exprimirmos — sem disso sequer nos darmos conta — quantas vezes.

O SENTIDO SOCIAL

O sentido social e a utilidade sociais da literatura experimental estão hoje bem esclarecidos em todo o Mundo — justamente nos termos em que tenho vindo a falar: isto é: a investigação sobre a Natureza viva da linguagem como meio de comunicação —é um problema central e vital da sociedade dos homens.

E isto, para além das ideologias políticas — para além dos conceitos estéticos — para além dos sentimentos saudosistas no género de «no tempo da literatura de sentimentos é que era bom» ou «Mas então onde é que fica o espírito e o coração?» etc.

É que o espírito e o coração do Homem estão em tudo o que ele fizer — de bom ou de mau — porque o homem é um somatório de muitos totais contraditórios — e não apenas de boas e certas ideias ou intenções ou

sentimentos, e também porque uma máquina nova que o espírito do homem inventa é mais certa e mais útil que uma bela dissertação retórica. Isto porque as máquinas são extensões dos órgãos e das funções naturais do homem — e é sempre o homem que cria e comanda a máquina, desenvolvendo para isso até novas e inesperadas aptidões; eu diria até, as necessárias aptidões. — Pelo menos assim tem sido desde o invento da roda até às viagens espaciais...

Daí que a Arte experimental — ao investigar sobre a linguagem — seja eminentemente social — mas num sentido Universal do social — que é o único sentido social em que um livre artista criador sabe hoje, por experiência própria tantas vezes, poder ser posto honestamente este problema.

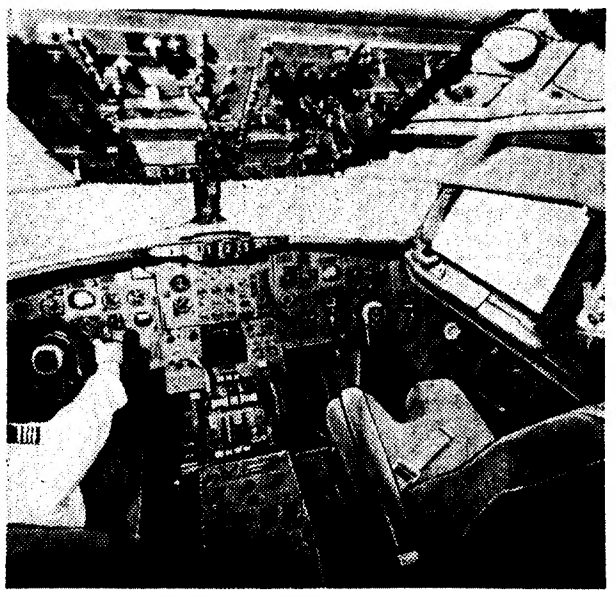
UMA ARTE EXPERIMENTAL CLÁSSICA?

A questão de saber se a actual literatura experimental virá ou não a da comunicação existencial — como de resto o são hoje todas as artes do passado — na medida em que as circunstâncias e necessidades do futuro serão diferentes das nossas. Mas creio que as obras da arte experimental de hoje — encontrarão eco em futuras épocas ser um dia considerada clássica — deve ser cuidadosamente especificada — porquanto o termo «clássico» — em toda a sua conotação de perfeição estática — perante o dinamismo de investigação e pesquisa, perante a que preside a toda a actividade de criação experimental.

O que ela virá a ser com certeza é desvitalizada sob o ponto de vista afins — tal como hoje encontram eco especial a Poesia dos trovadores e se começa a revalorizar a Poesia Barroca — ambas como fundamentais para a compreensão da nossa própria Poesia de Hoje.

E. M. DE MELO E CASTRO

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!



Quem lhe diz que não?
Leia e responda a este anúncio
para ter a sua certeza
e a certeza de encontrar
uma profissão moderna,
cheia de dinamismo,
responsável
e muitíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável
e prestigiada
e asseguramos-lhe uma formação
e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia
em pleno crescimento e
permanentemente actualizada:
ampliamos e aperfeiçoamos
os nossos serviços,
aumentamos o número das nossas escalas
e a nossa frota,
PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!
Estes terão menos de 32 anos
(até 15 de Abril),
frequência de um curso superior
(ou equivalente)
e a situação militar regularizada.
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ:
responda a este anúncio,
dirigindo-se com urgência
à Divisão do Pessoal Navegante da TAP,
Edifício n.º 25 - 2.º andar
Aeroporto de Lisboa

MARCA-Tpt-70

TAP
TRANSPORTES AEREOS PORTUGUESES

Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

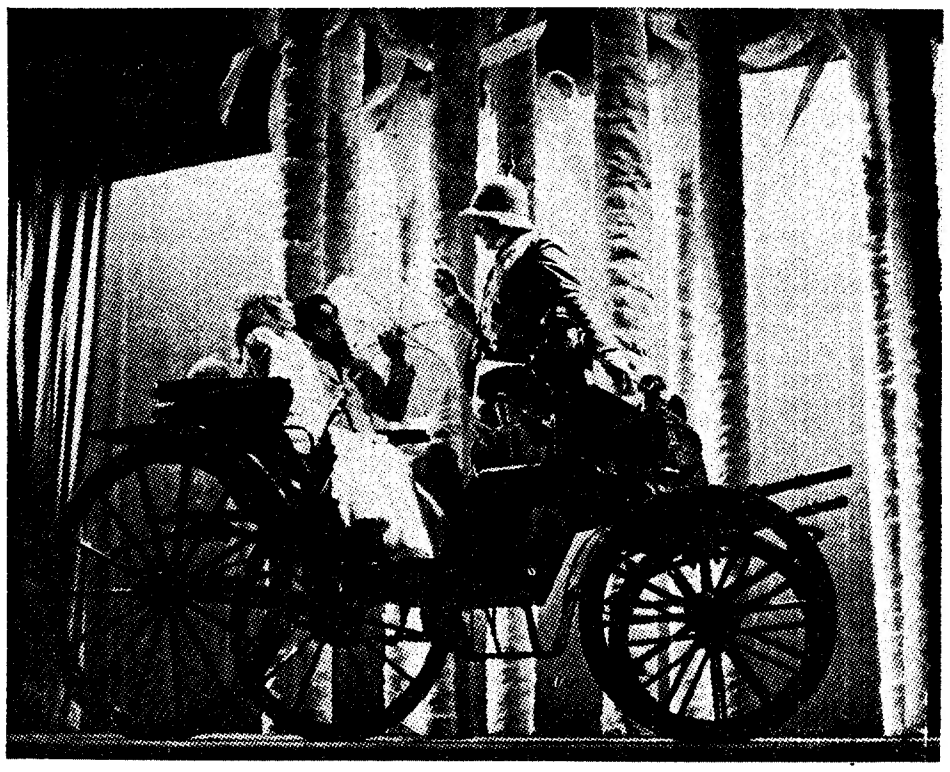
Jorge Luís Borges

(Cont. da pág. 1)

sob este título um conjunto de novelas traduzidas em França) o símbolo desta obra. Numa narrativa espantosa, uma das mais notáveis de Borges, *A casa de Astérion* (em *Aleph*), o leitor penetra, pouco a pouco, num domínio cuja complexidade topográfica só se revela por alusões e cujo dono, Astérion, espera um visitante do qual nada sabe, que deve revelá-lo a si próprio, esclarecê-lo, enfim, sobre o sentido da sua vida. Pensa Astérion: terá ele uma cabeça de homem num corpo de touro ou um corpo de homem com uma cabeça de animal? Astérion vê chegar o visitante: «O minotauro, dirá Teseu, mal se defendeu».

Basta entrar nos livros de Jorge Luís Borges: cada um dos seus leitores o revela a ele mesmo, somando a sua verdade á da narrativa, matando o autor em benefício do livro. No labirinto que é a biblioteca dos séculos, a evidência descobre-se sempre no desvio do imaginário e o leitor é sempre o Teseu de uma ficção... Não imaginem Borges: vão ao encontro dele. De certo modo, ele é esse que vem: «*fui Homero, em breve serei Ninguém, como Ulisses, em breve serei toda a gente: estarei morto.*»

CLAUDE MICHEL CLUNY



«A Relíquia»: significado alheio à forma de produção

Depoimento sobre «A Relíquia»

(Cont. da pág. central).

enorme disfarce de que faz o seu principal modo de vida. O que é um poucochinho triste para quem chegou a acreditar.

II

Ao aceitar trabalhar como encenador para uma empresa como a do Teatro Maria Matos finalmente é, Artur Ramos continua o que até agora tem feito: faz o que, a julgar pelo resto da sua obra como encenador, acredita que é (e tem provado que sim) possível fazer — em nome do contacto directo com o publico e servindo-se até onde é possível da cegueira de quem lhe paga, fazer espectáculos dos quais se torna autor apesar de tudo porque sabe que os meios de expressão que lhe dão a possibilidade de utilizar (as técnicas de encenação) têm a total inteligência num terreno chamado palco.

Mas se a empresa do Teatro Maria Matos finalmente é semelhante ás empresas com quem Artur Ramos costuma trabalhar, também é verdade que ela escolheu uma maneira de o ser completamente diferente: o disfarce. E assim Artur Ramos, não modificando a maneira de viver com os palcos portugueses que escolheu para si quando aceitou conviver com um palco português que adoptou um modo de vida diferente daqueles a que estamos habituados, obrigou-se a si próprio a ceder. Porque, se quando trabalhava com empresas sobre as quais o publico (refiro-me, claro, a uma minoria capaz, apesar do que normalmente vê, ainda ou já de fazer subtilezas) formava uma opinião certa, a cumplicidade com esse publico era possível; se então aos olhos desse publico, apesar de cegueira da empresa, aparecia nitida a contradição de intenções entre ele e ela, o mesmo já não é possível fazer nos mesmos moldes quando a empresa faz um jogo que não é decente dando ao publico uma falsa ideia de si própria.

Assim «A Relíquia» colabora, quer queira quer não, na mentira do Teatro Maria Matos. O espectáculo aparece ao publico, exactamente como o «Tombo no Inferno», porque sujeito igualmente á máquina do Maria Matos, como a encenação necessária do texto importante de Eça de Queirós, um dos maiores escritores portugueses, embebido de uma crítica leve mas oportuna a certo ambiente ainda actual. Aparece sem o ser. Porque, se o Teatro Maria Matos joga com Artur Ramos e Sttau Monteiro, com os seus nomes e com aquilo que são capaezs de fazer, também Artur Ramos e Sttau Monteiro são capazes de jogar com o Teatro Maria Matos (mas o perigoso é que também por isso jogam com a ingenuidade do publico) fazendo aquilo que o Teatro Maria Matos pede, mas finge que não pede.

Só que o jogo de Artur Ramos e Sttau Monteiro é mais subtil e feito á custa de coisas que o publico ainda não se habituou a compreender. E isso sabe-o o Teatro Maria Matos que, apesar do que o publico vê no palco, chama a «A Relíquia» «a divertidíssima sátira» «que utiliza todas as possibilidades do palco do Maria Matos», e o publico acredita, e julga mal aquilo que vê.

Pois que vê o publico que vai agora ao Teatro Maria Matos? Que é isso que o Teatro Maria Matos pede mas finge que não pede? — Um espectáculo fácil (no pior sentido da palavra) mas um espectáculo bem feito para que o publico goste sem mais. «A Relíquia» é um «digest» bem feito do romance de Eça de Queirós: a transformação das técnicas romanescas em técnicas de palco (o narrador-personagem, a compartimentação do rotativo, a rotação, não serão a excelente maneira de fixar num lugar-palco o que é contrário a ele e que o romance permite — a constante deambulação no espaço e no tempo?) é quase exemplar. E é também um «digest», como pede o Teatro Maria Matos, num teatro menos sério, dessas técnicas de palco que se utilizam num teatro mais sério que nós desconhecemos.

Mas há uma coisa que é completamente alheia ao Teatro Maria Matos e que nunca é alheia ás encenações de Artur Ramos e por isso, apesar de tudo, ele continua a ser, sem duvida nenhuma, o encenador português de quem mais gosto. Artur Ramos sabe que um espectáculo, desde que defina dentro de si próprio um determinado numero de leis pelas quais se rege, desde que construa a sua coerência, ganha um significado próprio, dentro da sala, no contacto directo com o publico. E que esse significado é alheio á forma como o espectáculo é produzido. E independentemente de tudo o mais, ainda que só uma pequenissima parte do publico entenda (como aqui acontece, e a culpa não é sua), nessas leis, nessa coerência interna, Artur Ramos usa de toda a sua sinceridade, expõe-se completamente, é honesto até ao fim (talvez porque essa seja a regra do jogo dessa vida difícil que escolheu nos palcos portugueses).

Artur Ramos: regra do jogo, honestidade até ao fim

E se realmente colabora com tal empresa fazendo «A Relíquia», ainda que colaborando da maneira mais certa — correspondendo ao que na realidade ela pede e não ao que finge que pede —, nem por isso deixa de mostrar ao publico que o entender, pelos meios que lhe dão a liberdade de utilizar, que ele ali não se está a levar a sério, que aquilo é uma desistência de um espectáculo sério até ao fim. Quando, ao longo do espectáculo brinca com aqueles mesmos processos que escolheu, anulando em favor de «gags» as funções que antes lhes atribuira, quando aceita que o cenógrafo negue em favor da pura decoração, a caracterização dos ambientes que os vários compartimentos do rotativo estariam prontos a fazer, quando, depois de desenvolver determinado esquema de marcação em cada cena num cenário o anula com a saida do Raposão Mário Pereira para fora da área de representação ali delimitada, quando transforma em supérflua a utilização que começa por parecer necessária, das sombras; quando trabalha o actor Mário Pereira com imenso cuidado logo joga com a simples presença de Elvira Velez, está aos olhos do publico a corromper-se a si mesmo, a expor a sua própria desistência. Desistência que é a negação dos dois principais defeitos (por culpa do Teatro Maria Matos que os pretende qualidades) são atribuidos ao espectáculo: oportunidade da sátira que contém e a importancia de mostrar ao publico técnicas de palco desconhecidas por ele.

«A Relíquia» é, com a do Teatro Maria Matos, *outra* desilusão do teatro que merecemos. Mas porque se trata de uma encenação de Artur Ramos é uma desilusão que se não envergonha de o ser. Porque é já consciente da sua derrota, este espectáculo deveria ser, apesar de tudo, a alegria do publico português na actual tristeza que lhe deveriam causar as recentes chegadas triunfais aos palcos que são os seus.

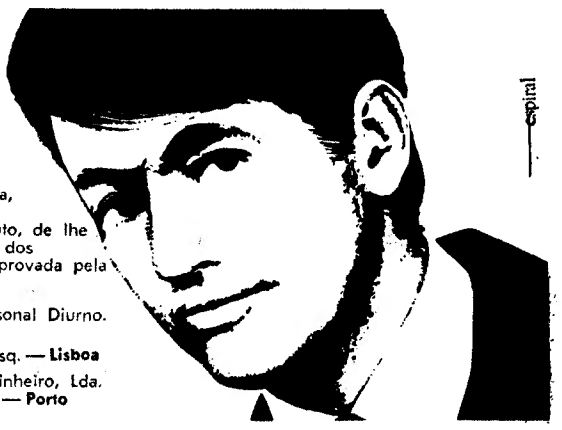
LUÍS MIGUEL CINTRA

VENÇA NA VIDA
POR SI PRÓPRIO
DESPENDENDO APENAS MENSALMENTE 163$30
SEM FIADOR
ENTRADA INICIAL

A Philips, sempre na vanguarda do Progresso, proporciona-lhe a aprendizagem de uma nova língua, em novos moldes.
Em sua casa, nas horas vagas, pode aprender ou aperfeiçoar, com um mínimo de esforço, a língua que deseje pelo moderno
MÉTODO AUDIO ACTIVO COMPARATIVO
DOS CURSOS DE LÍNGUAS PHILIPS E VISAPHONE

■ Cursos individuais com características de laboratório de línguas — o aluno conversa com o professor e corrige a pronúncia.
■ Seis línguas à sua escolha — Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol e Russo.
■ Gravador LCH 1000 que, além de servir para o curso, pode ser utilizado como qualquer outro.
PARA QUAISQUER ESCLARECIMENTOS, DIRIJA-SE A UMA DAS DUAS LOJAS
VAPEDRONE
54 — Rua da Vitória — 56 Tel. — 35613
17 — R. dos Fanqueiros — 19 Tel. — 35614
e brevemente
Av. Almirante Reis — 82 - A
LISBOA

SONHA COM UMA CABELEIRA FARTA? RETENHA UM NOME:
PERSONAL NOCTURNO
Personal Nocturno é uma loção capilar concentrada, à base de hormonas, vitaminas, anti-bacterianos e anti-micóticos, capaz, como nenhum outro produto, de lhe restituir o cabelo através de renovação sistemática dos tecidos. Decida-se por uma solução eficaz, já comprovada pela experiência de milhares de pessoas
Complete também a sua higiene matinal com Personal Diurno.
Representantes: Aymami Peig, Lda. Av. Grão Vasco, 45, r/c., Esq. — Lisboa
Depositário no Norte: Tubarão Mendes & Pinheiro, Lda. Rua Santa Teresa, 14 — Porto



Pontilene
O PONTO MÁXIMO EM LÃ/POLIESTER PARA FATOS DE HOMEM
UM TECIDO Pontifice

O CINEMA segundo Eric Rohmer

Jean-Louis Trintignant e Marie-Christine Barrault em «Ma Nuit chez Maud»

ANUNCIA-SE para muito breve a estreia entre nós do primeiro filme de Eric Rohmer a lograr alcançar o mercado cinematográfico português: *Ma Nuit Chez Maud* («A Minha Noite em Casa de Maud»).

Cineasta considerado em França — unânimemente — como um dos mais importantes autores de cinema recentemente promovidos, Eric Rohmer possui, no entanto, um passado de aprendizagem na curta-metragem e na televisão que lhe foi certamente proveitoso.

Para além deste factor significativo, outros aspectos há concorrendo para fazer da estreia de *Ma Nuit Chez Maud* em Lisboa um acontecimento. Entre eles, o facto de Eric Rohmer ser um dos mais brilhantes e combativos críticos dos *cahiers du cinema* é, seguramente, razão de peso e motivo justificado para dele se fazer esta sua primeira apresentação ao público português. Para tanto, traduzimos algumas passagens de declarações suas recolhidas numa entrevista concedida aos próprios *Cahiers* (n.º 172, de Novembro de 1965), passagens essas que ilustram, com certo rigor, aquilo que é *«o cinema para Eric Rohmer»*.

LAURO ANTÓNIO

LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

A QUESTÃO da linguagem cinematográfica interessa-me muito, embora possa ser um falso problema e ameace mesmo desviar a atenção do próprio trabalho de criação. É uma questão que, porque extremamente abstracta, exige que se adopte uma atitude em face do cinema que não é a de autor nem a de espectador. Impede-nos de saborear o prazer que proporciona a visão do filme. Posto isto, estou de acordo com Pasolini quando diz que a linguagem cinematográfica é, na realidade, um estilo. Não há gramática cinematográfica, mas sim uma retórica que de resto é por um lado extremamente pobre e por outro extremamente mutável.

CINEMA CLÁSSICO, CINEMA MODERNO

Não acredito que o cinema moderno seja um cinema em que se deva sentir a câmara. Acontece que há actualmente muitos filmes em que isso sucede (como, de resto, houve no passado), mas não posso acreditar que a distinção entre cinema moderno e cinema clássico resida aí. Não acho que o cinema moderno seja exclusivamente um «cinema de poesia», e o cinema do passado só um cinema de prosa ou de narrativa. Para mim há uma forma moderna do cinema de prosa e do cinema «romanesco», em que a poesia está presente mas aparece de roldão: vem por acréscimo, sem que seja solicitada expressamente. Não sei se me poderei explicar a este respeito, na medida em que isso me obrigaria a fazer juízos sobre os filmes dos meus contemporâneos, coisa a que me recuso. Em todo o caso, parece-me que os *Cahiers du Cinema*, por um lado, e as críticas, por outro, têm tendência excessiva a interessar-se, sobretudo, pelo cinema em que se sente a câmara, o autor — o que não quer dizer que isto seja o «único» cinema de autor — em detrimento de um outro cinema, o cinema narrativo, que se considera imediatamente como clássico, enquanto que, na minha opinião, não o é mais que o outro. Quanto àqueles que, não sendo pròpriamente os que eu prefiro, mas que estão mais próximos daquilo que eu próprio procuro, quem são? Cineastas em que se sente a câmara, mas em quem isso não é o essencial: a coisa filmada é o que, acima de tudo, tem existência autónoma. Por outras palavras, interessam-se por um universo que não é expressamente cinematográfico. O cinema para eles é menos um fim que um meio, enquanto que com Resnais, Godard ou Antonioni se tem a impressão de que o cinema se autocontempla, que os seres filmados não têm existência senão no interior do filme ou do cinema em geral. São cineastas que fizeram poucos filmes, e que podem ainda mudar, passar-se para o outro lado. Considero os seus filmes tal como são, e até menos os filmes inteiros do que certos momentos deles: por exemplo, certas passagens de «Adieu Philippine», em particular a cena das vespas, ou, então, o filme, de que gostei imenso, «La Vie a l'euvers», de Alain Jessua. Ou ainda Chabrol no que tem de melhor — porque, evidentemente, em Chabrol há o lado cinéfilo, mas é um aspecto mistificador que não me parece o mais profundo.

NOVAS TÉCNICAS

Sempre que se tentou defender técnicas novas estava-se na razão, e a história, o tempo justificaram essa atitude. Pelo contrário, sempre que alguém tentou defender uma posição puramente estética, mesmo que aparentemente ligada a inovações técnicas, enganou-se sempre, por mais inteligente que fosse. Por exemplo, André Bazin: o que há de mais contestável nele é precisamente a sua defesa de um novo cinema com base na profundidade de campo. Isto de maneira nenhuma resultou. Aconteceria o mesmo com o cinema puramente realista. Ou, ainda, com um cinema que fosse puramente «cinema de poesia»; ou um cinema como o de Resnais, em que a cronologia desaparecesse completamente, onde o subjectivo e o objectivo estariam misturados. Abrem-se portas, mas são portas sem saída. Estas inovações não têm, forçosamente, futuro. Nunca se soube em que direcção caminhava o cinema. Sempre que se pensou que ia num certo sentido, ia, realmente, noutro completamente diferente.

DESDRAMATIZAÇAO

Não gosto da palavra, nem da coisa (desdramatização). Quando se perguntava a um cineasta dos anos 40, por exemplo Jacques Becker: «Que filme faria se pudesse realmente fazê-lo com toda a liberdade?», ele respondia: «Gostaria de fazer um filme sem história». Há muita gente desta opinião. Por mim, penso que o cinema pode ser moderno e contar uma história. Não vejo porque é que o facto de não ter história há-de ser mais moderno. Isso talvez seja verdade para o romance moderno, mas o cinema precisa de ser considerado em si. É necessário esquecer o que é a literatura moderna, como seria necessário esquecer também o que é o cinema, e eis porque não gosto de falar nisto. É preciso ir à frente sem pensar seja no que for. Mas há cineastas que não o conseguem, gostam de reflectir sobre o cinema, e partir desta reflexão para a criação. Neles o cinema autovigia-se continuamente. Não sei em que categoria estou, não posso julgar, mas gostaria de estar na segunda, e de cada vez que vejo um cinema muito aberto para o exterior sinto-me seduzido, talvez porque ache que o cinema não é actualmente muito aberto a este mundo, está fechado demais em si. Seja expressamente ou não.

CINEMA AMERICANO

A certa altura gostei muito do cinema americano, mas actualmente interessa-me menos. Quando digo que pode haver um cinema moderno que não seja uma reflexão sobre o cinema, isto não implica que seja um cinema ingénuo. Distingo dois cinemas: aquele que se toma por objecto e como fim, e aquele que toma o mundo por objecto é um meio. Mas posso muito bem reflectir sobre o cinema como meio, e sobre isso tenho muitas ideias. Os americanos eram muito ingénuos, quer dizer que nunca escreveram, nunca reflectiram sobre o cinema, nem enquanto meio, nem enquanto fim. Quase todos (à parte, talvez, Hawks, que tem certas ideias sobre cinema como meio, mas ideias muito simples) reflectiram sobre o cinema como técnica ou sobre o mundo como objecto e nada mais. Nós, por nosso lado, podemos reflectir ao mesmo tempo sobre o cinema como fim e como meio.

Biofilmografia

1920 — 4 de Abril. Em Nancy nasceu Eric Rohmer. Curso de Letras e ingresso no professorado. Crítico de cinema em *Reuve du Cinéma, Les Temps Modernes, La Parisienne, Arts;* chefe de redacção de *La Gazette du Cinema* e *Les Cahiers du Cinema*. Co-autor de um livro sobre Alfred Hitchcock, de colaboração com Claude Chabrol.

FILMOGRAFIA:

a) CURTAS-METRAGENS

1951 — *JOURNAL D'UN SCELERAT;* 1951-61 — *PRESENTATION* on *CHARLOTTE ET SON STEAK;* 1954 — *BERENICE;* 1956 — *LA SONATA A KREUTZER;* 1958 — *VERONIQUE ET SON CANCER;* 1964 — *NADJA A PARIS;* 1965 — *PLACE DE L'ETOILE;* 1966 — *UNE ETUDIANTE D'AUJOURD'HUI;* 1968 — *FERMIERE A MONTFAUCON;*

b) FILMES PARA A TELEVISÃO ESCOLAR

1964-66 — *Les Cabinets de Physique au XVIII° Siècle, Les Metamorphoses du Paysage Industriel, Perceval, Don Quixote, Edgar Pöe, La Bruyère, Pascal, Mallarmé, Les Contemplations, Hugo Architecte, Louis Lumière, Le Beton.*

NA O. R. T. F. (série «Cineastes de Notre Temps»)

1965 — *CARL DREYER;* 1965 — *LE CELLULOID ET LE MARBRE.*

c) LONGAS METRAGENS

1952 — *LES PETITES FILLES MODÈLES;* 1959 — *LE SIGNE DU LION;* 1963-68 — *SIX CONTES MORAUX:* 1. *LA BOULANGERE DE MONCEAU;* 2. *LA CARRIERE DE SUZANNE;* 3. *MA NUIT CHEZ MAUD;* 4. *LA COLLECTIONNEUSE.*

PROJECTOS:

5. *LE GENOU DE CLAIRE;* 6. *L'AMOUR L'APRÈS-MIDI.*

TEILHARD DE CHARDIN

ESCRITOS DO TEMPO DA GUERRA

É assombroso ver um homem, que serviu como maqueiro em terríveis combates e vivia a maior parte do seu tempo na lama das trincheiras, aproveitar brevíssimos períodos de repouso para lançar ao papel notas e planos e redigir ensaios versando os mais altos problemas.
(do Prefácio)

DO ÍNDICE

A Vida Cósmica ☐ A Luta Contra a Multitude ☐ O Eterno Feminino ☐ O Padre ☐ Os Nomes da Matéria

COLECÇÃO DOCUMENTOS HUMANOS
VOL. DE 408 PÁGS. — 70$00

PORTUGÁLIA EDITORA

HELDER MACEDO

POESIA

(1957-1968)

«Um acontecimento assinalável para a literatura portuguesa»
E. PRADO COELHO

O REGRESSO DE UM DOS MELHORES POETAS DA SUA GERAÇÃO

«CÍRCULO DE POESIA»

MORÆS editores